



O CÁLICE

Reitor

José Daniel Diniz Melo

Vice-Reitor

Henio Ferreira de Miranda

Diretoria Administrativa da EDUFRN

Maria da Penha Casado Alves

Helton Rubiano de Macedo

Bruno Francisco Xavier

Conselho Editorial

Maria da Penha Casado Alves

Judithe da Costa Leite Albuquerque

Adriana Rosa Carvalho

Alexandro Teixeira Gomes

Elaine Cristina Gavioli

Everton Rodrigues Barbosa

Fabício Germano Alves

Francisco Wildson Confessor

Gilberto Corso

Gleydson Pinheiro Albano

Gustavo Zampier dos Santos Lima

Izabel Souza do Nascimento

Josenildo Soares Bezerra

Ligia Rejane Siqueira Garcia

Lucélio Dantas de Aquino

Marcelo de Sousa da Silva

Márcia Maria de Cruz Castro

Márcio Dias Pereira

Martin Pablo Cammarota

Nereida Soares Martins

Roberval Edson Pinheiro de Lima

Tatyana Mabel Nobre Barbosa

Tercia Maria Souza de Moura Marques

Tiago de Quadros Maia Carvalho

Reitor

José Arnóbio de Araújo Filho

Pró-reitor de Pesquisa e Inovação

Avelino Aldo de Lima Neto

Coordenador da Editora IFRN

Rodrigo Luiz Silva Pessoa

Conselho Editorial

Adriano Martinez Basso

Alexandre da Costa Pereira

Amilde Martins da Fonseca

Ana Judite de Oliveira Medeiros

Ana Lúcia Sarmento Henrique

Anna Cecília Chaves Gomes

Avelino Aldo de Lima Neto

Cinthia Beatrice da Silva Telles

Cláudia Battestein

Diogo Pereira Bezerra

Emanuel Neto Alves de Oliveira

Francinaide de Lima Silva Nascimento

Genildo Fonseca Pereira

José Everaldo Pereira

Julie Thomas

Leonardo Alcântara Alves

Luciana Maria de Araújo Rabelo

Marcus Vinícius de Faria Oliveira

Marcus Vinícius Duarte Sampaio

Maria Jalila Vieira de Figueirêdo Leite

Maria Kassimati Milanez

Maurício Sandro de Lima Mota

Miler Franco D Anjour

Paula Nunes Chaves

Paulo Augusto de Lima Filho

Raúl Humberto Velis Chávez

Renato Samuel Barbosa de Araújo

Rodrigo Luiz Silva Pessoa

Samuel de Carvalho Lima

Silvia Regina Pereira de Mendonca

Editoração

Helton Rubiano de Macedo (Editor)

Kamyla Álvares (Editora)

Isabelly Araújo (Colaboradora)

Revisão

Wildson Confessor (Coordenador)

Rodrigo Luiz Silva Pessoa

Renata Coutinho

Design editorial

Rafael Campos (Coordenador)

Ilustrações originais

Marcelo Augusto

Projeto gráfico

Marcos Paulo do N. Pereira

Concurso Literário Américo de Oliveira Costa

O CÁLICE

por Gabriel Lee



Natal, RN | 2022



Publicação digital produzida pelas equipes da Editora da UFRN e da Editora IFRN, no âmbito da 3ª edição do Concurso Literário Américo de Oliveira Costa. A seleção dos textos foi realizada por comissão julgadora específica, nos termos do Edital nº 01/2021-EDUFRN/EDIFRN.

Coordenadoria de Processos Técnicos
Catalogação da Publicação na Fonte. UFRN / Biblioteca Central Zila Mamede

Lee, Gabriel

O cálice [recurso eletrônico] / Gabriel Lee. - Dados eletrônicos (1 arquivo : 2.6 Mb). - Natal : EDUFRN: Editora IFRN, 2022.

Modo de acesso: World Wide Web

<<http://repositorio.ufrn.br>>.

<<https://memoria.ifrn.edu.br>>.

Título fornecido pelos criadores do recurso.

ISBN 978-65-86293-99-9

1. Literatura brasileira. 2. Ficção brasileira. I. Título.

CDD B869.93

RN/UF/BCZM

2022/39

CDU 821.134.3(81)-3

Elaborado por Márcia Valéria Alves – CRB-15/509

Todos os direitos desta edição reservados à EDUFRN – Editora da UFRN
Av. Senador Salgado Filho, 3000, Lagoa Nova, Natal/RN, Brasil
Telefone: (84) 3342-2222 | E-mail: contato@editora.ufrn.br

Todos os direitos desta edição reservados à EDIFRN – Editora do IFRN
Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol, Natal-RN, Brasil
Telefone: (84) 4005-0763 | E-mail: editora@ifrn.edu.br

APRESENTAÇÃO

A terceira edição do Concurso Literário Américo de Oliveira Costa, realizada em 2021, foi uma parceria entre a EDUFRN e a Editora IFRN. A ação visou a divulgação de talentos literários do Rio Grande do Norte, além do estímulo à leitura e à escrita. Estavam aptos a participar escritores norte-rio-grandenses, residentes em qualquer município do Rio Grande do Norte, bem como aqueles que moram no estado há, no mínimo, dez anos. Ao final das inscrições, foram classificados 206 poemas, 99 contos e 8 romances.

Para a seleção dos vencedores, foram constituídas comissões julgadoras, formadas por membros das duas instituições organizadoras. Na categoria poesia, os avaliadores foram Cássia de Fátima Matos dos Santos (IFRN), Henrique Eduardo de Sousa (UFRN) e Wagner Ramos Campos (IFRN). A comissão da categoria conto foi composta por Josimey Costa da Silva (UFRN), Magda Renata Marques Diniz (IFRN) e Rosanne Bezerra de Araújo (UFRN). Por fim, os romances foram avaliados por Humberto Hermenegildo de Araújo (UFRN), José Luiz Ferreira (UFRN) e Kalina Alessandra Rodrigues de Paiva (IFRN). Após o valoroso trabalho dessas comissões, foram selecionados 40 poemas, 15 contos e um romance. Com isso, expressamos nosso profundo agradecimento aos avaliadores.

Após o trabalho de editoração dos textos originais, feito em conjunto entre IFRN e UFRN, três obras estão sendo lançadas: *De rastros e vidas e outros contos*, *Esquecimento e outros poemas* e *O cálice*. Esperamos que os leitores, ao desfrutarem dessas obras, experimentem a produção literária de autores do estado do Rio Grande do Norte, reconhecendo a qualidade e o espaço que essas produções possuem na cena da nossa literatura local e até mesmo nacional.

Desejamos a todos e todas uma boa leitura!

SUMÁRIO

Capítulo I – A viagem sem volta	8
Capítulo II – A guerra	25
Capítulo III – O pombo-correio	40
Capítulo IV – O pergaminho	54
Capítulo V – Caixa Postal 157	69
Capítulo VI – Sr. Henry Foster	86
Capítulo VII – A igreja de pedra	100
Capítulo VIII – O despertar dos anjos	110
Capítulo IX – As minas de scheelita/a luta dos anjos	126
Capítulo X – O cálice	139
Sobre o autor	152

CAPÍTULO I

A VIAGEM SEM VOLTA

Porto de Marselha – França 1700 d.C

A movimentação no navio Santa Inês minutos antes de zarpar para a África e a Ásia era frenética. Passageiros e cargas a bordo acomodados e se acomodando. Era hora de partir. O tremular de lenços brancos de quem ficava tornava aquele final de tarde e de despedidas marcante, como são todas as despedidas. De um lado, aqueles que, dependendo do gostar, sentirão saudades de quem está indo, do outro, quem vai experimentar uma longa jornada mar adentro na busca do desconhecido, de um futuro não certo. Todos tinham um objetivo para estar ali. Alguns por pura curiosidade pelo desconhecido, a chamada aventura, pelas descobertas marítimas do ano de 1700. Outros, para fixar morada numa colônia, começando vida nova, ricos do velho mundo que tinham transformado suas fortunas em ouro e agora partiam procurando oportunidades no mundo novo, ao lado de suas famílias.

Percebia-se ali uma Babel. Gente de todos os lugares da Europa, divididas em classes bem perceptíveis. A terceira classe, que fazia jus ao nome e era ocupada por aventureiros, a segunda

classe, não muito diferente da terceira, e a primeira classe, em que se concentravam os mais abastados, os quais geralmente eram casais de meia-idade, às vezes com filhos, herdeiros da classe média europeia ou mulheres jovens solitárias em busca de um prometido nas novas colônias.

O Santa Inês era um navio possante, construído com o que havia de mais moderno da época, levando gente que, de maneira geral, expandiria a diversificação cultural no mundo novo, pouco povoado, cheio de oportunidades. Eram as grandes navegações, como o Santa Inês, responsáveis por isso: por povoar o mundo.

Havia um passageiro em especial: um padre chamado Pierre Legam, que tinha embarcado naquela longa viagem com uma missão particular e ambiciosa. Levava artefatos católicos adquiridos por um rico colecionador de arte sacra na Costa do Marfim. Padre Pierre era pároco da igreja de São José numa pequena comunidade no interior da Itália e havia negociado, sem consentimento dos seus superiores, antiguidades que por séculos foram guardadas a sete chaves no porão da pequena igreja de São José, a qual resistiu ao tempo desde as cruzadas, e agora fechava suas portas por falta de fiéis levados pela peste. Quem não tinha morrido tinha ido embora do lugar depois de um surto de gripe. O padre foi mandado para a paróquia de São José há poucos mais de três anos, incumbido de evangelizar e cuidar do tesouro milenar guardado nas dependências da igreja. Seus fiéis eram pessoas que viviam da terra há gerações. A maioria eram velhos. Seus filhos e netos tinham migrado à procura da sorte.

Era um padre novo, trinta e poucos anos, esperto, ambicioso, que viu naquele tesouro que fora incumbido de guardar uma oportunidade de enriquecer, de se aventurar. Eram belas peças trazidas de toda parte da Europa, especificamente de Veneza, que

compunham uma belíssima e única coleção de antiguidades sacras. Não sabia por que aquele tesouro era guardado ali, deveria estar num lugar mais seguro, no Vaticano, mas nunca procurou saber. Sempre olhava aquelas peças e achava que, se elas desaparecessem, ninguém perceberia, pois ninguém da Cúria vinha ali, ou escrevia uma carta para saber do tesouro. Pretendia ficar na Costa do Marfim, seu destino final, onde encontraria o comprador do tesouro. Levava tudo num baú de carvalho com talhas de imagens católicas, o qual achava muito seguro.

O navio Santa Inês era uma embarcação confortável. Era o mais moderno em termos de embarcação. Gente de casta europeia e muito mais estava rumo a povoar as colônias francesas na África e na Ásia, e a viagem seria longa. Na primeira noite a bordo, sentou-se para jantar no restaurante do navio, na primeira classe, e ficou a contemplar aquela gente fútil, a seu ver, que mesmo rodeadas por água, confinadas em um navio, não perdiam a pose. Era uma primeira vista aterradora e, ao mesmo tempo, pândega. Até se divertia. Vivia isolado numa comunidade pequena e não tinha muito contato com gente daquele porte. As mulheres ostentavam vestidos e joias reluzentes como se estivessem num sarau nos salões de Paris. Conversavam baixinho em pequenos grupos e o assunto sempre era a vida dos outros, fofocas. Também falavam de roupas, da moda e principalmente de quem ficou pra trás. Esses não podiam se defender. Os homens a caráter baforavam seus inconvenientes charutos e falavam de negócios e de terras prósperas. Alguns eram franceses, pois falavam com propriedade sobre o Rei Luís XIV.

Foi servida carne de cordeiro com arroz e uma sopa leve. O padre degustou o seu alimento ouvindo conversas que lhe davam mais certeza da futilidade daquela gente. Após saborear o seu

jantar, caminhou até o convés, contemplando o mar sereno. A noite estava agradável, uma lua crescente e estrelas pintavam um céu encantador. Viajaria dias e teria que se acostumar àquela rotina. Sabia que havia dois padres espanhóis no navio e pretendia fazer amizade com eles para passar o tempo. Não queria ser reconhecido como padre, mas tentaria uma aproximação com os religiosos, pois sabia que não tinha assunto pra conversar com a maioria dos passageiros da primeira classe. Procuraria também as pessoas das outras classes. Estava mais acostumado com gente mais humilde e assim amenizaria o tempo no mar. A lua se movimentava, aos seus olhos e o barulho do navio cortando a água era gostoso de ouvir.

Ficou por um quarto de hora sentindo a brisa e vendo o navio cortar a água naquela imensidão. Pensava na vida nova que teria dali por diante, onde ninguém poderia encontrá-lo para cobrar o saque. Não se sentia um ladrão, porque aquelas peças viviam abandonadas num porão cheio de poeira, esquecidas pela Cúria. Havia um registro num livro de capa de couro que enumerava cada uma delas e especificava de onde vieram. Ia trazê-lo para estudá-lo, mas esqueceu, na pressa de sair daquele lugar, o que não devia ter acontecido, pois se tratava de peça importante da coleção. Era interessante, uma vez que tudo estava escrito em código ao lado do desenho do artefato. Decifrou alguns e relacionou as peças. Foi isso que o fez ver que aqueles artefatos tinham valor para colecionadores. Estava cometendo um erro, era um religioso que tinha fé, por isso se viu no dever de escrever uma carta pedindo perdão pelo seu ato. Sabia que não procurava na escrita a redenção pelo seu pecado. Era mais uma satisfação, um prévio arrependimento. Não mencionava seu destino, mas assumia a culpa. Dobrou a carta, benzeu e deixou ali no porão da igreja de São José. Pensou que um dia alguém pudesse encontrar e ver que se arrependera do seu ato.

Sabia que isso passaria muito tempo, pois todos tinham debandado com medo da peste, aquele lugarejo tinha virado um deserto de almas. Era meio contraditório, mas a natureza humana tem suas frestas, que vez ou outra eram preenchidas por insanidades como a que estava fazendo, consciente de tudo, mas indo adiante como se fosse atraído por algo maior. Como se alguém lhe chamasse para aquela viagem sem volta. Como se alguém infinitamente maior quisesse que levasse esse tesouro.

Há um tempo, desenhou com esmero cada peça codificada do tesouro, entregando a um mercador que viajava à Costa do Marfim, onde sabia ter um rico colecionador de arte sacra. Meses depois, recebeu uma proposta do colecionador e estava agora a caminho do futuro. Era jovem ainda, e aquela oportunidade de recomeço era fascinante. Era essa aventura que sempre quis ter, que sempre sonhou quando preso pelos muros dos mosteiros. Na sua divagação, não percebeu que chegou ao seu lado uma jovem com cabelos escorridos abaixo dos ombros, que refletiam a claridade da lua. Ela olha o mar como ele, e também o céu. Um rápido olhar e ela esboça um doce sorriso. Talvez aquela jovem lhe ajudasse a atravessar aquela enfadonha viagem, talvez ela não fosse como aquelas exibidas do restaurante do navio que lhe davam asco. Não conhecia de mulheres, mas ela estava sozinha, e não usava nenhum anel de compromisso. Imaginou o que levava aquela bela mulher a atravessar o oceano, a confinar-se num navio para o outro lado do mundo. Ela poderia estar na corte de qualquer reino. Aproximou-se.

— Boa noite, *mademoiselle*! Bela lua. Também belas estrelas!

— Boa noite, *monsieur*! Gosto delas. Da lua e das estrelas. Prazer, meu nome é Gisele. — Disse a moça estendendo a mão calçada com delicadas luvas.

— *Mademoiselle* Gisele é francesa?

— Sim, sim, *monsieur*. Também é francês?

— Prazer! Meu nome é Pierre. Pierre Legam! Sou filho de um italiano com uma francesa. — Respondeu tocando delicadamente, e sem jeito, as pontas dos dedos da mão de Gisele.

— Interessante! Está indo para a Costa do Marfim ou Ásia?

— Costa do Marfim. Vou a negócios.

Agora tinha mais certeza da necessidade de dizer que não era padre. Estava à paisana, não vestia a batina da sua ordem desde que entrou na França. Ficou a observar a noite e também Gisele, em especial o cabelo castanho soprado pela suave brisa do atlântico. Sua primeira impressão foi de que ela era uma mulher à frente do seu tempo. Não teve constrangimento em estar, sozinha, com um homem num convés de um navio. Era um padre, mas não era conservador, gostava dessas liberdades, porque acreditava na vida, no viver intensamente. Talvez por essas convicções, estivesse ali a bordo do navio Santa Inês roubando um tesouro.

Trocaram algumas palavras e a convidou para uma volta no convés, onde alguns passageiros já caminhavam e as velas brancas do navio brilhavam cheias de vento e lua. Estava começando bem sua nova vida, pois acabava de fazer uma amiga, percebeu isso. Jamais pensou que, um dia, na sua enfadonha vida de sacerdote, iria passear num convés de um navio com uma linda e simpática jovem francesa. Sabia que no fundo sempre desejou ter contato com uma mulher, não da forma do pecado original, mas para tentar entendê-las, já que sempre viveu com padres e livros. Sentia vontade de um dia conversar livremente com uma mulher, que não estivesse se confessando. Pura curiosidade.

Percebia que Gisele era uma francesa instruída, que combinava refinamento com inteligência. Os dois falaram sobre os astros, já que o limpo céu enluzado estava repleto deles, sobre a Costa do Marfim, sobre a vida. Ela era boa de conversa, à frente do seu tempo, como pensou, com temperamento engraçado, irônico, que fazia rir. Não se importava no que iam pensar por ela estar conversando a sós com um valete. Viajava sozinha para fixar morada no Congo, onde casaria. Não parecia muito feliz de desbravar o oceano para ter o casamento como destino final. Quando tocou no assunto, não se notava o brilho nos olhos das noivas apaixonadas, e logo desconversou. Agora sabia que faria uma viagem mais agradável, tinha uma amiga de viagem e tinham muito em comum. Não gostavam daquela gente fútil, metida. Ela contou que era de uma família de Paris, seu pai era comerciante de couro. Atravessou o país para embarcar no navio Santa Inês porque iria para a África casar-se com um rapaz a quem tinha sido prometida. Era muito vivaz e muito bonita para não ter direito de escolher com quem casar. A sua insatisfação, quando falava da viagem, era perceptível, ela não estava feliz. Apesar de tê-la conhecido há pouco, poderia perceber um fundo de olho triste. Talvez ela aprendesse a amar o homem que lhe esperava e que ela nem conhecia, mas talvez ela nunca o amasse, apenas lhe desse filhos e suas obrigações de esposa. Quando se despediram no convés, convidou-a a tomarem juntos o café da manhã do dia seguinte.

Deitou e pensou em Gisele antes de dormir. Como era delicada, inteligente e sabia falar de coisas diversas. Estava pensando nela de um jeito diferente, nunca antes sentira algo assim perturbador. Também nunca antes tinha estado tão próximo de uma mulher. Parecia que o perfume dela ainda estava no seu nariz. Tinha trinta e cinco anos vividos entre padres e o que sabia de amor

era o que lia nos livros e o que ouvia dos padres. Era conhecedor do amor de Deus e estava o traindo. Tinha se ordenado padre por necessidade, sabia que não tinha vocação. Teve uma infância quase escrava em Veneza, onde os pais eram empregados de um barão rico e ignorante. Talvez por isso detestasse tanto aquela gente fútil, eram como eles. Um dia, um padre passou procurando garotos para servir a Deus, e seus pais o deixaram ir. Passou sua vida toda num mosteiro antes de ser mandado para igreja de São José, num lugarejo próximo a Veneza. Nunca tinha pensado em ter uma mulher, construir família, tinha respeitado sempre o celibato, não tinha vocação para padre, mas era um homem de fé. Talvez o casamento de Gisele tenha lhe despertado esse pensamento conflituoso. Pediria perdão a Deus, mesmo em falta com ele.

No café da manhã, foram servidos ovos mexidos e torradas com mel. Fez seu desjejum junto com Gisele, como tinham acordado. Riram muito dos assuntos abordados pelas madames e pelos senhores a bordo. Eram assuntos quase sempre de fofocas de quem tinha falido ou se perdido na vida, cheios de malícias. Elas os olhavam com reserva, com indagações. Já os cavalheiros ostentavam o que tinham uns para os outros, cada um querendo ser mais poderoso. Falavam de tudo e de todos, inclusive do Rei Luís XIV. Os mais afoitos certa vez falaram mal até de sua santidade Inocêncio XII, deixando outros indignados. Discutiam muito, mas sempre voltavam às risadas e aos charutos. Tomado o desjejum, resolveram caminhar um pouco no convés para estirar as pernas e sentir um pouco o sol que brilhava no céu. Estava um dia lindo. Parecia que já havia estado ali, vivido aquela mesma cena, debaixo de um sol dourado. Sua vivência no sacerdócio não tinha lhe dado bagagem para chegar a uma conclusão sobre aquele sentimento estranho, de ter vivido aquele momento quase mágico em outra

vida. Ela o olhava de um jeito meigo, que nunca tinha visto antes e quando sorria mostrando os dentes brancos, tinha vontade de tocá-la. Seu caminhar no convés adornado pela imensidão do mar e pelas velas brancas cheias de velocidade, enquanto seu vestido creme tremulava por um vento que não se sabe de onde vinha é encantador. Ela sorria. Isso era a vida.

— Bonito dia! Sonhei que estava em Paris, na casa dos meus pais. E o senhor Pierre Legam, sonhou? — Perguntou Gisele, caminhando ao seu lado, percebendo ser observada.

— Não. Não sonhei. Queria também ter sonhado em Paris. Conheço pouco a cidade.

— Sabia Sr. Pierre, que a gente sonha todas as noites? Mas, às vezes, quando acordamos, não lembramos o que sonhamos. — Disse Gisele enquanto tenta fazer uma trança no cabelo, colhendo mechas que o vento teima em desorganizar.

— Já ouvi falar sobre o tema... *Mademoiselle* parece ser muito sonhadora? — Disse Pierre, olhando-a trançar o cabelo com maestria e depois colocar um chapéu de abas largas e floridas que a deixavam ainda mais bela.

— E isso é ruim, do vosso ponto de vista?

— Não! Queira me desculpar. Não quis ofendê-la. — Respondeu embaraçado.

— Não ofendeu, Sr. Pierre. Sou sim uma sonhadora e gosto de sonhar.

— Perfeitamente.

— Mas me diga, Sr. Pierre, que tipo de negócios o senhor faz?

- Negocio com arte.
- Ah! Pintura?
- Arte sacra. Artefatos antigos.
- Interessante.

Aproxima-se um padre espanhol, uns cinquenta anos, de batina azul-marinho brilhante e chapéu de abas grandes protegendo do sol sua pele branca. Era um dos padres com quem faria amizade antes de conhecer Gisele. Ele veio e cumprimentou Gisele sorridente, falando um francês carregado no sotaque. Já se conheciam desde o embarque.

— Bom dia, *mademoiselle* Gisele! Como vai? — Perguntou o padre enquanto Gisele lhe beijava a mão.

— Bom dia, padre Juan! Este é um amigo, *monsieur* Pierre Legam. — Disse Gisele apontando o amigo.

— Prazer, Sr. Pierre! Juan, seu servo e um servo de Deus. Está fazendo uma boa viagem?

— O prazer é meu, padre Juan! Estou sim.

— O Pierre é negociante de arte sacra, padre Juan! — Disse Gisele, puxando os dois para a caminhada.

— Não diga! Que coincidência. Sou um estudioso de arte sacra. Trabalho no museu do Vaticano. Estou indo à Costa do Marfim e de lá irei para o oriente. Jerusalém.

— Uma grande viagem. — Disse Pierre, ressabiado. Não esperava encontrar alguém do Vaticano naquele navio. Pior ainda, um especialista em artefatos como os que roubava.

— O senhor está levando alguma obra pra negociar? Se for o caso, posso dar uma olhada.

— Não! Não estou levando nenhuma obra, padre Juan. Estou indo ver umas obras, pra uma possível compra.

O passeio continuou pelo convés do Santa Inês, com os três conversando amenidades. Para ele, a viagem estava se tornando interessante, pois o padre parecia ser um bom homem simpático, atencioso e de boa conversa. Eles não imaginavam que ele era um sacerdote desertor que fechou sua igreja, roubou um tesouro e não foi para onde o mandaram. Um pombo no horizonte bate as asas em direção ao navio e senta no ombro de padre Juan. Ele tira uma mensagem fixada nas costas do pombo em um pequeno tubo de metal, lê, pede licença e sai carregando o pombo no ombro. Lembrou-se da infância maldita na casa do barão, eles tinham um pombo-correio. O dia passou rápido entre conversas com Gisele, de quem não se separava mais, com o padre Juan, e uma eventual checagem no tesouro que conduzia. Abriu o baú que levava na cabine e contemplou os artefatos.

Eles iam mudar sua vida. Mais uma vez, pensou em ter uma família e pensou em Gisele antes de dormir.

Já se passavam muitos dias de viagem quando, numa madrugada, Pierre acordou ouvindo os trovões da tempestade que começava. A chuva caía com força e o balançar da embarcação enjoava. Saiu da cabine e viu que alguns passageiros já estavam nos corredores. A ventania balançava o navio com a vontade das forças da natureza. Alguém falou que o vento havia quebrado dois mastros, das três velas que tinha o navio. A embarcação estava à mercê da tempestade, à deriva. Subiu imediatamente ao convés e pôde ver o estrago que a tempestade causava. Era um breu, o céu

límpido que cobriu seus passeios com Gisele parecia com raiva, estava escurecido, e um vento forte e incessante arrancava qualquer coisa no seu caminho. Não esperava esse mar revolto, apesar de já ter ouvido falar de tempestades nessa área do atlântico que dizimavam embarcações potentes. Voltou à cabine e começou a orar para que tudo terminasse bem. Alguém bateu a porta, e era uma Gisele assustada, apavorada acompanhada do padre espanhol que, na aflição, debulhava um terço em latim. Não sabia o que fazer ao ver Gisele tão assustada, tão desamparada. Percebera ali que nutria um sentimento maior por ela, que só cresceu nesses muitos dias juntos, e tinha vontade de acarinhá-la, de abraçá-la, de protegê-la. Abraçou forte sua amiga enquanto o padre Juan orava de olhos fechados e, entre o recitar da oração, dizia que não sabia nadar. Ficaram os três por horas na cabine de Pierre, esperando o dia amanhecer ou a tempestade passar, mas a tempestade não passou, só piorou. Mesmo de dia, a escuridão da tormenta era cortada por relâmpagos que riscavam céu e mar com fogo.

O navio balançava muito, o que deixava todos apavorados. As madames que antes teciam comentários maldosos e seus maridos agora estavam todos encolhidos com as roupas amarrotadas. Os dias e as noites seguintes transcorreram na mesma. Parecia o dilúvio de Noé, chovia incessantemente e um vento ululante soprando em todas as direções trazia medo. Todos esperavam o pior, dava para ver nos olhos de cada um. O capitão, um português de bigode escuro, era um homem bravo e lutava com todas as forças para manter o Santa Inês navegando. Tinha uma tripulação experiente, acostumada às intempéries, que não se dobrava a fúria do mar e do vento. Foi dada a ordem para todos ficarem nas suas cabines e, com muito sacrifício, vez ou outra Pierre ia juntamente com padre Juan ao convés olhar o tempo. Dois dos tripulantes tinham caído

no mar, não houve como resgatá-los e o capitão não se perdoava. Omitiram esse fato de Gisele para que não ficasse ainda mais assustada. Ela e o padre Juan viviam esses dias e noites juntos na cabine de Pierre, que era maior. O outro padre espanhol, mais velho, não se entrosava, não falava francês.

A comida era servida nas mãos, pois as travessas e baixelas não paravam na mesa devido ao balanço do navio. Estavam sem esperança. Pierre ficava sempre perto de Gisele, tentando protegê-la. Ficava observando aquela criatura frágil prestes a declarar seu amor por ela, estava gostando dela como um homem gosta de uma mulher. Era uma jovem comprometida viajando para casar, mas não podia conter aquele sentimento que parecia crescer junto com a tormenta. Oravam quase toda hora, quando padre Juan puxava uma prece. Ouvia-se choro de mulheres e até de homens quase sempre. Alguns contavam pressentimentos tidos, que agora faziam sentido e se maldiziam por não terem respeitado.

Foram dias assim até que numa manhã a chuva parou e o céu clareou, mas o vento forte não cessava e deixava o mar agitado, balançando o navio, que deslizava nas grandes ondas. No convés, a tripulação estava mais esperançosa, já que pelo menos não chovia mais. A parte interior do navio, como as cabines dos passageiros, estava um caos de desarrumação, mas ninguém ligava para isso. A segunda e a terceira classes estavam em pior situação. As pessoas queriam saber há quantos dias estavam naquela agonia, já que tinham perdido a noção do tempo mergulhados na escuridão da tormenta. Foram longos dias e longas noites, e nem o capitão português tinha certeza de quanto tempo se passara.

O Santa Inês estava à deriva no meio do atlântico, ainda levado pelo vento. Tinha sido projetado como um grande veleiro de três mastros capaz de rasgar oceanos, mares, mas a tempestade foi

forte e duradoura. A terceira vela desabou com a força do vendaval e foi engolida pelo mar. O capitão acalmava a todos prevendo que, assim como foi com a chuva, o vento também ia cessar, mas súbtios gritos vindos do porão subtraíram qualquer esperança. Alguém gritava que o navio estava enchendo de água. O desespero tomou conta de todos. Pierre entrou na sua cabine, encontrou Gisele encolhida num canto agarrada a um móvel fixo e o padre Juan do Monte golfando, enjoado. Ficou a acarinhar Gisele, a acalmá-la e, quando conseguiu, foi ter com o capitão para saber de fato o que ocorrera. Era um furo pequeno, talvez provocado por uma pedra no leito do mar, foi quando o capitão teve certeza de que o Santa Inês estava bem longe da sua rota. O conserto foi feito e os passageiros acalmados. A noite caiu, ainda trazendo um vento forte em todas as direções. Pelas estrelas no céu, o capitão supôs que estavam próximos à costa da América do Sul, precisamente numa colônia portuguesa chamada Brasil, suposição que informou a todos os presentes no navio, o que deixou Pierre, Gisele e o padre Juan bastante surpresos, tendo em vista a rota original do navio.

O tempo passava lento, desobediente como ele é. Os dias e as noites eram observados pelo capitão, que cada vez mais tinha certeza da localização do navio Santa Inês. Ficava no convés agarrado ao que restou de um dos mastros observando tudo que pudesse lhe dar direção. O dia nasceu brilhante e sem vento, mas a notícia de que a avaria do porão arreventou e o navio estava novamente tomando água se espalhou rapidamente. O conserto havia arreventado e um rombo enchia o navio d'água. Passageiros já subiam ao convés, desesperados. Naquela hora, podia se perceber o quanto o orgulho daquela gente tinha sido inútil, pois todos o perdiam diante da possibilidade de morrer. O vento, no auge da tempestade, havia arrancado e levado todos os botes salva-vidas. A água tomava conta do porão do navio.

Pierre tinha dois tesouros a bordo daquele navio e agora iria perdê-los: não provaria um beijo feminino, não sentiria as carnes de Gisele, as carnes de uma mulher. Não poderia morrer sem que ela soubesse que a amava desde o dia em que a viu contemplando as estrelas no convés do navio, com aquele sorriso, que iluminado pela lua crescente, tinha lhe aguçado o instinto animal contido pela batina. Agora, o ex-sacerdote chorava com medo da morte, com a desilusão de ir tão cedo, sem completar etapas. No meio do alvoroço, saiu a procurá-la. Na cabine, Gisele não estava e, desesperado, vasculhou o navio na sua busca. Passou pela cabine dela, também na do padre, e não os encontrou. Subiu ao convés, onde um alarido de gritos e orações se misturavam. Podia sentir o navio já inclinando a popa lentamente. Saiu à procura de Gisele, entre os desesperados. Ela não estava lá e voltou à cabine no andar inferior. A água ainda não havia chegado lá e pedia a Deus, que percebia ter abandonado nos últimos dias, para encontrar Gisele e morrer abraçado a ela.

Sabia que todos morreriam, mas tinha consciência de que tinha feito a coisa certa. Não sabia por que tinha aquele sentimento, mas sentia mesmo ali na adversidade que uma força maior o tinha trazido até ali. Era apenas um pobre padre de uma pequena vila devastada pela peste e não tinha sentido a força da infame doença, o que sentia era uma vontade de estar ali. Sabia que Deus tinha lhe colocado ali e compreendia qual o propósito Dele com os pecadores. Já sentia a água molhar seus pés no corredor quando, mais adiante, percebeu o velho padre espanhol com o qual não tinha feito amizade e tentou alcançá-lo. Ele flutuava, percebeu. Ele rejuvenescia enquanto flutuava sobre a lâmina d'água. Ele flutuava no corredor molhado. De repente, duas asas douradas brotaram das suas costas, como um arcanjo guardião das pinturas de Guido Reni, e desapareceu no corredor do navio. Deveria estar

louco, pensou parado no meio do corredor. Era uma ilusão dos olhos. A aflição do momento, e continuou a procurar a francesa.

Ao abrir a porta da cabine, Pierre não vê Gisele, mas o padre Juan agachado diante do tesouro sacro, observando as peças. O baú caiu da prateleira e espalhou-o no assoalho da cabine. Ele tentava juntá-las uma a uma tentando recolocar no baú, a cada uma que pegava observava como se aprecia um delicioso doce. Não tinha tempo para explicações, logo tudo estaria inundado. Sabe que o padre Juan, ao vê-lo abrir a porta, já o olhou diferente, sério. Os gritos vindos de cima davam àquela cena uma espécie de juízo final. Talvez Deus estivesse castigando o gatuno de objetos oriundos de fontes de fé. Padre Juan levantou e lhe entregou o baú sem nada dizer, o não dito estava nos seus olhos reprovadores, pois Pierre tinha negado ter algum tesouro a bordo quando o conheceu. Ele era um estudioso de arte sacra e conhecia muito bem aquelas peças. O pombo-correio no seu ombro arrulhava pressentindo o perigo, ele podia voar. Com um balançar do navio, um cálice rústico e belo rolou no assoalho. Foi um alívio, pois o padre Juan do Monte desviou o olhar para o cálice, que então apanhou. Contemplou-o diante dos olhos:

— O Santo Graal! — Gritou o padre Juan, prostrando-se de joelhos no chão. — Deus, é o Santo Graal! O cálice que Jesus bebeu na última ceia! O cálice que José de Arimatéia levou para a Inglaterra está aqui!

— O Santo Graal? — Perguntou Pierre, incrédulo, a um padre que chora compulsivamente agarrado ao cálice.

— O cálice que José de Arimatéia guardou depois de limpar o corpo de Cristo e sepultá-lo. O navio vai afundar! Não pode ser! Não é uma lenda!... Tenho que avisar a alguém. Preciso de um

tinteiro! — Disse o padre Juan, tentando se equilibrar do balanço do navio naufragando.

Pierre aponta um tinteiro num armário e entrega ao padre que, com dificuldade, escreve uma mensagem num retalho que tira do bolso da batina, entuba num fino cano, cola nas costas do pombo-correio, vai à porta da cabine e o faz voar. Os dois trocam olhares entre si, enquanto também veem o cálice.

— É mesmo o Santo Graal? — Perguntou Pierre, querendo tocá-lo. Um borbulhão de água invadiu a cabine derrubando os dois. O cálice caiu da mão do padre Juan e foi levado pela água que invadiu o vão. Levantaram.

— Quer se confessar, filho? — Perguntou o padre Juan a Pierre, já sentindo a água molhar os joelhos.

— Sim. Quero me confessar. — Disse Pierre já recebendo o sinal da cruz na testa.

Um forte rangido da madeira da embarcação se quebrando invade o ambiente. O grito de Gisele também ecoa, e um abraço apertado lhe faz sentir o corpo da sua amada trêmulo, sem forças. Olha seu rosto em lágrimas e compreende que ela entende o amor que sente por ela. Um grande volume de água invade a cabine, levando tudo e todos. Iria morrer abraçado a ela. Depois, não há mais gritos. Apenas um mar sereno e muitas estórias sepultadas nele.

CAPÍTULO II

A GUERRA

*Ilha de Fernando de Noronha – Brasil
(primeira metade da década de 1940 d.C).*

O hidroavião sobrevoa o mar azul turquesa de praias de areias brancas que reluziam ao sol. Era o paraíso numa vista deslumbrante da ilha tropical. O marinheiro Dantas gostava de sobrevoar e fazer rasantes apreciando aquele lugar que dizia ter sido habitado por Deus. Estava na marinha há dois anos, um deles na ilha tropical. Tinha sido mandado para lá pelos seus superiores devido à instalação de baterias antiaéreas e artilharia de costa pelos americanos. Era o auge da Segunda Guerra, e a ilha era um importante ponto estratégico dos aliados. O homem tinha se alistado na Marinha por influência de um tio que o trouxe do Seridó do Rio grande do Norte para Natal. Adorava aquela vida, mas sabia que um dia teria que voltar para tocar a fazenda do seu pai, o qual lhe tinha como único herdeiro. Seu trabalho na ilha era somente inspecionar o que vinha do continente em embarcações e enviar relatórios para a Marinha Brasileira, um trabalho do qual gostava. Os americanos eram simpáticos e sofriam muito com o sol, eram bons amigos

quando se davam com alguém e era perceptível neles a saudade que sentiam de casa. Nas rodas de conversas nas noites enluradas da ilha, surgiam fotografias de quem os esperava na América.

O marinheiro Dantas tinha aprendido a pilotar o hidroavião com um deles e, vez ou outra, voava um pouco ao redor da ilha. Seu professor era o tenente aviador Henry Foster, de Nova Iorque, que às vezes falava da sua família num português carregado. Era piloto de caça da Força Aérea Americana e tinha deixado nos EUA mãe e irmãos. Ele adorava Fernando de Noronha, apesar da saudade que sentia de casa. Voava sempre para Dacar, de onde as forças aliadas avançavam para Europa, e, quando voltava, gostava de sobrevoar a ilha no hidroavião gritando o nome de Deus por tamanha beleza. O marujo aprendia com o piloto a ver a ilha com outros olhos. O sertão de onde Dantas veio não era tão verde, mas era belo, não tinha aquele mar turquesa, mas tinha a areia branca dos leitos secos dos rios. Na praia, a figura de uma mulher agitando os braços tornava aquele paraíso ainda mais bonito. Ela chama-se Paula uma bela jovem nativa da ilha que, de tanto apreciar seus rasantes, tornou-se sua namorada. Tinham os dois vinte e seis anos, e o seridoense pretendia pedi-la em casamento. Sabia que a guerra um dia acabaria, e estava próximo, e pretendia pedir baixa do quartel para voltar ao povoado de onde veio. Levaria Paula com ele como sua esposa. Seus pais estavam envelhecendo e não tinham mais a destreza de cuidar das cabeças do gado que sobrevivia à seca.

O marinheiro sentia falta de casa, dos pais, dos poucos amigos que ficaram. Também tinha saudades do lugar, das serras que rodeavam o povoado, que retratavam um cinza cansado, ardido pelo sol. Tinha saudades da igreja de Pedra, aonde ia à missa de domingo, onde se reuniam os poucos do lugar para rezar com o padre que vinha da cidade. Tinha ali se batizado, feito a primeira comunhão, a crisma e ali se casaria com Paula. Ela o observava

da praia naquele voo de fim de tarde. Ele olhava enquanto ela corria chutando a franja da água para depois desaparecer entre as mangabeiras, e ele ganhava o céu azul no hidroavião.

A noite estava barulhenta pelos aviões que cortavam o céu claro e estrelado em direção à África, vindos de Parnamirim, no continente. Paula chegou à praia, linda, num vestido branco que dava mais graça àquela noite. Do seu lado, vinha sempre o seu irmão adotivo, Danilo, que fazia guarda (os pais dela não a deixavam ir à praia sozinha para namorar). Ele era um pouco mais novo e ficava sempre de olho. Não falava nada, era esquisito, grandão, cabeludo. Tentava uma prosa com ele, mas só recebia monossílabas como resposta. Dantas não poderia abandonar seu posto que ficava à beira-mar, o rádio sempre chamava. Aproveitavam a vida apesar da fiscalização de Danilo. Era um namoro sem graça, com beijos no rosto e toque de mãos. Depois, uma despedida insossa, e ela ia embora.

A ilha estava agitada naqueles dias. As tropas aliadas avançavam no norte da África, e a euforia do dever cumprido tomava conta do ambiente. Todos estavam felizes e comemoravam com coca-cola e chocolate. Tinha chegado notícia da expulsão dos italianos e alemães e do avanço rumo à vitória. No fundo, todos tinham pressa, queriam retornar aos seus, voltar ao seu país, às suas rotinas. A guerra desgastava o lado emocional, ninguém a queria, mas ela estava em curso, e quem estava nela tentava todo dia se superar. Em meio a esse ambiente, Dantas acompanhou Paula num passeio à beira-mar e lhe pediu em casamento. Não tinha uma aliança para dar a ela e, ao fazer a questão, ficou surpreendido com a resposta de Paula, que lhe pedira um tempo para pensar. Ficou um tanto decepcionado, esperava que ela aceitasse de pronto, mas entendeu seus argumentos, não era fácil para ela essa mudança. Se fosse, não voltaria, por isso gostaria de pensar.

O tempo passava depressa, e a movimentação na ilha continuava intensa. Dantas passava os dias conferindo mantimentos e coisas diversas que chegavam em barcos do continente, e fazendo relatórios. Paula havia desaparecido, não vinha mais aos encontros. Pretendia deixá-la à vontade para decidir sobre o pedido de casamento. Estava sentindo falta dela, mas não iria procurá-la. Era crescente a vontade de voltar para casa, vinha sonhando com a vida que levava antes na pequena fazenda no Seridó potiguar. Recebia sempre notícia de casa por cartas escritas por sua mãe, às quais respondia cheio de saudades. Tinha falado numa delas sobre o casamento com Paula, e seus pais o abençoaram. Agora já não tinha certeza se haveria casamento. Entendia o sumiço dela, mas também pressentia que algo estava acontecendo.

À tarde, uma calma caiu sobre a ilha, tanto o céu como o mar estavam tranquilos, e resolveu pescar, não na iminência de pegar um peixe, mas para suprir a vontade de que Paula aparecesse. Jogou a linha no mar calmo e ficou contemplando o horizonte. Estava tudo sereno, e um sol laranja anunciava se esconder. Um brilho vindo das águas rasas refletido pela luz do sol poente lhe chamou a atenção. Desceu da pedra onde pescava e entrou na água cristalina à procura do brilho. Um raio de sol lhe guiou, deixando aquele objeto no fundo da água ainda mais brilhante. O cálice que retirou do mar, refletiu no raio violáceo do sol poente, depois perdeu o brilho diante dos seus olhos. Uma rajada de vento arrepiou seu corpo e lhe trouxe uma paz interior nunca sentida, parecia que o tempo passava em câmera lenta, sem gravidade. Ele o lavou na água do mar e ergueu-o diante dos olhos. Era muito bonito, diferente, parecia antigo. Na curva que a praia fazia, a figura de Paula, escondida atrás de arbustos, observava toda aquela cena. Parecia que o brilho do cálice, quando refletido ao sol, iluminava

mais o rosto do homem, e sorriu vendo a felicidade do marinheiro, o qual finalmente encontrava um tesouro que procurava sem saber, e que também era procurado. Dantas encerrou a pescaria e seguiu para o alojamento, conduzindo o cálice nas mãos, pensou que enfeitaria a estante da sala do alojamento com ele. Mais tarde, naquele dia, o rádio trouxe a notícia de que seu tio estava muito doente, o mesmo que o trouxe para a Marinha, e dormiu com vontade de voltar para casa.

Um barco carregado de mantimentos estava ancorado a alguns metros da praia à espera do marinheiro Dantas para liberar a carga, o qual preparou a lancha para seguir viagem. Os americanos acordavam cedo e já se ouvia a conversa deles em inglês, estavam felizes pelo recuo de Mussolini. Embarcou na lancha e foi trabalhar. Ficou no barco até o meio-dia e voltou com queijos, doces e uma carta mandada por sua mãe. Convidou alguns americanos para um lanche, para provar de iguarias do sertão nordestino. Queijo com doce de goiaba em calda que sua mãe fazia como ninguém, filhós e doce do coco-verde. Eles se lambuzaram todos e fizeram uma festa regada a fotografias. Foram tiradas várias fotos daquela tarde de confraternização, e Dantas ficou com duas como lembrança daquela tarde festiva. Na carta, sua mãe lembrava que faria aniversário em duas semanas e gostaria de que ele estivesse lá. Não poderia, pois estava a serviço da Marinha do Brasil na ilha de Fernando de Noronha. Se estivesse lá, sabia que seria uma grande festa, como acontecia todos os anos. Olhou o cálice na estante e resolveu mandá-lo de presente de aniversário para sua mãe no barco que partiria para Natal no dia seguinte. Embrulhou-o em uma caixa de papelão juntamente com uma carta saudosa. Aquele belo cálice antigo iria agradá-la.

Era domingo, e naqueles dias do ano de 1943 não suportava mais a espera de uma resposta de Paula, estava muito decepcionado com ela. Nesse último ano que estiveram juntos, teve sempre a impressão de que ela o amava. Visitou-a poucas vezes na cabana de pescadores onde morava com os pais e com seu guardião Danilo. Davam-se bem e conversavam coisas sobre a ilha e sobre o Seridó, sobre o mar e sobre a guerra. Nos encontros, só a beijava duas vezes na face, quando chegava e quando saía, sempre fiscalizado por Danilo, que nessas horas, talvez por vergonha, virava o rosto. Iria procurá-la, não aguentava mais aquele silêncio que aos poucos se transformava num abismo entre os dois. Vestiu uma farda limpa e bem engomada e seguiu pela beira da praia atrás de respostas. Encontrava americanos com suas câmeras fotográficas retratando o pôr do sol, conversava um pouco sem tirar da cabeça seu destino e a conversa que teria com Paula. Foi acostumado a resolver seus problemas, esclarecer qualquer coisa que incomodava, e o silêncio de Paula o incomodava.

Seguiu confiante, esperando que, depois de semanas, ela tivesse uma resposta positiva, pois gostava dela, mas, ao aproximar-se da cabana, divisou de longe Paula e Danilo se tocando. Eles não pareciam irmãos, pareciam amantes. Pôde ver, com a nitidez que o sol irradiava, ela encostar suavemente os lábios nos de Danilo. Ela nunca tinha encostado os lábios nos dele, apesar de serem namorados. Algo estava fora do lugar.

Nos dias que se seguiram, mergulhou no trabalho tentando esquecer aquela cena. Eles não o viram chegando nem indo embora, desolado pela traição que testemunhou. Eles não eram irmãos de sangue, só de criação, e o que Dantas viu era constrangedor. Na sua terra, irmãos não se tocavam daquele jeito. O tempo passava e não ia mais à praia no final da tarde nem voava mais no hidroavião,

temendo encontrá-la e não saber o que dizer. Conversava sempre com os americanos, o que o distraía um pouco, não imaginava que sofreria tanto por Paula. Dedicou-se a aprender inglês observando as conversas dos militares e lendo revistas americanas com a ajuda deles. Não entendia por que ela não o procurou e terminou tudo, apenas desapareceu depois de pedir um tempo para pensar sobre o pedido de casamento. Teria sido mais digno da parte dela ter conversado. Danilo era estranho e estava sempre com ela, calado, corado do sol, andava sempre em seu encaço e agora percebia que tinha sido ingênuo, talvez desde que os conheceu.

A guerra desolava a Europa, e os aliados avançavam conquistando terreno. Os dias se tornaram longos e as noites mais ainda. Saía às vezes de madrugada a vagar pela areia da praia, ainda processando as carícias trocadas entre Paula e Danilo. Ela não havia lhe procurado, o que o deixava com mais rancor, magoado. Nunca tinha sentido aquilo, aquele aperto no peito, um nó na garganta que lhe tirava o sono e o apetite. Nunca tinha sofrido por amor e pensava que nunca mais queria amar. Tinha sido bom no começo quando, mesmo falsamente, era correspondido, quando mesmo vigiados por Danilo, tinham ótimos finais de tarde na praia, quando ela mergulhava naquele mar azul, corria na areia e, molhada, lhe abraçava, manchando a sua farda, ou quando subiam nas pedras para observar os golfinhos que saltavam como se estivessem num imenso picadeiro azul-turquesa.

Já fazia dias que chovia, e de repente um sol dourado se fez rei trazendo uma cor diferente ao mar. Da porta do alojamento, divisou Paula na beira da praia observando um grupo de golfinhos. Seu coração deu pulos que não sabia identificar se eram de raiva ou do que poderia dizer a ela. A moça se virou como se sentisse sua presença e veio na direção do rapaz cabisbaixa, esfregando

as mãos uma na outra. Ela não sabia que ele a tinha visto com Danilo. Chegou secamente e em poucas palavras lhe disse que não se casaria com ele por gostar de outro rapaz. Aquilo lhe aliviou, pensara que ela mentiria e aceitaria seu pedido.

Não disse nada, apenas ficou de pé observando-a caminhar na areia da praia sem olhar para trás. A vida seguiria. Talvez agora mais leve. Pegou a lancha e foi até a embarcação que dias atrás levava o cálice de presente para sua mãe. Tinha voltado do continente e trazia medicamentos. Ficou surpreso quando um marinheiro a bordo lhe devolveu a caixa com o cálice. Não sabia explicar como a caixa tinha voltado. Foi levada ao cais, mas, no meio do mar, encontraram a bordo, em cima de uma mesa. Pensava que algum marinheiro havia trazido de volta e estava devolvendo, pois a embarcação tinha outro destino. Tirou o cálice da caixa e colocou-o novamente em cima da estante, ficaria com ele e entregaria pessoalmente à sua mãe quando voltasse.

Naquela noite, recebeu a visita do tenente aviador Henry Foster, que adorava conversar e fazia anotações em português. A lua reinava no céu da ilha, e o mar calmo era a antítese da guerra. Conversaram sobre coisas diversas, o americano era bom de prosa. Ele gostou do cálice que tinha voltado à estante. Dantas disse-lhe que era um presente para sua mãe para ela enfeitar o oratório de São Francisco. Ele riu e fez o sinal da cruz. Conversaram até a madrugada.

A ilha amanheceu quase deserta. A maioria dos americanos estava em missão. Henry Foster consertava o hidroavião na beira-mar e lhe cumprimentou de longe. Dantas levou-lhe uma caneca de café e conversaram um pouco sobre o avanço das tropas aliadas. Aproveitava e treinava inglês, enquanto o americano praticava português. Ele consertava o motor da aeronave que tinha dado um pequeno problema, depois aproveitaria a calmaria da ilha e

do tempo para voar. O marinheiro voltou ao seu posto dentro do alojamento, onde tinha relatórios a aprontar, e ouviu o hidroavião roncar o motor e levantar voo.

O barulho da queda do hidroavião alguns minutos depois foi assustador. Por tantas vezes ter pilotado aquele avião, sabia que ele tinha voado alto. Correu à procura do barulho e viu ao longe a aeronave caída, soltando fumaça. Caiu sobre uma mata de restinga com pedras. A visão que teve do tenente Henry Foster, a quem há pouco tinha servido um café, tombado sobre os destroços, era assustadora. Ele estava morto, com os membros quebrados. Tinha um buraco na testa que refletia o sangue jorrando debaixo do sol forte. Ele não veria mais sua mãe e seus irmãos deixados nos EUA, e o irônico é que ele não tinha morrido na guerra, na batalha, mas observando o que ele chamava de morada de Deus. Não havia ninguém por perto, torcia que alguém do outro lado da ilha tivesse escutado o estrondo da queda do hidroavião e viesse verificar. Olhava a esmo sem saber o que fazer, era angustiante assistir àquela cena. Esperou minutos que pareciam não passar e resolveu arrastar o corpo para dentro do alojamento. O sol estava de rachar, e confiava que logo apareceria alguém para lhe ajudar, atraído pelo barulho da queda. Usaria o rádio para pedir ajuda. Estendeu o corpo na sala, incomodado com o estado dele, que parecia prestes a se desmontar. Henry Foster um homem enorme que agora parecia pequeno. O buraco na sua testa incomodava o marinheiro ainda mais, ele não queria olhar aquilo, não era justo deixar seu amigo americano daquele jeito.

Pegou o cálice na estante e encheu de água na torneira da pia no canto da sala, onde sempre lavava as mãos. Iria limpar o rosto do tenente e cobri-lo com um lençol para que seus amigos de farda não tivessem uma visão tão ruim. Tirou um pacote de algodão da

gaveta, molhou chumaços na água do cálice e limpou o rosto do Tenente Henry Foster. Molhou outro chumaço, espremeu o excesso da água, achatou e cobriu o buraco na testa do amigo que acabara de perder. Sabia que depois da guerra, quando cada um tomasse o seu rumo, era quase certo que não se veriam mais. Voltaria para o sertão, mas seu amigo não voltaria para os EUA, para sua mãe e seus irmãos de quem sempre falava. Tinha visto fotografias deles, eram parecidos. Quando Dantas lhe dizia isso, ele sorria jocoso, imitando os sorrisos dos fotografados. Era engraçado. Lavou o cálice na pia, secou e colocou novamente na estante, recolheu os restos de algodão cheios de sangue e descartou-os. Pegaria um lençol para cobrir seu amigo e iria à procura dos seus companheiros do outro lado da ilha. Foi ao armário do quarto, onde pegou um lençol, e procurou um terço numa gaveta. Era católico, o tenente também, e o terço era uma homenagem que faria: colocaria nas suas postas mãos como fazem as rezadeiras quando morre alguém no sertão.

Sua volta para a sala foi de uma surpresa de gelar a espinha. O corpo não estava mais lá. O algodão achatado que cobria o buraco na testa do militar estava no chão, mas o corpo havia sumido. Não ouviu ninguém entrar e correu à porta procurando respostas. Seu amigo americano estava em pé na beira da praia, atordoado, amarrado. Não poderia ser, há pouco ele estava morto com braços e pernas quebrados. Aproximou-se incrédulo e com medo. O sol estava forte e deixava os movimentos do tenente americano tão nítidos, que não dava para pensar ter sido uma miragem. Ele se tocava, se olhava como se não entendesse o seu estado, o marinheiro Dantas também não entendia, era uma situação única, sobrenatural aos seus olhos.

— Que houve comigo, Dantas? — Perguntou o militar, aturdido num português carregado pelo sotaque.

— O senhor estava morto! — Disse Dantas, ressabiado, olhando o que não entendia. Fincando os pés na areia, tremeu e sentiu o suor escorrer na testa e no dorso.

— Não morri! Estou aqui, vivo! — Respondeu o Tenente Henry Foster sem entender o que se passava.

— O avião caiu. O senhor estava morto! — Exclamou Dantas, apontado os destroços do avião.

— Sim. O avião caiu, agora lembro! Mas estou vivo. Nós caímos. — Disse o tenente, já próximo aos destroços. — Dantas, você está bem? — Perguntou, vendo o marinheiro suar e tremer.

— Estou. Estou bem. Vou entrar.

Caminhou a passos largos, olhando às vezes para trás, para o morto-vivo que via penalizado os destroços do hidroavião, como se nada tivesse acontecido com seu físico. Entrou no alojamento e caiu no sofá sem crer no que acabara de acontecer: ele estava morto, tinha certeza. Lembrou que o buraco na testa do soldado estava sarado, sem vestígios no rosto de qualquer machucado. Perguntava-se o que acontecera enquanto foi ao quarto pegar o lençol. Deus tinha entrado naquele lugar e trazido o tenente de volta. De repente, uma incerteza lhe rondou. O sol estava forte demais, e talvez tivesse tido uma alucinação, seu cérebro quente processou algo inexistente. Logo, pensava que tinha certeza, que o tinha arrastado para a sala do alojamento e que ele estava sem vida. Olhou o pedaço de algodão achatado no chão da sala, e sua certeza só aumentou. Uma dor de cabeça lancinante parecia que iria estourá-lo, e foi a pia lavar o rosto. Olhou da janela, e o piloto

continuava lá, observando os destroços da queda. Ele tinha voltado dos mortos, ressuscitado. Uma febre alta chegou de surpresa ao marinheiro, que tomou um antitérmico, deitou e dormiu.

Acordou aturdido com o barulho dos aviões sobre a ilha. Ouviu um barulho na cozinha do alojamento e tentou levantar para averiguar. Não conseguiu levantar-se, seu corpo doía por completo e exalava uma queadura que parecia ser vista, como o mormaço exalado quando o sol castiga o chão do Seridó. Paula entrou no quarto trazendo uma caneca com algo fumegante. O que estaria ela fazendo ali? Não teve forças para perguntar. Sua consciência estava sã, lembrava-se de tudo que não queria ter vivido, da queda da aeronave e da morte do tenente Henry Foster, mas não tinha atitude física. Paula levantou sua cabeça e lhe deu para beber um chá na caneca. Ela estava cuidando dele, que tinha uma doença sem nexos, que apareceu do nada. Parecia ver asas de anjo nela, duas imensas asas brancas. Era certo que Henry Foster havia lhe chamado, ele não sabia do rompimento dos dois, como também ela não sabia que o marinheiro a tinha visto com Danilo. Não sentia mais nada por ela, algo tinha mudado desde o dia em que lhe falou a verdade, que amava outro e que não poderia casar-se com ele. Parecia que ela sabia que aquelas palavras iriam lhe aliviar o coração traído. Não era de guardar rancor e nunca contaria que viu os dois, até para não se expor como o traído da estória. Dormiu depois do chá e acordou com o alarido das aves marinhas e o barulho do mar, já era manhã. Levantou bem-disposto e da janela viu um dia lindo. Alguns soldados tinham voltado, e a ilha novamente estava movimentada. O tenente ressuscitado bateu à porta e entrou sorrindo largo como sempre estava.

— Bom dia, marinheiro Dantas! Você está bem? Fiquei preocupado, estava com muita febre.

— Bom dia, senhor! Agora estou bem. — Respondeu olhando o tenente à sua frente, tentando descobrir o que não sabia.

— Tem um médico na ilha. Chegou hoje cedo. Ele pode vir aqui se você quiser. — Perguntou o americano, não tentando ser invasivo.

— É! Eu quero. Quero sim. Mas estou me sentindo bem. — Respondeu. Perguntaria ao médico se era possível que o sol forte pudesse provocar um quadro de alucinações. Não contaria o que houve.

O tenente foi embora se desculpando por ter trazido Paula para cuidar dele, só queria o seu bem e ela poderia ajudar, já que a ilha estava quase deserta. Falou também que Danilo ficou de guarda o tempo todo no terreiro. Não se sentiu incomodado. O avião teve perda total e agradeceu a Deus por estar vivo. Ele não lembrava que morreu, que estava todo quebrado, que tinha um buraco na testa no qual cabia seu polegar. Era um milagre. O americano era um bom homem, e Dantas achava agora, como bom católico, que tudo aquilo tinha sido um milagre. Talvez o terço que pegou para presentear-lo em morte, que foi bento aos pés de Santa Vitória, e que algumas vezes rezaram juntos o debulhando, tenha lhe dado essa vitória. Não entendia. O médico já era seu conhecido, era do exército brasileiro, um potiguar conversador, e lhe afirmou que não era a sua área, mas o sol muito quente poderia afetar os sentidos. Poderia fazer o sujeito ter alucinações, miragens. Não poderia ter sido alucinação, preferia acreditar num milagre, pensou, depois que o médico saiu. O tempo passou e na ilha tudo continuava como antes, bem diferente das ilhas do pacífico onde batalhas sangrentas almejavam a rendição do inimigo.

A guerra estava no fim, e esse agosto de 1945 estava trazendo bons ventos e mar tranquilo. A rendição do Japão deu fim à guerra. Agora era preciso juntar os cacos. A Marinha pediu o seu retorno a Natal, onde pretendia pedir baixa da Força. Tinha dado a sua contribuição num momento importante da história e pretendia voltar ao Seridó para cuidar dos seus velhos. Estavam quase todos de partida, tudo estava sendo desmontado e levado para a base área de Parnamirim. O seu amigo ressuscitado foi se despedir e tiraram fotos na sala do alojamento, ele gostava de tirar fotografias. Sentiria falta do tenente Henry Foster, que tinha lhe ensinado a voar e que rezava com ele. O tempo tinha passado, mas nesse período não houve um dia sequer em que não se lembrasse do dia do acidente, do milagre, como acreditava. Aproveitou a despedida e deu-lhe de presente o terço, que entregaria quando o encontrou morto. Ele agradeceu, beijou o objeto e o colocou no bolso da farda, emocionado.

Dantas arrumava as malas mecanicamente, tinha passado muito tempo naquele lugar e sentiria falta. Embalou o cálice em uma toalha e colocou no sacolão de marinheiro, era o presente para sua mãe. Logo o barco partiria e resolveu dar uma volta na beira da praia, rever seus lugares. Lugares dos quais pôde desfrutar com uma mulher que pensou ser única, mas não foi, e o sentimento passou, sem mágoas, sem ressentimento. Caminhou chutando a franja da praia, recordando cada momento que passou naquele paraíso. Agora mudaria completamente. Novamente enfrentaria o sertão inclemente que urgia seu tempo diante de problemas diversos de seca e fome. Mas estava feliz, pois gostava do seu torrão, da sua gente que sabia tirar leite de pedra, da mágica que a chuva trazia, e deixava verdes os vales e as serras, e dos riachos a escorrer água nítida, doce. Sabia pelas cartas que a exploração

de minério por companhias estrangeiras estava levando emprego para o Seridó. Era uma boa notícia, já que poderia aliviar a falta de tudo, na época de seca.

Na curva da praia, atrás de um arbusto, Paula e Danilo observavam a última caminhada do marinheiro pela beira do mar. Quando ele saiu das suas vistas, nasceram, nas costas de Paula, duas grandes asas douradas. Ela encostou, suavemente, os lábios nos de Danilo formando, os dois, um único anjo com as formas de Paula. O anjo alça voo num grande espetáculo para os olhos no céu azul da ilha até desaparecerem nos raios do sol.

O marinheiro Dantas embarcou e seguiu para um novo capítulo da vida, deixava para trás talvez a parte mais importante dela: ter presenciado um milagre. Fez parte dele. Também sentiria falta do céu da ilha, da areia branca da praia, do azul do mar, do show dos golfinhos amostrados, dos periquitos na algazarra matutina, das aves marinhas e seus gritos roucos, do vento... Repousou o sacolão de marinheiro na parte de cima do beliche da cabine do barco e deitou na parte de baixo, começando a voltar para casa. Passaria na casa do seu tio, que tinha se curado, para resolver a dispensa militar e depois voltar para a casa de pai e mãe.

CAPÍTULO III

O POMBO-CORREIO

Lisboa – Portugal (1985 d.C.)

O coral enchia a igreja de Santo Ovídio com o canto gregoriano. A doutora Cora Rodrigues caminhou pela nave seguindo o apressado frei Nelson Marques. Parou um pouco para observar o coral, que cantava lindamente. O frei também parou e ficou observando a museóloga, de quem tanto já ouviu falar, mas não a conhecia de perto. Era uma mulher bonita, alta, elegante, de cabelos pretos curtos, o que lhe dava certa seriedade. Uma estudiosa de antiguidades conhecida por descobertas valiosas de peças perdidas ao longo do tempo. Estava ali para encontrar o cardeal Antônio dos Anjos, que lhe esperava ansioso desde que soube da sua vinda. O cardeal vivia na igreja de Santo Ovídio, tinha vindo de Roma há mais de um ano, por problemas de saúde, para descansar num lugar mais calmo, escolhendo ir para Lisboa, para o bairro onde cresceu. Foi responsável pelo museu do Vaticano durante algum tempo, tendo, na sua gestão, descoberto artefatos do cristianismo que datavam de eras, e foi um grande companheiro de pesquisas da doutora Cora. Frei Nelson pigarreou, dando a entender para Cora que o cardeal estava esperando. Ela o mirou simpaticamente, depois olhou o coral e o seguiu.

A porta do gabinete se abriu e o cardeal a recebeu num acalorado abraço, afinal eram velhos amigos. As novidades trazidas por Cora tinham deixado o velho cardeal mais alegre e ansioso. Ela o telefonou da Espanha e estava ali na sua frente, dizendo ter feito a maior descoberta de todos os tempos. O cardeal, apesar da aflição pela boa notícia que ela trazia, foi polido, e antes quis saber notícias suas, como estava sua estimada amiga. Frei Nelson observava tudo sentado num confortável sofá forrado de couro, folheando uma revista aleatoriamente. Cora abriu uma pasta cinza que trazia e, com um gesto discreto, acenou ao cardeal da presença do frei. Educadamente, o cardeal dá uma tarefa ao frei Nelson para que ele os deixe a sós.

Frei Nelson era o religioso que fazia companhia ao cardeal e o ajudava na administração da pequena paróquia. Era um bracarense de trinta anos, ambicioso, que almejava crescer dentro da igreja. Almejava um cargo importante no Vaticano e tentava sempre convencer o cardeal a indicá-lo. Sabia que o cardeal estava velho, mas era um homem forte que não se entregava. Estava com ele porque tinha sido mandado pelos seus superiores, e, já que não podia se opor, queria conquistar um legado, um cargo importante. Depois que saiu, entendeu que foi dispensado da conversa, e ficou curioso e furioso, por cuidar do “velho” e não ter sua confiança.

O cardeal examinou o pedaço de pano amarelado levantado na frente dos olhos. Suas mãos tremiam, mas seus olhos vivos pareciam devorá-lo.

— Esplêndido! Onde mesmo essa mensagem foi encontrada?
— Perguntou o velho religioso, pegando uma lupa pra examinar melhor a escrita.

— Nos escombros de uma Igreja no sul da Espanha. Essa mensagem nunca foi recebida. Pelo que concluí, na época de 1700, o povoado onde ficava a igreja foi esvaziado por causa de um terremoto. A mensagem foi encontrada, ainda entubada num cano de osso, por um professor de história, meu amigo, que dava uma aula nas ruínas aos seus alunos. Foi trazida por um pombo-correio — Relatou Cora, enquanto tirava outras coisas da pasta.

Depois de ter recebido o pequeno pedaço de papel enviado pelo seu amigo professor, meses atrás, Cora investigou a mensagem e tudo que poderia esclarecer. Descobriu em escritos antigos no Vaticano que o padre Juan, o autor da mensagem, realmente embarcou no navio Santa Inês, no porto de Marselha, na França. Descobriu escritos que lhe davam o posto de maior autoridade em artes sacra no ano de 1700. As poucas informações sobre a viagem de mais de dois séculos atrás não esclareciam muito sobre o padre Juan. A mensagem foi enviada ao seu irmão, também padre, que estava no sul da Espanha. Devido ao terremoto, a área na época foi esvaziada, pois tudo ficou em ruínas, e o pombo-correio não entregou a mensagem. Treinado, deve ter morrido com ela presa nas costas, ficou perdida no tempo. Ela foi escrita e enviada, segundo a própria mensagem, pouco tempo antes do naufrágio do navio Santa Inês, próximo à costa do Brasil. Também descobriu que o navio levava passageiros e cargas para a África e a Ásia, a maioria deles à procura de vida nova nas colônias em expansão. Gente que tinha dinheiro e ia à procura do barato para enriquecer. Imaginava que ele ficou à deriva por dias, pois sua rota foi totalmente alterada, indo ele naufragar, como diz a mensagem, no litoral do Brasil. Era lá que estava o Cálice Sagrado, no fundo do mar brasileiro.

O cardeal já tecia planos, mas faltavam informações sobre o naufrágio, como o seu local exato. A mensagem era sucinta e seu

objetivo era avisar alguém na terra que o Cálice Sagrado estava a bordo do navio Santa Inês, prestes a naufragar. Foi uma maneira sábia que o religioso espanhol encontrou, mesmo na agonia do fim, de deixar pistas sobre um bem maior do cristianismo. Ele conhecia o cálice, uma vez que era um estudioso de artefatos sacros na época. Cora não parava de pensar em como o cálice foi parar com ele. Eram perguntas que não tinham respostas exatas, só suposições. O padre Juan era estimado na Cúria e deveria estar numa missão importante levando a bordo o Santo Cálice, não poderia pensar diferente. Fazia muito tempo do naufrágio, mas teriam que tentar encontrá-lo. Era o cálice que Jesus bebeu na última ceia. Contavam muitas histórias sobre o Santo Graal, sobre sua existência. Ele existia sim, como existiu a última ceia, e iria encontrá-lo. Era uma museóloga obstinada, que gostava de garimpar raridades. Em suas palestras nas grandes universidades do mundo, sempre falava sobre essa obstinação pelo perdido, que a busca só terminava quando a peça estava na mão.

Discutiu o resto do dia com o cardeal sobre maneiras de encontrarem mais informações sobre o naufrágio do navio Santa Inês e sobre o padre Juan. Ela viajaria a Marselha na busca de documentos da época de 1700. Talvez tivesse sorte e encontrasse algum vestígio, alguma pista. Iria ao porto na busca de documentos antigos que pelo menos pudessem indicar uma lista de passageiros ou de carga. Era uma tarefa difícil. Era praticamente impossível que ainda existissem anotações da época, se tratando de uma simples viagem de navio, tão comum para os desbravadores do século XVII.

Embarcou num trem na estação Santa Apolônia com destino a Paris, depois a Marselha. Preferiu ir de trem, pois além de ser confortável, teria tempo para pensar como agiria. Iria ao porto assim que se acomodasse e tentaria encontrar alguma coisa sobre

o Santa Inês. Ficou da janela olhando a paisagem que corria aos seus olhos, como era bonito esse pedaço da Europa. Passaria em Coimbra, onde nasceu e voltava sempre, gostava daquela cidade, tinha ido embora de lá aos dezoito anos para estudar na América, depois se mudou para o Vaticano, mas sempre voltava para ver as suas tias. Adormeceu e dormiu pesado, acordando já em Salamanca, na Espanha. Faria uma conexão em Hendaye, onde aproveitaria para comprar revistas.

Já em Paris, na estação Gare de Lyon, embarcou em outro trem em direção a Marselha. Tinha comprado revistas brasileiras e as leu, tentando entender mais sobre o país. Possuía um litoral imenso, extenso em milhares de quilômetros. Sem uma indicação que levasse ao local, era como catar agulha num palheiro. Sabia que no porto de Marselha não encontraria essa indicação, pois o Santa Inês tinha uma rota diferente. Iria por partes.

Um funcionário do porto chamado *monsieur* Leroy era responsável pela administração da área do porto que lhe interessava: o arquivo. Foi muito simpático, pois já tinha ouvido falar na doutora Cora Rodrigues e se prontificou a ajudá-la, mas sem lhe dar esperança. Documentos do ano de 1700 não existiam no arquivo dele. Então indicou um prédio público desativado que ficava no final de uma ladeira, numa rua bem perto do porto. Era administrado por ele e guardava documentos de embarques antigos, mas, ainda assim, teria muita sorte se encontrasse entre eles algo de 285 anos atrás. Mandou que um moço a acompanhasse ao local e lhe deu carta branca para procurar o que quisesse. Ele não perguntou o motivo da busca, mas ela fez questão de dizer que estava pesquisando sobre embarcações do século XVII.

O lugar era enorme, com muitas caixas plásticas guardando documentos de toda espécie. O moço que acompanhava a doutora lhe deu uma dica preciosa que o simpático *monsieur* Leroy não tinha dado: os documentos mais antigos estavam em três baús no final do galpão. Confessou que uma vez andou olhando os documentos e havia alguns bem antigos, muitos inelegíveis pelo passar do tempo, mas alguns em perfeitas condições. Arrastaram os baús para um espaço iluminado por uma alta janela de vidro.

Foram dois dias debruçados sobre o conteúdo dos baús. Cora tinha encontrado documentos de até 200 anos atrás, cartas náuticas, notas de mercadorias, lista de passageiros e outros, mas nada do ano de 1700. Um cansaço enorme e uma decepção esperada lhe desanimavam, mas outro baú, menor, meio escondido atrás de uma escrivaninha, lhe chamou atenção. O moço não tinha conhecimento dele, não tinha observado, ia pouco ali. O simples abrir do baú pareceu um milagre. Estava cheio de livros de viagens e na capa, escrito em bom francês, estava “Navio Santa Inês”. Sentiu as mãos tremerem e percebeu que seu corpo também tremia. Tinha encontrado o que procurava. Copiou o livro e voltou a Portugal. Em Lisboa, na igreja de Santo Ovídio, frei Nelson inspecionava a casa paroquial, nos fundos da igreja, onde morava com o cardeal, que tinha entrado para a sua sesta, e ele inspecionava portas e janelas. Estava curioso em saber o que trouxe a doutora Cora até Lisboa, que mistério ela escondia juntamente com o cardeal. Sabia que era algo grande, pois tinham lhe evitado todo tempo. Viu na sesta do seu superior uma oportunidade de fuçar suas gavetas. Tinha que saber o que escondiam dele. Observou a tranquilidade do ambiente e entrou no gabinete do cardeal.

Vasculhou cuidadosamente cada gaveta da grande escrivaninha de Ipê brasileiro, sem sucesso. Ficou a observar pequenos

detalhes dentro da sala e percebeu um pequeno tubo escondido atrás de livros. Abriu o tubo e verificou a mensagem de padre Juan. Sua surpresa não foi menor do que a dos outros, era uma mensagem do ano de 1700 na qual um padre espanhol afirmava que o Santo Graal estava a bordo de um navio que naufragara no litoral brasileiro. Passada a surpresa, caminhou até seus aposentos, estirou a mensagem numa mesa e fotografou — tinha planos. Voltou ao gabinete do cardeal e colocou o tubo onde encontrou. Sabia agora o segredo que deixou o cardeal tão desatinado às vésperas da visita da doutora Cora, e que segredo! Alguém teria que saber daquela descoberta, era uma informação valiosa que poderia ajudá-lo a galgar o posto que ambicionava na Cúria.

Chovia muito em Lisboa, e a doutora Cora tentava pegar um táxi que a levasse à igreja de Santo Ovídio. Estava esfuziante pela descoberta do livro de embarque do navio Santa Inês, como também impaciente com aquela chuva e a falta de táxis na estação. Tinha voltado de Marselha de trem, porque gostava e também teria mais tempo de examinar o livro, em especial a lista de passageiros. Tinha a intuição de que ali teria alguma pista do que poderia estar fazendo o Santo Cálice rumo à Ásia. O cardeal lhe esperava ansioso, tamborilando os dedos no braço da cadeira. Sabia que ela trazia novidades, pois tinha ligado ainda de Marselha. Também esperava que o livro de embarque levasse a um próximo passo. Frei Nelson Marques lhe serviu uma água e tentou uma conversa sobre a forte chuva que caía em Lisboa. Não obteve respostas. Às vezes ele era assim e sabia que era a hora de se retirar.

A doutora Cora postou em cima da mesa do cardeal as cópias do livro. O religioso parecia uma criança diante de um doce. Foi logo para a lista de passageiros, porque poderia identificar um nome que fizesse parte da alta cúpula da igreja no ano de 1700.

Precisavam descobrir algo novo que endossasse a mensagem do espanhol. Morou sua vida toda no Vaticano e conhecia nomes importantes da época. O nome que lhe chamou atenção na lista de passageiros foi o de padre Pierre Legam. Sabia que, no ano de 1700, o padre Pierre Legam tinha desaparecido levando vários objetos da Igreja de São José, onde era pároco e guardião das relíquias. Teve ordem dos seus superiores de voltar, pois o povoado próximo a Veneza estava sendo desolado por uma epidemia de gripe. Ninguém soube dele, que desapareceu juntamente com os artefatos. Concluíram que o Santo Cálice estava a bordo, levado pelo padre Pierre. Era um dos objetos, guardados no porão da igreja de São José, que deveria guardá-los. Agora tinham certeza que a mensagem era autêntica, pois, também, na lista de passageiros, estava o padre Juan do Monte.

Ajoelhado frente ao altar de Santo Ovídio, frei Nelson Marques sentia-se preterido. Mais uma vez tinha sido dispensado da conversa. Estava ali ajoelhado diante do altar sem ter o pensamento voltado para ele. Um rancor incessante agora era seu companheiro. Estava com o cardeal há muito tempo para ser descartado daquele jeito. Vasculharia depois o gabinete e encontraria as novidades como encontrou a mensagem e faria bom proveito. Não era descartável, não exprimia confiança ao cardeal. Observou, ainda de joelhos diante do altar, a doutora Cora ir embora pela porta lateral. Aonde iria? — Perguntava-se — A noite visitaria o gabinete do cardeal com sua máquina fotográfica. Tinha certeza de que a doutora Cora tinha trazido novidades, algo novo em relação à mensagem, e sabia muito bem com quem negociar para conseguir seu objetivo. Na hora do jantar, indagou o cardeal sobre a visita de Cora. Ele lhe disse que estavam na busca de pistas de um antigo crucifixo. Ela tinha ido a Marselha atrás de pistas. Talvez

ele tivesse razão de esconder o que estava procurando, afinal se tratava do Santo Graal, mas isso não servia ao frei. O silêncio da noite se fez e sentiu-se seguro para visitar o gabinete do cardeal. Vasculhou o espaço minuciosamente, nada encontrou. Talvez não fossem pistas materiais, e, se não fossem, nunca saberia. Saiu do gabinete e ficou a ruminar sua sorte olhando o teto do quarto. Tinha algo valioso nas mãos, poderia não fazer nada, guardar o segredo, mas sua ambição açodava seu lado diabo. Levantou da confortável cama, foi ao telefone na escrivaninha e discou, estampando um sorriso de vencedor.



O próximo passo da doutora Cora seria visitar a igreja de São José à procura de vestígios quase impossíveis, depois de quase três séculos. A igreja ainda existia no alto de uma colina. Inteirou-se de que não abria as portas há muito tempo, mas estava bem conservada. Esperaria o seu amigo professor de história para acompanhá-la, o mesmo que lhe enviou a mensagem encontrada nas ruínas. O nome dele era Santiago. Conheceram-se nos corredores da universidade e até namoraram, um namoro meio adolescente, mas cada um seguiu seu rumo. Tinham se falado em datas importantes nos últimos anos, e gostaria de compartilhar com ele esse momento. Devia isso a ele, que era um conceituado professor de história numa universidade de Lisboa. Ele também fazia questão. Iriam se proporcionar a viver essa estória, e ela, em especial, reveria o amigo.

Veneza estava linda naquela manhã. A gôndola deslizava pelo canal levando a doutora Cora. Encontraria Santiago no hotel. Depois de acomodar-se, alugaria um carro e rumariam para a igreja de São José. Estava com sorte e mais confiante depois da

descoberta de Marselha. Torcia para encontrar alguma coisa que levasse a investigação adiante. Não sabia o que, mas talvez a sorte ainda lhe acompanhasse. Santiago estava mais viril, não parecia o garotão da universidade que ainda tinha espinhas. Ficou feliz ao encontrá-lo, parecia que nunca tinham se separado. Conversaram e riram muito, mas a responsabilidade os chamava. Chegaram à igreja de São José acompanhados de uma senhora que guardava as chaves. Ela contou que as chaves estavam com sua família desde os seus bisavós, pois sua família sempre cuidou da igreja. Ela os acompanhou ao porão de pedra bem conservado, conduzindo um farol de gás que clareava a cada porta aberta. Depois de duas portas, havia um último vão, onde uma estante de madeira guardava livros. Um oratório ornado com pedras brilhantes numa pequena mesa eram os únicos móveis do ambiente. Dentro dele, uma imagem de São José. Aproximaram-se do oratório e trocaram um olhar de cumplicidade. Era uma obra linda, que, como museóloga, tinha convicção de que merecia ser mostrada, era diferente. Depois pediria a remoção para o Museu do Vaticano, não merecia ficar escondida num porão de uma igreja abandonada, assombrada pelo fantasma de uma epidemia de gripe.

Foram deixados a sós pela guardiã das chaves, que tinha seus afazeres. Começaram a investigar os livros da estante, iluminados pela luz do farol. Parecia que o poder de Deus tinha traçado tudo aquilo. Eles encontram um velho e bem conservado livro que registrava a entrada das obras e de onde vinham. Eram identificadas por códigos que pareciam não dizer nada. Cada folha do livro mostrava um desenho de um objeto em seus mínimos e valiosos detalhes. Era uma coleção incrível que estava dormindo no leito do mar do Brasil. Teriam que levar aquele livro, depois devolveria. Agradeceram à senhora guardiã das chaves da igreja de São José e

voltaram para Veneza. Santiago voltava mais pesado, pois levava o livro debaixo da jaqueta. Iriam para Lisboa tentar descobrir, com o cardeal, se o Santo Graal estaria entre os desenhos. O livro tinha desenhos de vários cálices. Teriam que se debruçar sobre o livro, ela, Santiago e o cardeal para decifrar os códigos. Estavam avançando.



Frei Nelson Marques colocou a pequena mala no sofá da sala. Iria viajar. Tinha pedido permissão ao cardeal para se ausentar uns dias para visitar um parente doente em Braga. Deixou instruções com a cozinheira para os cuidados com o cardeal, que insistia em dizer que sabia se cuidar sozinho. Era o início do seu plano de ascensão dentro da Cúria. Era um simples frei, servidor de Deus, mas tudo poderia ser mudado, e estava disposto a isso. Sabia de pessoas que ascendiam rapidamente, como também sabia que, às vezes, por meios escusos. Com a informação que tinha, conseguiria mudar seu destino. Viajou durante horas guiando seu carro e, quando a tarde caía, chegou ao Castelo de Canto. Avistava, ao se aproximar, o imponente castelo de Dom Valentim, era o homem que procurava. Dom Valentim de Canto era dono de uma das maiores fortunas da Europa, influente em todas as áreas e um dos maiores colecionadores de obras de arte do continente. Um antropólogo de formação e vaticanólogo de paixão. Escrevia artigos para revistas e tinha livros publicados. Havia o conhecido em uma audiência quando ele palestrou sobre o Santo Graal na Universidade de Roma. Tinha o acompanhado até o carro depois da palestra juntamente com o cardeal. Era um inglês de cinquenta anos, bonito, falante e inteligente, que despertava a curiosidade de muitos. Ele morava no Castelo de Canto, que pertencia há séculos a sua família e que foi construído por um antepassado. Sua reputação precedia outras

impressões, do tipo que ele era uma encarnação de Lúcifer, que sua riqueza tinha origem duvidosa. Diziam que ele tinha parte com o demônio, que tinha mais de mil anos, que era um anjo que traiu Deus e foi excomungado. — Não cria nessas bobagens, lendas.

Quando a porta do castelo se abriu, um mordomo alto, forte, de uns trinta e poucos anos, o recebeu. Conhecia alguns castelos na Europa, mas aquele era diferente, sombrio. O estilo rococó predominava. O mordomo, que se chamava Dionísio, o guiou por um corredor decorado com pinturas raras nas paredes até uma porta dourada no final. Dom Valentim lhe esperava olhando pela janela com as mãos nos bolsos da calça escura. Não tinha envelhecido, era o mesmo de anos atrás.

— Como vai, frei Nelson? Fez boa viagem? — Indagou Dom Valentim, estendendo-lhe a mão, que ostentava um brilhante anel de ouro cravejado com um rubi cor de sangue.

— Estou bem, Dom Valentim, e fiz sim uma boa viagem. — Respondeu frei Nelson, apertando a mão mais macia que já tinha tocado.

— Então, tens uma boa informação que me interessa? Sabe, frei, só aceitei receber o senhor por saber que mora com o cardeal Antônio dos Anjos, e me interessao que interessa a ele. — Disse Dom Valentim, convidando frei Nelson a sentar-se numa bonita cadeira de dois lugares.

— Tenho... Uma informação preciosa! Uma mensagem trazida para o cardeal pela doutora Cora Rodrigues. Como disse no telefone, tenho certeza que é do interesse do senhor. A mensagem foi enviada pelo padre espanhol Juan do Monte no ano de 1700, no meio de um naufrágio no litoral brasileiro. — Respondeu o religioso, ajeitando-se na cadeira.

— Interessante! Doutora Cora, faz tempo que não a vejo. Padre Juan do Monte foi o grande conhecedor de arte sacra daquele século. É o próprio? — Perguntou Dom Valentim, curioso.

— Sim. Ele mesmo. — Respondeu o frei, entusiasmado.

— E, provavelmente, o frei vai querer algo em troca dessa mensagem? — Perguntou Dom Valentim, fazendo um carinho no ombro do frei.

Frei Nelson olhou Dionísio, que estava de pé como se guardasse a porta dourada. Tinha algo estranho nele, nos olhos dele. Do seu lado, Dom Valentim o persuadia. Agora, tinha dúvidas se realmente queria estar ali. Ainda há pouco estava convicto da traição ao cardeal, da ascensão que almejava, mas agora tinha receio. Dom Valentim percebeu o seu incômodo e olhou para Dionísio, fazendo-o entender que saísse. — Eles se comunicavam com o olhar — Agora estavam a sós. Tirou de um bisaco de lona a fotografia da mensagem do padre Juan do Monte e entregou ao seu anfitrião, que observou a foto demoradamente. Seus olhos pareciam fogo. Estava diante da abertura da profecia, estava diante do despertar do guardião. Sabia quem era aquele frei e por que ele estava ali. Ele não sabia do seu destino, para que foi criado. Prometeria o que ele queria.

— Interessante! O que o senhor sabe mais sobre essa mensagem? — Pergunta o vaticanólogo, olhando novamente pela janela. As veias das suas mãos latejavam, pulsavam.

— Não tenho muitas informações. Só que, depois da visita ao cardeal, a doutora Cora viajou pra Marselha. — Respondeu frei Nelson.

— Exatamente de onde o navio Santa Inês partiu rumo à Ásia?

— Sim.

Dom Valentim observou a fotografia da mensagem mais uma vez, sentou ao lado do frei Nelson e agradeceu por ter se lembrado dele diante de uma descoberta tão importante. Era uma pista segura de onde poderia estar o Santo Cálice. Não sabia qual a contrapartida do frei, nem estava disposto a atendê-lo. Ele teria o que merecia. Conhecia o comportamento de frei Nelson, enganador, mas conhecia suficientemente o cardeal Antônio dos Anjos para saber que o entusiasmo que o frei lhe relatara pela visita da museóloga fundamentava aquela descoberta.

Ele pediu licença ao frei e saiu da sala, voltando minutos depois acompanhado de seu mordomo Dionísio. Mais uma vez, um arrependimento súbito tomava conta do religioso diante daquele mordomo, que o incomodava. Ele o olhava como se quisesse algo mais. Dom Valentim guardou a fotografia num envelope escuro, foi a ele ainda sentado na bela cadeira de madeira e beijou-lhe a mão. Não era natural um homem da estirpe de Dom Valentim beijar a mão de um frei como se fosse uma alta figura da Cúria. Ele sorriu sem nada dizer, caminhou até a porta dourada e saiu do ambiente, deixando-o com o Mordomo Dionísio. Até aquele momento da sua vida, nunca tinha tido ou experimentado o que chamam de sexto sentido, mas ali, diante daquele jovem mordomo, sentia que algo de ruim estava para acontecer. Falavam muitas coisas de Dom Valentim, da sua sincronia com o sobrenatural, com o maléfico, mas o frei não acreditava.

Durante o tempo em que trabalhou com o cardeal no museu do Vaticano, tinha ouvido muitas histórias macabras sobre o lorde, que agora, trancado naquela sala bem decorada do Castelo de Canto, invadiam seus pensamentos. Dionísio parece perceber o seu medo, se aproxima, e ele percebe nos olhos daquele belo rapaz que seu fim se aproximava.

CAPÍTULO IV

O PERGAMINHO

O livro estava posto sobre a mesa do gabinete do cardeal, que o folheava vagarosamente, sorvendo cada figura. A doutora Cora e Santiago eram seus papagaios de pirata. Não falavam nada, apenas observavam as obras bem desenhadas. Cada uma trazia do lado um único nome, e, abaixo desse nome, um número que variava, nunca passando de dez dígitos. Estavam todos eufóricos pela descoberta do livro com o registro dos artefatos sacros na igreja de São José. Bastava decifrar os códigos e teriam certeza absoluta de que o Santo Graal estava com o padre Pierre Legam a bordo do navio Santa Inês. O cardeal Antônio dos Anjos suava analisando cada desenho. Pensava que, mesmo que não identificasse o Cálice Sagrado, aquele tesouro teria que ser recuperado. Estava velho, aquela provavelmente seria sua última missão antes de morrer. Na página dezessete do livro, um cálice bem desenhado chamou a atenção do cardeal. Santiago quebra o silêncio quando proclama o nome e o número que estão escritos ao lado do cálice desenhado na página dezessete: Arimatéia 10131710. Depois o silêncio parece se acentuar diante da página. Até que o cardeal novamente o quebra.

— É o Santo Graal! É o desenho do Santo Graal! José de Arimatéia sepultou o corpo de Cristo dado por Pilatos! — Exclamou o cardeal, levantando com o livro nas mãos.

— E os números? — Perguntou Santiago.

— Os números! São oito números. Temos que decifrá-los, eles dizem alguma coisa. — Disse a doutora Cora, pegando o livro das mãos de um cardeal entorpecido, esboçando um leve sorriso.

— 10131710. O que poderia ser? — Perguntou Santiago, eufórico.

Depois da euforia, dividiram as tarefas. O cardeal tentaria descobrir o significado dos oito números. Sua missão seria trabalhar noite e dia para completar o enigma. Tinham o nome de Arimatéia, que, ditam as escrituras, pediu a Pilatos o corpo de Jesus, por ser seu amigo e responsável pelo seu sepultamento. Os crucificados eram jogados, não era permitido sepultá-los. Era uma boa indicação. Mas e os números? À primeira vista, pareciam não dizer nada, mas estavam ali por um propósito, que o cardeal teria que descobrir.

O professor Santiago estudaria o litoral brasileiro, muito extenso. Seu propósito era pesquisar naufrágios registrados na área. Era uma tarefa difícil, especialmente depois de mais de duzentos anos. Conhecia um pouco sobre o Brasil, já tinha visitado o país como turista. Primeiramente, se concentraria em pesquisar documentos portugueses que falassem sobre a colônia brasileira, talvez encontrasse escritos de algum naufrágio, ou alguma citação que pudesse lhe dar uma pista. Era uma tarefa árdua. A mensagem só falava que estavam na costa brasileira, por isso, se concentraria, primeiramente, na costa norte-nordeste por estar mais próxima de onde partiu o Santa Inês. Tinha pouco tempo em Lisboa, teria

que andar rápido, pois iria a Washington, nos próximos dias, levar seus alunos para uma exposição sobre os quarenta anos da Segunda Guerra.

A doutora Cora iria em busca de objetos recuperados de naufrágios no litoral do Brasil. Sua missão era visitar bibliotecas, museus, institutos geográficos, verificar arquivos antigos que pudessem lhe dar uma luz. Tinha trânsito livre em Lisboa para procurar o que quisesse, era famosa, respeitada no mundo das artes. Sabia que não seria uma tarefa fácil, não tinham um ponto para se fixar, era tudo meio incerto. A sorte estava sorrindo a ela, estava empolgada com o que poderia descobrir, mas também por ter reencontrado Santiago. Nunca tinham terminado o namoro da época da universidade, gostava dele e estava feliz por tê-lo ao seu lado num momento tão importante para história cristã. Estava obstinada em encontrar o cálice e também muito feliz.

Os dias passaram sem que as investigações avançassem. A cozinheira do cardeal lhe entregou uma carta que um mensageiro trouxe, ele leu. Era uma carta escrita à mão por frei Nelson Marques, avisando que só voltaria para Lisboa alguns dias depois. Estava pedindo uma licença por precisar de tempo para cuidar de alguém doente. Pedia desculpas, mas era preciso. Vivia longe dos seus em Lisboa, era um Franciscano, não tinha bens a não ser um carro herdado. O cardeal lamentou a inesperada iniciativa do frei, que vivia com ele há algum tempo, desde o Vaticano. Era um rapaz ambicioso, sabia, e o tamanho do seu problema deveria ser grande. Esperaria. Doutora Cora e Santiago também lamentaram a notícia do frei. Não tinham avançado nas investigações, nada de novo era encontrado ou descoberto. Santiago viajou a Washington para cumprir compromissos, e a doutora Cora já planejava uma viagem ao Brasil na tentativa de descobrir algo que desse andamento à

investigação. O cardeal ficou abalado com a carta do frei, pois esperava que o problema da família dele não fosse grave, e seguia tentando decifrar os números. Folheava livros de matemática, sobre astronomia e sobre calendários, mas não chegava a lugar nenhum.

A visita inesperada de Dom Valentim de Canto à paróquia de Santo Ovídio era algo inusitado. Demonstrou surpresa ao encontrar a doutora Cora. Ele nunca tinha visitado a igreja desde que passou a morar nas redondezas, pensava o cardeal. Disse que estava passando pelos arredores e resolveu rever o religioso. A doutora Cora percebia algo naquela visita inesperada. Dom Valentim era um homem polido, do tipo que não faz uma visita sem antes avisar, sem um propósito. Talvez ele estivesse falando a verdade, já que ninguém sabia da mensagem além dela, do cardeal e de Santiago. Ficaria de olho. Jantaram os três e conversaram sobre o que entendiam muito bem arte sacra. Discutiam com propriedade as linhas curvas do barroco e de outros estilos, o que fazia a conversa agradável para a doutora Cora e o seu anfitrião. Conheciam o lorde vaticanólogo, e sabiam que ele era bom de prosa.

À noite, depois do delicioso jantar, a conversa foi dominada por assuntos de viagens que se tornaram aventuras na busca de preciosidades, quando todos tinham algo para contar. A certa altura, Dom Valentim indaga sobre o paradeiro do Cálice Sagrado. Ninguém sabia onde estava. Uma apreensão tomou o cardeal e a doutora, mas tinham certeza de que era só mais um assunto, ele não sabia de nada e reagiram como poderia ser, fazendo a mesma pergunta. Tinham falado de todo tipo de assunto, e o Santo Graal sempre estava entre eles, em qualquer grupo de conhecedores de arte sacra. O telefone tocou, e a doméstica adentrou a sala depois de atendê-lo, informando à doutora Cora que o telefonema era para ela: o professor Santiago estava ligando de Washington. Dom

Valentim ocupou o quarto de hóspede da casa paroquial para pernoitar, pois viajaria na manhã seguinte. Tinha alcançado seu intuito naquela visita. Teve a certeza de que o Santo Cálice ainda não tinha sido encontrado e descobriu o próximo passo que a doutora Cora havia dado. Tinha que agir. Há séculos procurava a oportunidade que estava aos seus olhos. Teria o poder do cálice. Estava quase cara a cara com o escolhido, o guardião.



A exposição sobre os quarenta anos da Segunda Guerra Mundial ilustrava a aula do professor Santiago. Gostava daquelas aulas de campo, que lhe davam a oportunidade de viajar, conhecer a história de perto, conhecer lugares bonitos como Washington. Seus alunos eram todos portugueses, como ele, e a maioria estava escrevendo projetos de mestrado. Armas de guerra, aviões, artilharia, livros de registros, e todo aparato da segunda grande guerra estava exposto. Tinha se desligado um pouco do litoral brasileiro, onde as buscas por naufrágio do ano de 1700 estavam empacadas. Passou a manhã inteira na exposição. Saiu para almoçar com a turma, e conversaram sobre o tema. Uma aluna falou sobre o Brasil, e ele conversou com ela sobre o país. Ela já tinha morado dez anos no Brasil e gostava muito de lá e dos brasileiros. Conheceu boa parte do território, inclusive o litoral nordestino, que descreveu como uma das obras mais bem feitas da natureza. Detalhava o azul do mar e o branco das dunas como se ainda estivesse lá. Enquanto a ouvia, pensava que, talvez, no leito do mar azul que ela descrevia, repousava o Santo Graal. Quando voltasse a Lisboa, iria ao Brasil com Cora, talvez lá conseguissem algum progresso.



Dom Valentim abre a porta dourada, e um elegante Dionísio o espera. Ele se aproxima do mordomo pelas costas e sussurra no seu ouvido, enquanto comprime seus ombros com a ponta dos dedos.

— Trouxe novidades de Marselha, meu jovem Dionísio? — Perguntou como um inquisidor, fingindo-se benevolente.

— Sim. A doutora Cora esteve lá, ela descobriu a lista de passageiros do navio Santa Inês.

— Interessante! E você trouxe essa lista pra mim?

— Sim. Está aqui. Não foi difícil conseguir. — Respondeu Dionísio, entregando-lhe uma pasta vermelha.

Como um bom estudioso do Vaticano, o lorde logo identificou o nome do padre Pierre Legam na lista de passageiros. Era o padre que havia desaparecido no ano de 1700 de uma igreja próxima a Veneza, levando com ele relíquias sacras pertencentes à igreja católica, das quais era guardião. Explicava a um Dionísio quieto. A doutora Cora estava um passo à frente. Também identificou o nome do padre Juan do Monte, autor da mensagem enviada do navio no calor do naufrágio. Ele foi até Dionísio e beijou seu rosto em agradecimento. Sabia que a doutora Cora já tinha dado o próximo passo, e sabia qual. Ela estava muito serena junto ao cardeal, não estava esfuziante, vitoriosa. E estavam muito seguros quanto ao seu segredo. Seguiria seus passos e mostraria na hora certa, a relíquia seria sua. Mandaria Dionísio agir, ele era competente e tinha lhe dado o poder de conseguir qualquer coisa. Não era prudente aparecer e provar da ira do Senhor. Iria a Veneza à procura da igreja de São José, a igreja do padre Pierre Legam, para descobrir se a doutora

Cora já estivera lá procurando algo. Caso a doutora tenha chegado na sua frente, estará seguindo seus passos. Dionísio interditaria seu irmão. Era chegada a hora.



No segundo dia da visita à exposição, em Washington, Santiago estava mais disposto. A ideia de ir ao Brasil com Cora lhe agradava. Pediria uma licença da nutria sentimentos por ela. Não sabia ao certo quais, mas gostava de estar perto dela, de sentir seu cheiro. Os alunos também estavam dispostos e se dispersaram pela exposição.

O conflito era muito recente. Só faziam quarenta anos do fim da guerra, ainda havia feridas abertas e sequelas irreparáveis. Caminhou sozinho observando item a item até chegar numa ala de fotografias. Uma parede extensa era ocupada por centenas de fotografias da época. Ficou admirado com a precisão dos registros fotográficos. Recolheria a turma para terminarem a visita naquela ala. Mostraria aos seus alunos aquele belo registro fotográfico que ilustraria bem o fechamento daquela produtiva aula de história. Caminhou lentamente, observando aqueles rostos, aqueles soldados que lutaram por uma causa, que defenderam seus exércitos. Boa parte tinha rostos felizes registrados para lembrança em momentos descontraídos. Outros ostentavam seu armamento como se quisessem dizer que estavam seguros. Olhava cada um deles tentando pensar no que pensavam e chegou à fotografia do Tenente Henry Foster e do marinheiro Dantas. Eles estavam felizes, percebia-se pelo sorriso dos dois. Talvez estivessem ali, pousando, festejando uma batalha ganha, ou mesmo a vida. O seu coração acelerou quando, no fundo da foto, o mesmo cálice que identificaram no livro da igreja de São José, como sendo o Santo Graal, estava na fotografia. Era o mesmo do desenho do livro deixado pelo padre Pierre Legam.

Estava na estante daquela casa em algum lugar. Lia-se no rodapé da fotografia: “Ilha de Fernando de Noronha – Brasil – 1945”. Sente alguém às suas costas, vira-se e na sua frente está Dionísio.

— Prazer em revê-lo, professor Santiago! — Disse Dionísio estendendo a mão para Santiago, esboçando um riso de canto de boca.

— Não posso dizer o mesmo! — Respondeu Santiago depois do duplo susto, rejeitando a mão estendida, retomando a observar as fotografias. Caminha tentando disfarçar as duas surpresas que tivera.

— Vamos tomar um café, irmão? — Convidou Dionísio, acompanhando o professor.

— Não. Estou trabalhando! — Respondeu sem olhar para trás.

— Eu sei. Como você também sabe que vai ter que me acompanhar.

Santiago virou-se. Dionísio se aproximou pegando sua mão e olhando profundamente nos olhos do professor. Não era a primeira vez que aquilo acontecia. Não tinha o que fazer, ele era mais forte, um bruxo, e tinha descoberto que estavam à procura do cálice. Teve que conter-se para não dar uma última olhada nas fotografias. Ainda bem que, apesar do poder que tinha sobre ele, não conseguia ler sua mente. A partir dali, não tinha forças, estava dominado por ele. Um aluno aproximou-se dos dois, e o professor lhe explicou calmamente que a aula terminou e que voltaria a Lisboa. O aluno era o monitor da turma e prosseguiria com a aula. Pontuou algumas das fotos da exposição para serem fotografadas, inclusive a de Fernando de Noronha, para ilustração dos relatórios da aula. Pediu que avisasse aos outros e que fizessem boa viagem de volta. Iriam se encontrar em breve, tinha que resolver algo urgente na Europa. Dionísio se apresentou como um amigo que precisava do professor

Santiago e dos seus conhecimentos históricos, despediram-se e foram. O aluno ficou olhando aquele estranho caminhando ao lado do professor. Tinha algo diferente nele, nos seus olhos, algo que dava medo. Virou-se e, com sua moderna câmara, fotografou o acervo pontuado pelo professor Santiago.



O cardeal e a doutora Cora estavam esfuziantes. Ele havia decifrado o código numérico ao lado do cálice. Os números 10131710 foram relacionados por ele e comparados ao alfabeto ocidental, chegando à conclusão que os dois primeiros dígitos juntos, 1 e 0, correspondiam à décima letra do alfabeto, a letra “J”. Por conseguinte relacionaram os outros dígitos chegando às letras J, N, R, J, ou seja: Jesus de Nazaré — Rei dos Judeus. Agora a certeza era consumada, estavam diante de uma verdadeira descoberta. Além da citação a José de Arimatéia, agora era decifrada a identificação colocada no topo da cruz em que Jesus Cristo foi crucificado. O cardeal era um religioso e sempre acreditou no Santo Graal, oriundo da última ceia. Ficaram calados depois da explosão da descoberta. Cada um estava pensando o que poderia ser feito a partir dali. O litoral brasileiro era enorme e não tinha havido avanços nas pesquisas pela busca de algo que levasse ao naufrágio do navio Santa Inês. Não tinham como vasculhar o litoral inteiro, era preciso uma indicação além da mensagem do padre Juan do Monte, que só mencionava o litoral do Brasil. O capitão, mesmo à deriva, deveria saber onde estava. A doutora Cora voltou a estudar o vasto litoral e esperaria Santiago voltar de Washington para viajarem na busca de peças encontradas em naufrágios no litoral do Brasil. Por enquanto, voltaria a pesquisar institutos geográficos, museus, colecionadores

brasileiros, mergulhadores, portos, igrejas à procura de algum registro do resgate de alguma peça sacra. Era um tiro no escuro, mas estava com sorte e teria Santiago ao seu lado.

Já era madrugada e, na mesa do gabinete, o cardeal examinava o livro de relíquias, mirava em especial o cálice. Sentia-se agraciado por, depois de velho, poder ter aquela experiência, por ainda estar ativo e lúcido. Folheava o livro devagar, contemplando cada obra desenhada. Conhecia muitas peças bonitas, valiosas, mas aquela, provavelmente perdida no fundo do mar, era o que de mais belo seus olhos registravam. Na última página do livro, percebeu uma fina abertura bem no pé da costura da encadernação. Era um bolso escondido na capa, tão imperceptível que nem mesmo Cora ou Santiago tinha percebido. Um pergaminho é resgatado pelas mãos trêmulas do velho cardeal. Era mais uma surpresa. O que traria ele? Talvez algo novo a respeito do cálice, que era a peça mais importante do livro, sagrado por Cristo. Estira o pergaminho debaixo da luz. Ele era legível, escrito em aramaico. Sabia aramaico.

“O pai deu vida, seguida de vida e poder àquele que venerou meu sangue e se tornou guardião, porém o inimigo se fez presente e deu vida de um mesmo pai e mãe ao seu irmão, seu perseguidor, transferindo-lhe seu maléfico poder, dando-lhe por nome Dionísio”.

“Só o banho do sangue derramado destruirá seu algoz”.

Aquele texto era um achado, uma incógnita. Não compreendia a mensagem que ele passava, pelo menos naquele primeiro momento. Era muita coisa ao mesmo tempo, coisas que precisavam de respostas. A mensagem do pergaminho não falava diretamente no cálice, mas falava em sangue, que poderia ter ou não ligação com ele. Acomodou-se na confortável cadeira e contemplou o

pergaminho profundamente. Talvez o “sangue venerado” fosse o sangue de Cristo, mas não tinha sentido o trecho “seguida de vida e poder”. Seria a vida eterna? E guardião de quê? Do sangue! E o perseguidor chamado Dionísio talvez fosse o demônio? Estava confuso. Talvez velho demais para mistérios de grande intensidade. Pegou a lupa e examinou o pergaminho, aproximando bem a luz, e pôde perceber que o couro no qual o texto estava escrito se assemelhava a um muito utilizado pelo Império Romano. Era mais um indício de que deveria ser investigado. Esperaria amanhecer para compartilhar a descoberta com a doutora Cora. Professor Santiago estava voltando de Washington e era de grande valia, já que tinha conhecimento de línguas arcaicas. Três mentes juntas tinham possibilidade de decifrar o pergaminho.



A gôndola deslizava pelo canal enquanto Dom Valentim observava o movimento da água ondulando. Gostava muito de Veneza e seus encantos. Era uma cidade graciosa, a seu ver. Tinha vivido muitas aventuras naquela cidade mágica. Noitadas nos palácios mais sofisticados, belas mulheres e belos homens que quase sempre estavam à procura de aconchego, de algo a explorar no corpo e na alma, na carne e no espírito. Era divertido. Mas também tinha conhecido o lado podre da cidade, com um bando de imbecis que se sentiam deuses por terem um título de nobreza ou por terem bens e propriedades. Um ninho de serpentes onde cada um queria se mostrar mais poderoso que o outro. Mas isso também o divertia, gostava de disputas. Era mais fácil angariar almas onde elas, as disputas, existiam. Chegou ao apartamento que mantinha na cidade, tomou um demorado banho e seguiu num carro que guardava na garagem até o povoado que abrigava a igreja de São José, de onde o

padre Pierre supostamente havia roubado o cálice. A igreja estava lá, mas não tinha certeza se encontraria alguma pista que o levasse ao Santo Graal. Mesmo assim investigaria se a doutora Cora já tinha passado por lá e, se sim, se ela tinha levado as eventuais pistas. Seguindo os passos dela, chegariam juntos ao cálice.

A igreja de São José estava bem conservada, apesar dos séculos. Observava uma relíquia da arquitetura italiana do século XVI, ainda linda. A mesma senhora que acompanhou Cora e Santiago o recebeu, recitando que a igreja era cuidada pela família dela desde os seus bisavós. Disse-lhe que estava escrevendo um livro sobre igrejas antigas. Ela adentrou o mesmo caminho com o farol de gás, comentando que não era normal visitarem aquela igreja abandonada, mas que há pouco um casal também veio visitá-la. Ela abriu a terceira porta, e o porão com a estante de livros e o oratório enfeitado de pedras foram clareados pela luz do farol. Deixou Dom Valentim sozinho e com a certeza da visita de Cora e Santiago aquele lugar. Ele nem precisou perguntar, e a guardiã das chaves da igreja lhe deu os nomes, orgulhando-se por ter boa memória. Se havia algo ali que levasse ao cálice, os dois já tinham encontrado. A guardiã lhe orientou a não levar nada dali, pois o arquivo só podia ser lido. Nutria a esperança de que, se existisse alguma pista, eles não a teriam levado apenas assimilado. Vasculhou todo o acervo da estante por horas debaixo da luz do farol, e nada encontrou. Talvez fosse algo pequeno, uma página que pudesse ter sido levada escondida. Sabia que pesquisadores e colecionadores faziam isso e depois devolviam, ele mesmo já tinha feito. Ficou a olhar aquela estante e imaginar o que poderiam ter encontrado, virou-se mirando o oratório, uma relíquia aos olhos do colecionador, e aproximou-se. Era lindo, cravejado de pedras brilhantes. O abriu, desnudando a imagem de São José. O brilho dos seus olhos saltava. Era o brilho do olhar de um colecionador, de um conhecedor de uma relíquia.

Previu, à primeira vista, que a imagem era do século XVI, época em que o renascimento se esvaía e o barroco se instalava como a arte católica. Deveria estar ali há séculos, aguardando sua mão. Era um colecionador e queria aquelas peças.

Pegou a imagem devagar, como se pega um recém-nascido pela primeira vez, com cuidado. Era leve e linda, ostentando traços curvos do recém-chegado barroco. Ficou a admirá-la, erguida diante dos olhos brilhantes, era esplêndido! Teria que levá-la dali. Olhou o oratório, que também previa ser da mesma época, percebendo um papel encardido, dobrado onde repousava a imagem do Santo. Um arrepio lhe percorreu o corpo, a espinha. Tirou do bolso do paletó um par de luvas, as vestiu e pegou o pedaço de papel. Seu gelado coração estava contente. Desdobrou cuidadosamente. Já mostrava os sinais do tempo, mas a escrita era de um francês compreensível, apesar do desgaste da folha amarelada.

“Meu Deus. Meu Pai. Meu São José”!

“Perdoais a minha falta de fé e de caráter. Fui incumbido de cuidar do seu rebanho, de levar a sua palavra e de guardar um tesouro da Santa Madre Igreja Católica Apostólica Romana, mas fraquejei. Os cristãos estão morrendo aos montes por aqui, a gripe se assola por toda parte e tenho que partir.”

“Peço hoje ao Senhor, meu Pai celestial, que me liberte dos votos que fiz como padre, mas não me impeça de propagar sua palavra”.

“Estamos indo ao mar” padre Pierre Legam Paróquia de São José, Veneza — Itália (ano da graça de Deus de 1700).

Despediu-se da guardiã das chaves da igreja, observando nela um sorriso largo. Deu-lhe um bom dinheiro em troca do oratório de São José e sua imagem, levando como brinde uma valiosa pista deixada pelo padre Pierre Legam. Ao mencionar para a guardiã

das chaves que aquelas peças poderiam valer um bom dinheiro, pôde observar nos olhos dela o brilho do olhar dos ambiciosos. Não tinha certeza se a doutora Cora e o professor Santiago tinham visto a carta do padre. Sabia que o oratório não tinha passado despercebido aos olhos deles, eram dois conhecedores natos de arte, principalmente a doutora Cora, uma museóloga, estudiosa do assunto da arte sacra. Voltaria imediatamente ao Castelo de Canto com a certeza de que a metáfora que o padre Pierre Legam finalizava a carta era a viagem no navio Santa Inês. “Estamos indo ao mar”. Ele usou uma metáfora, talvez tentando a redenção pedida na carta, realmente ia ao mar, mas a indicação era de compreensão dúbia, era de um ser em conflito, como um diabinho com tridente de um lado e um anjo de auréola do outro, no ombro do pecador.



O pergaminho estava estirado cuidadosamente sobre um lenço de linho em cima da mesa do cardeal. A doutora Cora foi acordada cedo pelo religioso, ávido para contar da descoberta do documento e para tentarem entendê-lo. Eles liam e reliam a mensagem, associando cada palavra ao evento da origem do cálice, mas era confuso. O sangue mencionado na escrita talvez fosse o sangue de Cristo, o qual José de Arimatéia, ao lavar seu corpo, colheu no cálice e dividiu com Nicodemos, segundo “as escrituras não sagradas”, porém a parte em que o pai deu vida seguida de vida era um mistério. A quem o pai deu vida seguida de vida? A quem venerou seu sangue! Muitos veneraram seu sangue, mas, segundo as escrituras, essas sagradas, só José de Arimatéia molhou as mãos. O trecho em que o inimigo aparece e também dá vida a um irmão de pai e mãe, seu perseguidor, é outro mistério. Dionísio era o nome dele. A frase que fechava a escrita deixava claro que o mesmo sangue

que foi venerado poderia destruir o inimigo citado no texto. Era muito confuso, e o professor Santiago, com seu conhecimento de línguas arcaicas, talvez pudesse ajudar. Tinham convicção de que descobririam algo ligado ao cálice naqueles escritos, era só uma questão de tempo. Estavam com sorte, pois, apesar de mais de dois séculos, tinham adquirido indícios fortes sobre o paradeiro do Santo Graal, de forma que as investigações estavam com fatos novos, desde a descoberta da mensagem enviada do navio Santa Inês pelo padre Juan do Monte, que tinham evoluído descobrindo documentos os quais levavam a crer que o Santo Graal estava no leito do mar, em algum lugar do litoral brasileiro. Separaram a mensagem em frases obedecendo à pontuação, talvez assim fosse mais fácil chegar às entrelinhas, ao cerne da questão.

O cardeal foi mais ousado e reescreveu o texto em forma de poema. Tinha que experimentar todas as formas. Tinham convicção de que descobririam ali alguma pista. Imaginavam que o pergaminho tinha vindo juntamente com o cálice e defendiam a tese de que tinham que se concentrar nas entrelinhas do texto. A mensagem não era clara, foi proposital dificultar sua compreensão. Combinaram que o cardeal se encarregaria de decifrar o pergaminho, juntando-se a Santiago quando voltasse mais tarde da América, e a doutora Cora voltaria a estudar o Brasil, procurando pistas sobre qualquer naufrágio ou qualquer objeto resgatado do mar que remetesse ao ano de 1700. Uma árdua tarefa, já que não havia registros tão antigos. Tinha encontrado um catálogo onde a marinha do Brasil afirmava haver mais de dois mil naufrágios na costa brasileira, dentre eles caravelas do período colonial, vapores e cargueiros, mas nada mencionava o navio Santa Inês. Continuará tentando. Estava com saudades de Santiago. Nas últimas semanas, tinha se acostumado com a presença dele. Estava feliz.

CAPÍTULO V

CAIXA POSTAL 157

Dom Valentim empurrou a porta dourada e adentrou seu gabinete. Dionísio o esperava de pé, perto da janela, olhando a paisagem. Ele o rodeou, medindo seu corpo com o olhar, e sussurrou, com os lábios quase colados na nuca do mordomo.

— Você está bem, meu querido Dionísio? — Perguntou pousando a mão num ombro do mordomo.

— Sim, Senhor! Estou bem. — Respondeu Dionísio sem se mover.

— E ele? — Perguntou o lorde, ainda sussurrando na orelha do mordomo.

— Está bem. O Senhor sabe que não tenho total poder sobre ele. — Disse o mordomo, virando-se e encarando Dom Valentim.

— Ele não sabe quem é! Você, sim, sabe quem você é. Ele não sabe que a mensagem era para ele, nós sabemos. Não entendeu, meu caro Dionísio? Ele não pode chegar ao cálice. Quando ele deu “vida seguida de vida”, meu belo rapaz, também deu poder, e esse poder está no cálice. Não entende, meu caro, que, na luta do bem

contra o mal, o bem sempre venceu. — Disse Dom Valentim, indo à janela do castelo. Gostava da vista daquela janela. Pôde perceber que a floresta estava se preparando para o inverno.

— Quem sabe, dessa vez vença o outro lado. — Concluiu.

— Eu entendo, sim, Senhor.

— Interessante! Que bom que entende. Fico feliz. O que ele fazia na América?

— Dava uma aula numa exposição sobre os quarenta anos da Segunda Guerra.

— Só isso? — Perguntou Dom Valentim, novamente, sussurrando no ombro do vassalo.

— O segui, Senhor. Estava com uma turma de alunos. — Respondeu o mordomo.

— Interessante! Meu caro Dionísio, deixe-o onde está. Ele não é útil nessa busca. Miguel não pode encontrá-lo. Faça-o dar satisfações na universidade para não gerar suspeitas.

— Sim, Senhor!

Dom Valentim roda nos calcanhares e beija o rosto de Dionísio, roçando os lábios na sua face. Sai fechando atrás de si a porta dourada. Sabia do perigo que o professor trazia àquela busca, mas no momento tinha algo importante a fazer, que seria planejar os próximos passos. A carta deixada pelo padre Pierre Legam lhe dava a certeza de que ele levou o tesouro mencionado na mensagem, o mesmo que na época desapareceu junto com ele e serviu de escândalo em Roma. Sabia da história. Tinha quase certeza de que a alta cúpula da igreja católica não sabia do destino do padre

Pierre Legam. Morriam aos montes, na época, no povoado e em Veneza, contaminados pela gripe. Eram enterrados também aos montes em valas e se imaginava que o padre repousasse numa delas.

Na ala do Castelo de Canto que era destinada à exposição de um museu particular, Dom Valentim agora achava lugar para o oratório. Ficou a observar a joia que tinha à sua frente. Era a descoberta inesperada que adornaria aquele espaço, no qual havia de tudo, desde telas, esculturas e artefatos sacros, até documentos. Não poderia expor aquelas duas peças ao mundo. Tinha certeza de que a doutora Cora e o professor Santiago tinham visto as mesmas nos porão da igreja de São José, como também tinha certeza de que ela iria reivindicá-las para o museu do Vaticano. Sentou defronte do oratório ornado de pedras e ficou a contemplá-lo. Nunca tinha visto obra igual, era peculiar o brilho das pedras que se alternava ao movimentar das portas do oratório, o qual se abria no meio, desnudando um São José também deslumbrante. Era o gozo do colecionador apaixonado por arte. Faltava o Cálice Sagrado para cumprir uma jornada cansativa que começou por vingança, para medir poder. Aproveitaria a noite para estudar o Brasil, o litoral brasileiro. Não sabia o que a doutora Cora e o professor Santiago tinham achado na igreja de São José, mas sabia que o naufrágio do navio Santa Inês, se já não foi descoberto e explorado, teria que ser. O Santo Graal finalmente viria para suas mãos.

Na extensa escadaria em espiral que dava acesso à torre do Castelo de Canto, o soar dos sapatos de Dionísio e o ranger de uma chave dando a volta na fechadura quebraram o silêncio. Professor Santiago estava sentado numa cadeira de madeira com o rosto voltado para um fecho de luz que vinha de um quadrado no alto da parede. Parecia que o sol iria se por. A porta se fechou e Dionísio se posicionou a suas costas, também olhando o fecho de luz.

— Onde estou e por que estou aqui? O que quer de mim desta vez? — Perguntou o professor sem se mover.

— Você está em Londres. Escreva um telegrama pra universidade justificando sua ausência. Tem lápis e papel na mesa. — Disse Dionísio, passando os dedos entre os cabelos de Santiago.

— E se eu não fizer? — Perguntou o professor sem se mover.

— Você sabe que tem que fazer. — Respondeu o mordomo, rodeando a cadeira e se agachando na frente de Santiago, que o olha fixamente enquanto ele coloca as mãos nos seus joelhos.

— Não é da minha vontade, mas não terei receio em te matar, meu irmão.

Santiago retira as mãos do mordomo dos seus joelhos, levanta e caminha até a mesa, pegando o lápis e o papel para redigir o telegrama. Sabia que não estava em Londres, conhecia o pôr do sol de lá. Não tinha forças diante de Dionísio, ele torturava sua mente, o invadia, não conseguia alcançar seus segredos, mas sabia que, de alguma forma, ele o dominava. Ele era o seu irmão. Já tinha tentado resistir, mas não conseguia, parecia que lhe faltava um comando. Virava um fantoche nas mãos do bruxo. Não sabia o que ele fazia, era talvez o representante do demônio na terra. O mordomo pegou o pedaço de papel onde escreveu a mensagem telegráfica da sua mão e leu em voz alta: “Preciso me ausentar alguns dias. Surgiu um imprevisto de força maior e tive que vir a Londres. Voltarei em breve e para adiantar os trabalhos pedagógicos. Revele as fotografias da exposição que mandei tirar e envie para a caixa postal da professora substituta: Caixa Postal 157 – Lisboa, Portugal. Professor Santiago”.

Olhou o verso do papel onde estava o endereço e o destinatário, dobrou e colocou no bolso do paletó. Enviaria a mensagem para Londres, onde um amigo passaria o telegrama. Não queria deixar pistas para a doutora Cora Rodrigues e o cardeal Antônio dos Anjos. Não podia decepcionar Dom Valentim, seu Senhor, nem deixar de cumprir sua missão.



A primeira providência da doutora Cora depois do café da manhã foi telefonar para a universidade. Precisavam saber notícias de Santiago, que não havia voltado. Os alunos já estavam de volta e alguém relatou que o professor tinha voltado para a Europa com um amigo. Ficou mais calma. Talvez o voo tivesse atrasado, estavam caindo nevascas violentas na América. Discutiu as mesmas coisas com o cardeal, não tinham feito nenhum avanço nas pesquisas sobre naufrágios no Brasil. O cardeal também não tinha relacionado à mensagem achada no livro a qualquer ligação com o Santo Graal, já percebia que talvez não tivesse ligação nenhuma e pensava em dedicar-se a encontrar vestígios do naufrágio do navio Santa Inês.

O dia passou sem muitas novidades. Tinham encontrado anotações sobre tesouros achados no litoral brasileiro, mas nada mencionava o que procuravam. A viagem ao Brasil era inevitável, teriam que se aprofundar nas investigações e, com sorte, achariam alguma coisa, algum indício. A demora de Santiago preocupava a doutora Cora, que no final da tarde resolveu ir até a universidade para saber mais sobre esse amigo com quem viajou. Ele não tinha lhe dado uma satisfação. Estavam numa busca primorosa e não acreditava, ou não queria acreditar, que Santiago tinha declinado da busca pelo cálice. Fazia tempo que não se viam, mas não acreditava que ele tivesse sido irresponsável com ela depois de enviar-lhe a mensagem do padre Juan.

Foi de carro até a universidade, que ficava nos arredores de Lisboa. Procurou o aluno que falou com o professor e conheceu o seu amigo. Ele poderia ter algo mais a dizer, já que aquela conduta não combinava com o professor Santiago. Foi recebida pelo Reitor, que lhe serviu um gostoso café. Já se conheciam, pois ele era membro do Instituto Geográfico de Lisboa, onde Cora tinha afinidades. Ele relatou que o professor tinha enviado um telegrama de Londres para o seu aluno monitor da turma, dizendo que teve que resolver problemas urgentes e que voltaria logo. O reitor mostrou o telegrama que o aluno entregou. Quando leu, não teve dúvidas de que Santiago não estava interessado na busca pelo cálice. Ficou a olhar o papel e o seu amigo Reitor, estava decepcionada com o homem por quem pensou ter ainda um sentimento único. Tomou mais um gole do café e percebeu, numa segunda vista ao telegrama, que as fotografias, as quais o professor pedia que o aluno postasse para certa caixa postal, eram, na verdade, para ela. A Caixa Postal 157 era sua caixa postal. Procurou o aluno, que por acaso estava no *campus*, e, ao encontrá-lo, ele relatou que já tinha enviado as fotografias. Indagou sobre o amigo que tinha visto com o professor e ele o descreveu. Era estranho e chamava-se Dionísio. Queria ver essas fotografias, mas o rapaz não tinha cópias, teria que esperar o amanhecer.



Dom Valentim de Canto observava o oratório e a imagem de São José. Seus olhos não se cansavam de descobrir detalhes fascinantes naquelas obras de arte. A porta se abriu, quebrando a sua concentração, e um Dionísio sempre elegante lhe deu boa noite. Ele se aproximou do mordomo, pegando suas mãos e olhando profundamente nos seus olhos.

— Está tudo bem, meu caro Dionísio? — Perguntou, segurando forte as mãos do mordomo enquanto fixava seu olhar.

— Sim, está tudo bem. — Respondeu o mordomo sem desviar o olhar do seu. — O professor escreveu um telegrama para a universidade.

— O que dizia esse telegrama? — Perguntou o lorde, rodeando o mordomo, quase roçando seu corpo no dele.

O mordomo tirou do bolso do paletó a cópia manuscrita pelo professor e lhe entregou. Dom Valentim se afastou e leu o papel na frente e no verso. Não percebeu nada anormal na mensagem, apenas a justificativa da ausência e o comando para prosseguimento das aulas. Estavam agora mais seguros. O professor não poderia estar na busca do cálice, ele era um problema agora fora de combate. Na dúvida, era melhor combater com quem não tem poder. Não tinha descoberto nada de promissor nas buscas por pistas de naufrágios no litoral do Brasil. A investigação estava estagnada.

— Interessante! Muito bom, meu, caro Dionísio. Ele não reagiu? — perguntou o lorde, novamente se aproximando do mordomo.

— Sim. Mas em seguida obedeceu. Ele não sabe o poder que tem. — Disse o mordomo, olhando Dom Valentim à sua frente.

— Nem pode, meu caro Dionísio, nem pode saber. — Disse Dom Valentim, pegando as mãos do mordomo. Ele lhe beijou a face suavemente e fez um gesto para que o mordomo saísse. — Ele também não pode me ver.



As fotografias recolhidas por Cora em sua caixa postal estavam espalhadas em cima da mesa do gabinete do cardeal. A doutora e o religioso pegavam uma a uma, observando todos os detalhes. Ela tinha certeza de que, ao mandar enviar as fotografias para sua caixa postal, Santiago estava querendo mostrar alguma coisa. Não imaginava que ligação poderia ter o Santo Graal com fotografias da Segunda Guerra Mundial, talvez o assunto não fosse o mesmo, fosse algo novo que o professor tinha descoberto. Sua ausência estava ficando ainda mais intrigante.

— Não vejo nada diferente nessas fotografias. — Disse o cardeal, observando uma atrás da outra com uma lupa.

— Tem que ter alguma coisa. Ele não mandaria enviar essas fotos pra mim sem que elas quisessem dizer algo. Também acho muito estranha essa viagem a Londres, repentinamente, sem nada dizer. O aluno não soube dizer se ele está com o tal amigo Dionísio. — Comentou a doutora Cora, mostrando determinação e espalhando novamente as fotografias em cima da mesa.

— Dionísio? Você disse que o tal amigo de Santiago chama-se Dionísio? — Perguntou o religioso tirando a lupa do olho e encarando Cora.

— Sim. Por quê?

— Nada não! Lembrei o nome do perseguidor da mensagem. Dionísio? É um nome comum. Duas vezes que ouço esse nome, me chamou atenção. — Disse o religioso, voltando à investigação.

Com certeza, a doutora Cora dirá que foi acometida de outro golpe de sorte ao observar, na fotografia do marinheiro Dantas e do Tenente Henry Foster, o mesmo cálice desenhado no livro resgatado da igreja de São José. Era o Santo Graal em cima de uma estante

atrás daqueles dois militares. Leu no rodapé. “Ilha de Fernando de Noronha – Brasil – 1945”. Era isso que o professor Santiago tinha descoberto. O cardeal logo abriu o livro e comparou as imagens, era a mesma. Ele quase teve uma síncope e teve que beber uma água para acalmar os nervos e a pressão arterial. O Santo Cálice tinha sido resgatado do fundo do mar e estava em algum lugar daquela ilha. Tinha que descobrir quem eram aqueles homens, se estavam vivos. Para isso, teria que ir a Washington procurar identificá-los no Ministério da Defesa. Seu sexto sentido previa que o professor Santiago estava com problemas. Pensava que ele mesmo adoraria trazer essas boas pistas para continuarem a investigação. O cálice tinha sido resgatado e estava naquelas fotografias. Não acreditava que alguém soubesse da investigação, o assunto não tinha sido vazado. Sabia que o Santiago, assim como o cardeal Antônio dos Anjos, não tinha falado com ninguém sobre o assunto. Telefonou para alguns amigos para saber se alguém conhecia Dionísio no mundo das artes ou da história, mas ninguém conhecia. Não tinha o que fazer senão esperar, afinal o professor tinha justificado sua ausência na universidade, talvez estivesse exagerando nas preocupações. Prosseguiria na busca pelo cálice.



O professor Santiago, no seu cativeiro, acabava de fazer sua refeição. Tinha insistido com Dionísio que lhe falasse a causa pela qual estava preso na torre, mas não teve resposta. Sabia que, por trás dele, estava o ambicioso Dom Valentim, que não media esforços para ter o que queria. Já tinha sido castigado pelo mordomo, quando um manuscrito árabe era a questão. Os dois se conheciam desde criança, pois tinham sido internos do mesmo orfanato antes de serem adotados. Dionísio foi sempre mais forte que Santiago.

Quase três décadas depois, se reencontraram em leilões e feiras de arte, ele sempre representando o lorde, que nunca aparecia, mas ambicionava tudo. Agora, queriam o cálice. A reputação de bastidores do lorde não era das melhores, todos o relacionavam com o demônio. Contavam estórias escabrosas sobre ele, sobre cultos ao demônio, assassinatos, sacrifícios de pessoas, furtos de obras raras e outras coisas mais. Não era lenda como pensavam. Não sabia do seu poder, até por não ter contato com ele, só o viu de perto umas duas vezes no Vaticano, mas sabia do poder de Dionísio, pois já tinha experimentado dele. Quando o dominava, o chamava de irmão.

Ele dominava sua mente, o obrigando a fazer suas vontades. Era assustador, não poder ter reação nenhuma. Tinha muito medo dele, porque não suportava aquela ocupação dolorosa, e sentia-se um covarde por não poder reagir, não querer reagir. Mais uma noite chegava. A cama do cárcere era confortável e dormia bem, não sem antes imaginar que a doutora Cora já havia recebido as fotografias e descoberto o cálice. Aquela exposição sobre a Segunda Guerra Mundial tinha sido um golpe de sorte, jamais imaginou que lá encontraria uma das respostas que buscavam. Gostaria de estar lá com Cora e o cardeal, preparando os próximos passos e uma viagem ao Brasil. Tinha convicção de que a doutora Cora iria a América investigar os militares da fotografia. Ela sabia quem procurar e como descobrir. Talvez estivessem vivos, já que a guerra só tinha quarenta anos. Eram jovens na foto, poderiam sim estar vivos e poderiam falar sobre o cálice. Era angustiante ficar remoendo esses pensamentos sem poder participar. Teria que sair dali. Teria que insistir com Dionísio sobre o porquê de estar preso e como poderiam ter descoberto a busca pelo cálice, pois, apesar de considerá-lo um bruxo, não acreditava que ele lia

mentes. A investigação era sigilosa e só ele, a doutora Cora e o cardeal Antônio dos Anjos sabiam do assunto. Tinha encontrado a mensagem do padre Juan do Monte nas ruínas da igreja e, a partir dali, não falou mais nada sobre o assunto, como sabia que seus dois companheiros de investigação também não. Dionísio não tinha poderes sobre seus segredos, ponderava Santiago, aguardando o sono chegar. Outro mistério.

Dormiu pesado e, durante o sono, teve um sonho que parecia real. Acordou sentindo a areia branca daquela praia nos dedos dos pés. A praia da fotografia. A visão do sonho era muito nítida e ampla: caminhava na areia da praia, o mar era azul-turquesa, refletindo um sol dourado. Aviões de guerra cruzavam o céu, mas não faziam barulho, eram silenciosos. Golfinhos pulavam na água, como se estivessem saudando o sol, e uma bela jovem vestida de renda corria em sua direção. Ela pegou sua mão e, naquela claridade tropical, podia ver o brilho dos seus olhos da cor do mar. “Santiago”! Meu nome é Paula. O senhor tem que sair da torre. Ele é fraco, sem fé! — Era nítida a voz daquela mulher, que logo em seguida ganhou um par de asas douradas e saiu voando sobre o mar turquesa. Levantou rapidamente, sobressaltado. E, ao colocar os pés no chão ao lado da cama, sentiu a areia da praia morna como no sonho roçando a sola dos pés.

O chão estava coberto por uma fina camada de areia branca. Era assustador e ao mesmo tempo alentador, pois a voz de Paula ainda retumbava no aposento. Não conhecia aquela mulher e, se não fosse a areia aos seus pés, pensaria ser um simples sonho, por estar pensando na fotografia da ilha constantemente. Ela era muito bonita e o alertava sobre sua fraqueza. Talvez aquele sonho fosse uma espécie de catarse por se sentir covarde, não reagir diante do irmão do orfanato. Era apenas um professor de história, que

também caçava tesouros antigos. Ainda podia sentir o cheiro do mar e de Paula. Quem era ela, que tinha conhecimento das suas fraquezas? Um anjo, uma nativa da ilha? Sabia que era diferente, mas não gostava de ser, era diferente porque se deixava dominar pelo bruxo, não tinha reação a ele. Sabia que tinha que sair dali, mas não tinha vontade de tentar. Sabia que a doutora Cora estava precisando dele, estava com saudades dela, mas não tinha ânimo para bolar um plano de fuga, essa contradição era torturante. A inércia do corpo rondando em círculos e a mente no escuro, sem forças de refletir o lógico, de atitudes pensadas e não praticadas por pura imobilidade.

A porta do cativo se abriu, e Dionísio entrou trazendo uma bandeja de prata com o desjejum. “O bruxo” logo percebeu no ar algo estranho. Parecia que ele também sentia o cheiro do mar. Um suor repentino começou a escorrer das suas têmporas e uma palidez também repentina o deixou como se estivesse sem forças, definhando a olho nu. Tinha algo errado. Não era um simples mortal para sentir as mazelas deles, dos mortais. Seus olhos esbugalhando, ardendo em fogo, com um cheiro de mar que se apodera das suas sensíveis narinas, não era um simples cheiro. Abandonou a bandeja em cima da mesa e correu feito um louco, abrindo a porta, sumindo no corredor. Parecia que seus polidos sapatos ardiam em seus pés, pisando na areia espalhada pelo quarto.

Santiago percebia ali que o sonho e a areia que agora forrava parte do quarto tinham vindo o ajudar. Aquela moça de asas douradas deveria ser um anjo que o alertava sobre um poder incógnito o qual poderia ser usado contra o bruxo. Mas que poder era esse? Nos seus poucos encontros com o bruxo, depois de crescidos, tinham sempre como pano de fundo a busca por algum objeto raro, não tinha experimentado reagir. Pegou um

pouco daquela areia na mão, e ela brilhou como purpurina. Aquilo trouxe paz e lhe deu coragem. Aquela areia brilhante fora trazida pelo anjo de asas douradas.



A doutora Cora passou boa parte do dia ao telefone falando com amigos americanos. Tinha descoberto onde encontrar pistas que pudessem levá-la aos dois militares da fotografia. Era complicado, pois não tinha o nome deles na foto, apenas “Ilha de Fernando de Noronha – Brasil – 1945”. Iria ao encontro da curadora da exposição. Falou com ela pelo telefone — era muito simpática —, não sabia se ela poderia ajudá-la, poderia pelo menos dar a origem da fotografia, de onde ela tinha vindo. Era o ponto de partida que a levaria aos arquivos da defesa americana. Sabia que não seria fácil, tinha que ter uma justificativa para ter acesso aos arquivos, um documento. Iria dizer que estava tomando depoimentos de sobreviventes da guerra para o museu de Lisboa. Usaria um documento assinado pelo cardeal para tentar chegar aos cadastros dos militares. Ele ainda era ligado ao museu do vaticano e tinha autonomia para isso. Não era muito correto, mas como dizem, “os fins justificam os meios”. Se tudo desse certo nos Estados Unidos, talvez usasse o mesmo artifício no Brasil para conseguir informações e registros. Era ciente que o Brasil vivia um governo militar e que isso poderia tornar a tarefa mais difícil.

Dormiu tarde observando a fotografia dos militares e do cálice. Comparou ao desenho do livro deixado pelo padre Pierre Legam na igreja de São José, e era o mesmo em todos os detalhes. Muitos têm o Santo Graal como uma lenda. Não pensava assim, pois como uma garimpeira de raridades, já tinha se deparado com

fatos que para muitos eram lendas. Compartilhava o pensamento do seu amigo cardeal Antônio dos Anjos, que dizia que, se houve a Santa Ceia, havia o cálice. Era uma descoberta espetacular, de dois mil anos atrás. Perguntava-se como seria que tinha sido encontrado, quem tinha encontrado a raridade sagrada?

Que lugar era aquele, uma residência ou um alojamento de militares, já que a fotografia não mostrava amplitude do ambiente?

Olhava o rosto dos militares e acreditava que naquele momento em que foram registrados num flash, eles não tinham conhecimento que algo tão poderoso estava entre eles. Eram bem diferentes fisicamente e acreditava que o mais franzino era brasileiro, estava com farda da marinha, mas não dava para ver a bandeira no ombro. O outro homem tinha traços de americano. Era seu dever descobrir quem eram aqueles homens. Talvez estivessem na reserva em algum lugar das Américas, recebendo os netinhos aos domingos, ou pescando em algum lago ou rio. Eles foram abençoados pelo Senhor. Talvez eles tivessem sido escolhidos para estar naquele lugar, numa ilha brasileira, compondo junto à natureza uma dádiva divina. Qual dos dois teria encontrado o Santo Graal? A doutora Cora se perguntava, como se isso exercesse uma força que pressentia oculta, mas relevante diante de quem pôs os olhos e as mãos nas digitais do Senhor. Não sabiam eles que Cristo estava ali, em sangue, coroando aquele encontro, e que, quando olhava a foto, parecia ter sido planejado.

Gostaria de compartilhar esses pensamentos com Santiago. A ausência dele era muito estranha. Sua intuição estava dando um alerta de que algo mais existia nesse súbito desaparecimento. Telefonaria ao aluno que tirou as fotografias para saber mais detalhes sobre o tal Dionísio que se apresentou como amigo de

Santiago. Estava há anos afastada dele fisicamente, não conhecia seus amigos, mas acreditava que Santiago teria lhe dado um telefonema justificando sua ausência, já que estavam numa missão importante que era de interesse dos dois. Talvez algum detalhe esquecido pelo aluno levasse a algum lugar. Ele dizia no telegrama à universidade que estava em Londres. Ela ligaria para alguns amigos em Londres que também conheciam o professor para saber se tinham notícias dele. Depois pensava que poderia estar fazendo tempestade em copo d'água, sendo invasiva. Vez ou outra ponderava tais atitudes. Mas por que ele tinha enviado um telegrama a um aluno mandando enviar as fotografias para sua caixa postal quando ele mesmo poderia ter enviado? — Perguntava-se. Iria atrás de respostas.



Dionísio soluçava forte sentado numa cadeira. Estava em frangalhos, sua aparência era péssima, quando Dom Valentim adentrou o ambiente. Ele o olhou por instantes e soltou uma demorada gargalhada. Parecia não ser a primeira vez que via seu mordomo naquelas condições. Aproximou-se dele, segurando suas mãos agora envelhecidas, beijou-as e o ergueu da cadeira, deixando-o de pé à sua frente. Seu corpo invadiu o corpo do mordomo tornando-se uma só pessoa. Pareciam duas massas esfumacadas, entrelaçadas, se fazendo um só. Era um poder absoluto que escurecia o tempo num eco de trovão. Qualquer coração que sentisse aquela cena poderia defini-la como macabra. Infernal. Era o próprio mal em massa disforme que urrava, talvez buscando poder no escuro, no desconhecido dos mortais.

Um grito rouco emergiu das suas gargantas, tornando aquela cena ainda mais assustadora. Era macabro, demoníaco, preenchendo o ambiente, que mergulhou na escuridão. Quando o ambiente clareou, trouxe um Dionísio bonito e austero e um Dom Valentim pouco mais envelhecido. Ele alimentou com sua vida a vida do outro. Depois encostou suavemente os lábios nos do mordomo e rejuvenesceu. A carcaça de Dionísio adquiriu novamente a aparência bela do jovem rapaz.

— O anjo esteve com ele. — Disse Dionísio, indo a Dom Valentim. Ergue seu queixo caído com a ponta dos dedos.

— Ele não pode entrar aqui, você sabe disso. — Respondeu o lorde, já recuperado.

Sua pele ganhava elasticidade, voltando ao normal.

— Ele pode vir a ele em sonho. Foi o que aconteceu. Ele deixou seu cheiro no quarto, eu senti. Não sei que forma ele está. — Disse o mordomo.

— Maldito! Maldito anjo! Ele não pode chegar perto do cálice. Você sabe o que vai acontecer. Terá que parar o seu irmão, o lado escuro dessa vez triunfará. — Disse o lorde, já recuperado, sussurrando na nuca do mordomo.

— Sim, Senhor! — Disse o mordomo, estático.

O Lorde beija o rosto do mordomo, roçando os lábios na face, e sai. Não tinha intenção de perder agora que tinha certeza de que o cálice estava no navio que naufragou. A carta deixada pelo padre Pierre Legam deixava claro que tinha levado o tesouro com ele. Pretendia ficar nos passos da doutora Cora, ela o levaria até o Santo Graal. Com as mãos no Santo Graal, tornar-se-ia triunfante, seu lado venceria. Não podia enfrentar o professor

Santiago frente a frente, tinha receio de que ele descobrisse o poder que tinha, descobrisse que, se ajudado, poderia ser o mais forte de todos eles, que o pai deu “vida seguida de vida”. Concentraria todo seu esforço em seguir a doutora Cora, saber dos passos dela. Já tinha colocado alguém para segui-la, para acompanhar seus passos e informá-lo, queria se antecipar aos movimentos dela e chegar ao Brasil para recuperar o cálice. Se ela estava procurando juntamente com o cardeal, era porque tinha pistas seguras do local do naufrágio e queria saber quais eram. Não podia usar truques nesse assunto do Graal. Era uma pena, mas essa força era medida sem truques, sem poderes absolutos. O professor Santiago era um grande problema, mas ele não era ciente de quem era. Na sua aparência atual, carregava nas costas uma missão que, talvez, pudesse ter se perdido se a mensagem do padre Juan do Monte não tivesse sido encontrada. Alguns dos seus antecessores passaram pela vida sem saber dessa missão que lhes foi dada. Ele tinha sido o escolhido. Tinha esperado séculos pela ocasião do guardião se manifestar. Era chegada a hora.

CAPÍTULO VI

SR. HENRY FOSTER

O aeroporto Washington Dulles estava movimentado. As ruas estavam cobertas de neve, o inverno estava no ápice. A doutora Cora teve dificuldade para conseguir um táxi, o trânsito estava confuso, congestionado e atrasava tudo. Tinha marcado um encontro com a curadora da exposição da Segunda Guerra. Pretendia mostrar as fotografias e saber de onde vieram, iria em busca dos militares. A curadora era uma mulher muito alta e também muito simpática. Não fez objeção em lhe dar a origem de cada fotografia mostrada por ela. Todas tinham sido trazidas dos arquivos do Ministério da Defesa americano. Também deu a ela um contato no Ministério. Usou o artifício de pegar depoimentos de sobreviventes da segunda grande guerra para o museu de Lisboa, o que deixou a curadora muito feliz com a ideia de deixá-los para a posteridade. Voltou de táxi ao hotel já anoitecendo, uma neve insistente caía. Da janela do táxi, observou grupos de crianças brincando no tapete branco, felizes, e lembrou quando brincava com Santiago de atirar bolas de neve um no outro. Pretendia ter uma boa noite de sono, pois no outro dia procuraria o contato no Ministério da Defesa americano, esperando que a sorte dos últimos dias não a abandonasse.

Ficou quarenta minutos esperando numa antessala do Ministério da Defesa, até que foi chamada. A sala era grande, e seu contato, um homem de mais ou menos cinquenta anos, com bigode grosso e muito falante. As fotografias faziam parte de um acervo do Ministério, tinham sido doadas pelos militares ou pelos familiares daqueles que já não estavam vivos. Prometeu dar a ela o endereço dos que estiveram no Brasil, como ela priorizava, para que colhesse os depoimentos. O homem de bigode grosso tinha sido aconselhado pela curadora a ajudá-la, pois achava o projeto importante. Combinaram que ele mandaria para o seu endereço no hotel, assim que tivesse em mãos todo o material que ela solicitou.

O envelope foi deixado na recepção do hotel e imediatamente mandado ao seu quarto. Como Cora previu, a fotografia que mostrava o cálice era de um militar americano e de um brasileiro. Tinha sido doado ao acervo pelo Tenente Aviador Henry Foster, da cidade de Nova Iorque. Ele estava vivo e tinha setenta anos. O outro era um marinheiro brasileiro que se chamava Dantas, do qual não se tinha mais informações. Deus estava lhe ouvindo e deixando brotar sua sorte. Era o penúltimo passo até o cálice. O tenente Aviador Henry Foster poderia falar sobre aquela fotografia. Esperava que ele estivesse com a mente sã para lhe responder um monte de perguntas que precisavam de respostas. A ilha brasileira tinha abrigado baterias antiaéreas e artilharia de costa durante a Segunda Guerra. Foi um importante ponto de apoio das tropas aliadas que rumavam para a África e a Europa, onde a guerra estava no seu apogeu.

A nevasca que caiu durante toda a noite fechou os aeroportos, cancelando dezenas de voos. Estava com o endereço do Tenente Henry Foster nas mãos, mas o rigoroso inverno não a deixava voar ao seu encontro em Nova Iorque, e isso lhe irritava. Passou o dia no quarto do hotel fazendo planos. Gostaria que Santiago estivesse

com ela quando falasse com o tenente da reserva e telefonou para alguns amigos em Londres, mas ninguém tinha visto ele por lá, nem conheciam o tal Dionísio. Torcia que ele voltasse logo para acompanhá-la ao Brasil. Pensou que o cálice poderia estar com o militar americano, poderia ser dele, talvez aquele lugar na fotografia fosse o seu alojamento, talvez ele tivesse achado o cálice na praia e enfeitado a estante com ele. Eram perguntas as quais logo teriam resposta. Bastaria o tempo melhorar. Não telefonaria ao cardeal Antônio dos Anjos para contar a novidade sobre o americano da fotografia, pois julgava que ele deveria se manter concentrado em saber coisas sobre o Brasil. Era um obcecado por raridades e dizia estar tendo a graça de antes de morrer, com a possibilidade de tocar o Santo Graal.

A chegada em Nova Iorque foi mais tranquila, o inverno estava menos rigoroso por lá. Acomodou-se num apartamento que mantinha no Upper East Side, alugou um carro e foi à procura do tenente Henry Foster. Ele morava no bairro de Astoria, lugar que conhecia um pouco. A casa do Tenente era muito bonita, situada numa rua arborizada que deveria ser linda no verão. Havia crianças na rua brincando na neve, pessoas passeando com cães e muita algazarra dos infantes. Ele devia ser feliz ali, era um lugar muito simpático, parecia ideal para um veterano de guerra já que, na maioria das vezes, eles eram assombrados pelo passado, pelo que viram. O tenente Henry Foster a recebeu na sacada e ela teve uma ótima impressão dele. Era um homem alto, espadaúdo, de faces rosadas ainda com fortes traços do moço da fotografia. A primeira coisa que ele disse foi que estava adorando sua visita, pois tinha ali a oportunidade de treinar o português aprendido no Brasil durante a guerra, já que a doutora era portuguesa. Apresentou sua esposa e a nora, que estava de passagem. Tinha um filho do casamento

que contraiu dois anos depois do final da guerra. Cora adorou a recepção do americano, ele era muito falante e com certeza bem lúcido, o que poderia tornar a entrevista fácil.

Sentaram num aconchegante sofá, numa biblioteca bem cuidada que Foster disse ser o coração da casa. Ele não esperou que perguntasse nada e foi discorrendo sobre a ilha de Fernando de Noronha e o Brasil. Falou que adorou o lugar, que dizia sempre que Deus tinha vivido ali. Vivia atravessando o Oceano Atlântico partindo de Parnamirim onde havia uma base americana e também passava tempos na ilha lidando com baterias antiaéreas que lá foram instaladas. Falou sobre a batalha de Stalingrado, da qual teve intensa participação, e perdas consideráveis de batalhas sangrentas nas ilhas do pacífico, onde a visão da guerra nunca tinha saído do seu imaginário. Falou sobre amizades que são feitas no meio do medo, da dor e do elo que unia todos eles: a saudade de casa. Ficou ouvindo aquele homem sem piscar por um longo tempo, apenas interrompidos pela sua esposa, que serviu um chocolate quente. Ficou olhando ele falar sobre a guerra registrando tudo num gravador colocado no sofá entre os dois, imaginando onde queria chegar. Só queria que ele soubesse algo sobre o cálice e falasse sobre ele como falava das batalhas. Saberia esperar para que ele não suspeitasse seu verdadeiro interesse. Tinha passado uma vista pela casa e não tinha visto o artefato sagrado, o que não dizia que ele não poderia estar ali.

Quando ele citou pela primeira vez o nome do marinheiro Dantas, Cora percebeu que ele tinha muito a dizer e aproximou-se mais. Falou dele com alegria. Tinha o ensinado a voar no hidroavião sobre o paraíso. Disse que ele gostava de voar se mostrando para uma namorada chamada Paula, uma nativa linda. Riu muito

lembrando dos doces e queijos que a mãe do marinheiro mandava do continente, da fazenda da família, num lugar chamado Seridó, era tudo delicioso. Lembrava especialmente do doce de coco-verde e de um doce chamado filhós, um bolinho redondo, pequeno, feito de batata-doce e coberto de mel. Era delicioso. Falava como se estivesse sentindo o gosto do doce. Nessas ocasiões, especulava do marinheiro como eram feitas aquelas delícias e ele, sempre orgulhoso de suas origens, as relatava com esmero. Também contava dissabores sobre prolongadas secas que faziam a terra virar pó e a grota ficar cinza. Faltava tudo, especialmente água. Mas via seus olhos brilharem quando falava dos bons anos em que “o pó virava massapê e a grota ficava verde ao som do canto do concriz”. Ele dizia isso. Ele contava as aventuras e desventuras do marinheiro Dantas num português carregado de sotaque, mas bem compreensível. Relatou que treinava sempre, tinha livros e anotações sobre a língua que aprendeu no país tropical e sempre falava português consigo mesmo. Ria disso.

Abriu um envelope tirado da pasta e desnudou as fotografias. Gostaria que ele falasse sobre aqueles lugares, especialmente as três fotografias tiradas na ilha brasileira. Era chegada a hora de saber do cálice, e Cora ouvia a batida do próprio coração. O tenente olhou as fotografias, emocionado. Levantou, foi à janela que dava vista para a rua e falou da foto. Era do seu amigo marinheiro, do qual nunca mais tinha tido notícias. Aquela fotografia tinha sido tirada numa tarde de doces e queijos. Contou que a ilha estava um alvoroço, estavam todos partindo para a base de Parnamirim e de lá para a América. Alguns companheiros continuariam por algum tempo na zona de guerra observando um recomeço, mas ele tinha recebido ordem de voltar. Despediu-se do amigo Dantas e pediu que outro militar tirasse aquelas fotografias para trazer

de lembrança. Tinha dado uma cópia ao marinheiro. Finalmente perguntaria do cálice, era chegada a hora de saber se o tenente sabia algo sobre o artefato.

— E este cálice atrás na estante? É muito bonito! — Sondou a museóloga, disfarçando a ansiedade pela resposta.

— Há! O cálice! Ele achou no mar. É realmente muito bonito. — Respondeu o tenente, num português claro.

— E onde o senhor acha que está o marinheiro Dantas hoje? Será que ainda vive? — Perguntou na intenção de chegar novamente ao cálice, já que a resposta vaga do tenente não era satisfatória.

— Era um rapaz forte. Creio que sim, ainda vive. Deve estar fazendo prosperar sua fazenda lá no Seridó potiguar, como ele dizia. É um lugar chamado Ermo, onde tinha uma igreja de pedra que ele lembrava sempre. Era muito religioso o marinheiro, tivemos de rezar juntos num terço que ele tinha e que me deu de presente quando nos despedimos. Guardo até hoje. Era muito católico. — Respondeu o Tenente Henry Foster com o olhar fixo na foto, como se estivesse ouvindo o marinheiro.

— Um terço! — Exclamou a doutora Cora.

— Sim. Um terço. Sabe, doutora Cora, que um dia sofri um acidente no monomotor e o marinheiro afirmou que eu tinha morrido e ressuscitado. Ele atribuía isso ao terço.

— Ressuscitado? Como assim? — Perguntou a doutora, deixando transparecer ansiedade.

— Ele teve alucinações por causa do sol forte. O médico disse. Eu estou aqui. — Respondeu o tenente, sorrindo.

— Há! Alucinações! E o cálice, ele levou com ele? —
Perguntou esperando uma resposta, que veio depois que o tenente refletiu por segundos que pareceram horas.

— Creio que sim. Era um presente pra mãe dele. Lembro que falou pra mim. — Respondeu o Tenente.

A partir daquela afirmação, Cora tinha a certeza de que o Santo Graal estava em algum lugar do Brasil. Não perguntou mais nada sobre o cálice ao tenente para não gerar desconfiança. Gostaria que Santiago estivesse ali, exultante como estava o coração dela, batendo fora do compasso. Conversaram mais um pouco na ânsia de sair dali e voltar a Lisboa com a preciosa novidade para o cardeal. Despediu-se do tenente Henry Foster, agradecendo a entrevista. Chegou ao seu apartamento, onde voltou a fita do gravador algumas vezes para a ouvir a afirmação do americano, depois guardou a fita na bolsa e sossegou, já tinha acreditado. Viajaria na manhã seguinte para Lisboa, para organizar a viagem ao Brasil, ao Seridó Potiguar. Aproveitaria a noite para tomar um café numa livraria e comprar um livro para Santiago. Ele gostava de ganhar livros de presente.



Dom Valentim de Canto estava tentando juntar as peças. Estava sendo informado constantemente pelo telefone dos passos da doutora Cora Rodrigues, pelo detetive que tinha contratado para segui-la desde Lisboa. O detetive foi à procura da curadora da exposição em Washington, logo depois da museóloga e, se apresentado como um assistente dela que tinha se atrasado por causa do inverno, convenceu-a a recebê-lo. A mulher alta e simpática achou razoável, apesar de a doutora não ter mencionado nada sobre aquele homem, sobre um assistente, mas não viu nenhum mal em

informar que ela estava em Nova Iorque à procura dos militares sobreviventes da guerra para o trabalho que estavam fazendo. Ela tinha conseguido o endereço dos militares das fotografias da exposição. Ele a encontraria em Nova Iorque disse à curadora. Depois de receber essas informações do detetive, Dom Valentim lembrou-se do telegrama que o professor Santiago havia enviado à universidade, que falava sobre fotografias. Era uma pista.

Descobriu que a Caixa Postal 157 mencionada no telegrama era da doutora Cora Rodrigues. Tinha subestimado a inteligência do professor, sabia quem ele era, conhecia sua essência há séculos, e, agora, queria essas fotografias. Elas tinham as respostas que procurava, as quais a museóloga já tinha encontrado. Iria pessoalmente à universidade à procura das fotografias. Conhecia pessoas lá e usaria o artifício de uma cessão de cópias das fotografias da universidade para o seu acervo. Usaria o nome do professor Santiago, que o autorizava a copiar fotografias tiradas na exposição em Washington sobre a Segunda Guerra. Era um assunto que só ele e seus alunos sabiam, confiava nisso. As cópias das fotografias foram trazidas do departamento de história e entregues em suas mãos pelo Reitor em um envelope escuro, pois ele se achava honrado de receber a visita de Dom Valentim de Canto, colecionador conhecido e um grande palestrante no mundo das artes em toda a Europa. Isso lhe abria portas. Já tinha palestrado naquela universidade anos atrás e também confiava nisso.

Despediu-se do Reitor sem examinar as cópias, deixaria para fazer isso com tranquilidade. Não podia imaginar qual a relação de fotografias da segunda grande guerra com o Santo Gaal. Estava nos passos da doutora Cora desde que frei Nelson Marques lhe levou a fotografia da mensagem do padre Juan do Monte. Depois, a descoberta em Marselha da lista de passageiros

e da carta do padre Pierre Legam dizendo que estavam indo ao mar. Ele estava no mesmo navio com o padre Juan. O Santo Graal também. As fotografias eram o grande mistério da vez. Expôs todas em cima de uma grande mesa na biblioteca do Castelo de Canto e começou a examinar minuciosamente uma a uma. Eram quinze fotografias, de várias partes por onde a guerra passou. De trincheiras, grupos de militares felizes pousando perto de aviões e tanques de guerra, paisagens e tudo mais. Não conseguiu enxergar nada naquelas fotografias. Ficou por horas, sozinho, pegando uma a uma diante dos olhos, e nada encontrou. Serviu-se de uma taça de vinho e tentou relaxar antes de começar uma nova busca. Colocou Beethoven na vitrola e caminhou lentamente no imenso salão rodeado de abastadas prateleiras de livros. Foi à mesa, procurando entre as fotografias alguma que chamasse sua atenção, quando enfim percebeu. Avistou um cálice em alguma delas, que no primeiro momento tinha passado despercebido. Pegou a fotografia entre as outras e examinou mais perto da luz, era o Santo Graal. Conhecia aquela peça, pois tinha visto seu uso, há muito tempo. Era, sim, o Cálice Sagrado por Cristo. No rodapé da foto, estava escrito: “Ilha de Fernando de Noronha — Brasil — 1945”. Tinha encontrado o Cálice e a razão pela qual a doutora Cora estava na América entrevistando militares da segunda grande guerra. Ela queria chegar àqueles dois militares na foto com o cálice. Cora tinha identificado aqueles homens da fotografia e foi atrás de pistas.

Dom Valentim precisava falar urgentemente com o detetive em Nova Iorque: ele teria que conseguir o registro dessas pistas. Não poderia fazer isso pessoalmente nem usar seus poderes; era muito perigoso usá-los fora de hora, poderia despertar o Todo-poderoso e pôr a perder uma busca de séculos. Chamaria a atenção do anjo. Ela já deveria saber onde estava a peça e pretendia antecipar-se. Já tinha pesquisado sobre o Brasil em enciclopédias

da imensa biblioteca do Castelo de Canto, desde que recebeu pelo frei Nelson a mensagem do padre espanhol, e sabia que aquela ilha era no nordeste do país, só não sabia se o cálice estava lá; poderia ter sido trazido pelo americano e nesse caso a museóloga estava próxima demais. Percebia que aqueles dois homens que ladeavam o cálice eram bem diferentes fisicamente, quem sabe um americano e um brasileiro. Pensou que, como o cálice estava enfeitando a estante daquele ambiente, o qual não podia identificar, presumia-se que o artefato fosse do brasileiro, presumia-se que o artefato fosse do brasileiro, pois ele estava com uniforme de marinheiro e o americano estava como aviador, e sabia que o cálice tinha se perdido no naufrágio do Santa Inês. Como ele tinha ido parar ali? Quem o encontrou e como o encontrou? Eram mais perguntas que precisavam de respostas. A mensagem dizia que o navio Santa Inês estava naufragando próximo ao litoral da colônia portuguesa chamada Brasil. Alguém tinha achado o cálice, talvez um mergulhador, um pescador, um guardião.

Na madrugada, acordou com o telefone tocando insistentemente. Sabia que era o detetive ligando de Nova Iorque com novidades sobre Cora. Tinha autorizado a ele voar de jatinho particular para Nova Iorque, e ele a descobriu em Astoria. Tinha dado a ele a missão de conseguir as entrevistas e esperava um resultado positivo. Era um homem de sua confiança, que já tinha prestado vários serviços. Fazia qualquer coisa para Dom Valentim de Canto, se o preço estivesse do seu agrado. Ele estava voltando para Lisboa com a fita da gravação da conversa entre Cora e Henry Foster. Não foi difícil, em todo lugar do mundo, havia quem fizesse o serviço sujo, o dinheiro sempre falava mais alto para os sem escrúpulos.

Estava na hora de preparar Dionísio para o grande dia. Dom Valentim refletiu sobre quanto tempo havia passado e concluiu que o triunfo não poderia ficar do outro lado. “O inimigo se fez presente e deu vida de um mesmo pai e mãe o seu irmão”. Há quanto tempo isso tinha sido escrito. Era chegada a hora da prestação de contas. Subiu devagar a escada em espiral, esboçando um sorriso de contentamento. O silêncio no enorme castelo só era ferido pelo som dos seus sapatos na escadaria de pedra. Diante de uma enorme porta, seu sorriso tornou-se gargalhada. Empurrou a porta visualizando uma imensa urna de madeira em cima de uma mesa, no centro da grande sala, e foi a ela. A visão do frei Nelson Marques, adormecido dentro da urna, parecia lhe dar satisfação. Rodeou a urna por várias vezes, olhando o religioso adormecido. Ele não estava morto, estava com as faces coradas. A porta se abriu novamente, e Dionísio entrou, fazendo o lorde parar. Ele o chama num gesto para perto de si e beija levemente a face do mordomo.

— Agora vou precisar dele. Frei Nelson Marques! Ele é um belo rapaz, não é Dionísio? — Perguntou Dom Valentim, roçando as costas da mão no rosto do frei.

— Sim, Senhor. — Respondeu o mordomo, estático.

— Foi sábio ter mantido ele aqui. Preciso que ele volte pra perto do cardeal. Devolva a alma do rapaz, Dionísio, e dê-lhe instruções pra volta. Deixe-o lembrar-se só do que é necessário. Leve-o pra falar comigo. Ele tem que estar lá quando a Cora voltar — Disse Dom Valentim, saindo apressadamente.

O mordomo olha o corpo na urna por instantes, curva-se e beija levemente os lábios do religioso adormecido, devolvendo-lhe a alma. Estava novamente frei Nelson Marques à disposição do mal.

A tarde começava fria e cinzenta, parecia que o inverno se acentuaria em Lisboa. No meio da sala da casa paroquial, frei Nelson Marques olha o cardeal se aproximando.

— Boa tarde, frei Nelson! Que bom que está de volta. Senti sua falta. — Disse o cardeal ao frei.

— Boa tarde, Eminência! Também senti falta do senhor. — Respondeu frei Nelson. Não parecia mudado, pelo menos era essa a primeira impressão.

— Resolveu o seu problema?

— Sim, cardeal, deixei tudo resolvido. O senhor foi bem cuidado?

— Sim. Não me faltou nada.

— Que bom. Fico feliz. Vou desfazer a mala e logo estarei à sua disposição, Eminência. — Disse frei Nelson, pegando a mala pousada ao seu lado.

— Sim. Pode ir. — Respondeu o cardeal, sorrindo.

O frei abriu a porta do seu aposento e, sem desfazer a mala, deitou-se na cama e ficou a olhar o teto. Sentia-se como se estivesse mais velho, sem forças. Estava voltando do Castelo de Canto com a promessa de Dom Valentim de um alto cargo no Vaticano em troca da informação que levou. Ele queria mais. Não entendia como não percebeu o tempo passar. Sabia que tinha passado, e Dionísio disse a ele que não tinha saído do castelo. Resolveu ficar. Acreditou nele, ele o enfeitiçou, era o diabo e estava pagando por sua traição ao cardeal.

Tinha procurado aquilo na busca de conseguir seus objetivos, mas já não tinha tanta certeza se conseguiria. Estava numa espécie de transe, eles eram o mal e se sentia estar dominado por eles. Era

um servo de Deus, mas havia transgredido suas leis praticando o pecado da ambição. A imagem de Dionísio tocando os seus lábios, enchendo seus pulmões de ar frio, não saía do seu pensamento. Ele tinha beijado seus lábios, e aquilo era pecado. Era imoral, mas não teve forças para reagir. Vivia numa constante contradição. Teria que cercar o cardeal e a doutora Cora para descobrir seus próximos passos. Era a ordem de Dom Valentim de Canto, a quem agora devia obediência, sentia isso, sentia essa obrigação mesmo consciente do seu pecado, da sua falha de caráter diante do cardeal.

No final da tarde, a doutora Cora foi recebida na Igreja de Santo Ovídio pelo frei Nelson Marques. Ele deu as boas-vindas a ela e novamente a viu sumir com o cardeal, deixando-o fora da conversa. Um ciúme esquentava seu corpo. Sentia-se mais uma vez deixado de lado por quem sempre serviu. Ficou a ruminar sobre o que os dois estariam conversando, teria que descobrir, prometeu ao seu novo mestre e protetor. Depois, faria uma varredura no gabinete à procura de informações. Cercaria também o cardeal, quando estivesse a sós, pois ele sempre dava alguma informação, achando que ele não sabia da busca pelo cálice. Já tinha ido longe demais, não tinha mais volta o seu pecado. Aquela intrometida não tinha confiança nele, o cardeal Antônio dos Anjos idem.

No gabinete, a doutora Cora relata ao cardeal sua passagem pela América. Tinha perdido a gravação da entrevista com o Tenente Henry Foster, porque roubaram sua bolsa, juntamente com outros pertences. Um homem a pegou e correu. Um detetive particular que passava a ajudou, pegando o gatuno e devolvendo a bolsa. Nova Iorque não era mais a mesma. A fita e a carteira de dinheiro foram roubadas. A informação estava na mente, a entrevista tinha sido apenas um artifício para obter informações sobre o cálice. O cardeal ouvia tudo, ansioso. Levantava e andava

pela sala olhando um futuro próximo, onde poderia conhecer o Santo Graal. O marinheiro brasileiro estava com o Cálice Sagrado. A viagem para o Brasil começou a ser planejada. O professor Santiago não tinha dado mais notícias, e Cora voltava a preocupar-se com ele. Era um momento importante para ele participar, e esse sumiço contradizia com a empolgação do professor na busca pelo artefato. Telefonou para a universidade, porém ninguém sabia dele e também já se preocupavam, não era do seu feitio desaparecer sem dar notícias. De qualquer maneira, teria que viajar logo, ele teria que encontrá-la no Brasil. Jantou com o cardeal e frei Nelson, uma deliciosa sopa verde com pão. Naquelas noites de inverno, caía bem uma sopa quente. Iria se trancar no quarto para pesquisar sobre o sertão brasileiro, sobre o Seridó Potiguar, onde estaria em breve, à procura do Santo Graal.

Frei Nelson Marques olhava o cardeal se acomodar numa poltrona ao lado da cama abrindo um livro. Não precisou indagar sobre a ida da museóloga à América, pois o cardeal já avisou que viajariam ao Brasil em dois dias, para um lugar chamado Seridó Potiguar. Era uma informação preciosa para Dom Valentim. A mensagem dizia que o navio naufragara no litoral brasileiro. Eles iam em busca do Santo Graal. Teria que ir com o cardeal, não era do seu querer ir ao Brasil, mas obedecia ordens. Ligou para Dom Valentim na calada da noite para dar a informação. Ele não pareceu empolgado, era um homem estranho, poderoso, intimidador. Deitou e dormiu.

CAPÍTULO VII

A IGREJA DE PEDRA

O silêncio do Castelo de Canto novamente é quebrado pelo caminhar de Dom Valentim e seu mordomo Dionísio subindo a escada em espiral. Estavam numa área pouco visitada do castelo. No alto, um grande corredor terminava numa porta de aço com detalhes de labaredas trançadas em alto relevo. Dionísio a abriu torcendo a chave, que já estava na fechadura. Eles entraram em uma sala grande, com as paredes pintadas com os mesmos detalhes da porta de aço. Um vitral brilhava no alto captando por insistência o lume das velas. No centro da sala, no tapete, um caixão de vidro guardava o corpo adormecido do professor Santiago. Dionísio acendeu mais umas velas, dando luz ao seu belo rosto rosado adormecido. Era um homem bonito, gozando dos seus trinta e poucos anos, inerte, observado por Dom Valentim.

— “O pai deu vida seguida de vida àquele que venerou meu sangue”. — Disse Dom Valentim, observando o homem deitado em sono profundo. — Sabe, Dionísio, ele não sabe o poder que tem. Eu estava lá.

— Eu também, Senhor. “O inimigo se fez presente e deu vida de um mesmo pai e mãe ao seu irmão”. — Recitou o mordomo, sentindo a respiração do seu mestre na nuca.

— Interessante! Ele ficará aqui. A última vez que enfrentamos um guardião foi no império de Justiniano, faz muito tempo, Dionísio. Muito tempo. O cálice também estava lá. Num império de criadores de porcos. Só eu e ele sabíamos que estava lá! — Gritou o lorde, fechando os punhos.

— Não tive culpa, Senhor! — Disse Dionísio.

— Eu sei. Maldito anjo! Maldito! Maldição que não posso usar as artimanhas dos meus poderes quando o tema é este. O diabo de mãos atadas. Irônico!

Uma enorme asa em movimento de voo faz sombra no vitral. Dom Valentim respira fundo, parecendo não perceber. Segura as mãos de Dionísio, que o olha.

— Iremos ao Brasil buscar o cálice, finalmente! Ele me dará o poder que mereço. A sombra finalmente expandirá seu manto. — Disse o lorde pausadamente, ainda segurando as mãos do mordomo.

— Ele ficará seguro, Senhor! Não vai poder sonhar. O maldito anjo não vai poder interceder. — Disse o mordomo, tentando acalmar o seu Senhor.

Ele olhou profundamente para Dionísio e encostou seus lábios suavemente nos dele. Sua obra era perfeita e era chegada a hora de ser recompensado pelo seu sacrifício. Foi uma espera que se dispôs a ter e que estava perto do fim. Teria a metade do seu reino, suas almas, suas fraquezas e apenas uma certeza, começava a entender por que tinha sido banido do paraíso.

Estava tudo pronto para a viagem ao Brasil. A doutora Cora reclamava da ausência de Santiago. Sentia falta do seu sorriso quando chegava. De quando ele ficava andando de um lado a outro

quando conversavam. Tinha deixado recados em todos os lugares possíveis para que fizesse contato. Cada vez mais tinha certeza de que algo estranho estava acontecendo por trás desse sumiço. O cardeal parecia remoçado com a perspectiva de encontrar o Cálice Sagrado. O seu médico não se opôs à viagem, desde que tomasse os medicamentos. Frei Nelson Marques colocava as malas no carro na certeza de que Dom Valentim estava fazendo o mesmo.

O dia estava cinzento e frio em Lisboa. O jatinho partiu do aeroporto Humberto Delgado no início da tarde, chegariam ao Brasil na manhã seguinte. A doutora Cora acomodou-se na poltrona e ficou a imaginar o que poderia ter acontecido a Santiago. Apesar da euforia da viagem, seu coração estava apertado, presentia alguma coisa. Quem seria esse Dionísio que acompanhou o professor, e por que ele não tinha entrado em contato com ela, se ficou de voltar da exposição em Washington diretamente para encontrá-la juntamente com o cardeal? Perguntava-se sempre. Tinha esperança e mais uma vez pedia que a sorte não tivesse ido embora, que Santiago a encontrasse a tempo. Olhou o cardeal, que dormia um sono tranquilo ao lado do frei Nelson Marques, também dormindo. Folheou uma revista sobre o Brasil e as belas ilustrações coloridas passaram a ideia que aquele país era dourado, e dormiu imaginando o sol radiante da terra tropical.

A sacada do hotel Reis Magos dava vista para um mar azul. A doutora Cora respirou fundo o ar puro, com cheiro de maresia, olhando a imensidão azul. Naquelas águas, não muito longe dali, o marinheiro Dantas encontrou o cálice, como disse o Tenente, nas águas da ilha. Parecia que tudo levava a Cristo naquele lugar. A cidade chamava-se Natal, e o hotel tinha o mesmo nome de um forte imponente na foz de um rio de onde se originou a cidade de mais de três séculos. Muitas coisas na cidade eram ligadas ao

nascimento, já que a sua fundação foi no dia de Natal. Era uma cidade antiga, muito bonita, rodeada de praias, dunas alvas e mata verde-escura. O cardeal estava encantado com a cidade, com o clima e com as pessoas, que eram muito simpáticas e acolhedoras. Já era meio-dia e estava muito quente, fazia um calor gostoso amenizado pela brisa do mar, antítese deliciosa do inverno em Lisboa.

Tinham chegado ao Brasil como turistas, acharam mais prudente, já que o país estava saindo de duas décadas de governo militar. O cardeal recebeu um religioso da cidade, que negociou o aluguel de um helicóptero para irem ao Seridó à procura do marinheiro Dantas, e lhe pediu discrição. O religioso também trouxe o piloto, que os acompanharia como guia. Com a informação que nessa área existiam variados sítios arqueológicos, usou como artifício a busca por essas pinturas rupestres. O piloto conhecia bem o lugar, já tinha voado na região levando políticos em campanha e prometia uma grande aventura, pois a região era muito bonita, e de gente muito agradável. Verdadeiros heróis da terra seca, assim descreveu.

Cora conversou bastante com o piloto, que se chamava Odair, sobre o Seridó. Explicou-lhe que queriam ir especificamente a um povoado chamado Ermo, e sentiu-se aliviada quando ele disse que sabia onde ficava. Era o lugar onde morava o marinheiro Dantas, segundo a informação do Tenente Henry Foster. Uma fazenda onde existia uma igreja de pedra da qual ele falava muito. Partiria na manhã seguinte à procura do Santo Graal. Esperava ansiosa pela descoberta, como também por notícias de Santiago. Já não acreditava que ele chegaria a tempo de resgatarem o cálice juntos, estavam muito longe de Londres, onde ele disse estar. O professor tinha lhe mandado enviar as fotografias para a caixa postal, porque estava em perigo, acreditava nisso e, cada vez mais, em que tinha algo a ver com o Santo Graal. Talvez ele tivesse

mostrado a mensagem do padre Juan do Monte para alguém antes de enviá-la. Não tinha especulado isso. Era a grande descoberta do século. Muita gente queria tal informação, muita gente daria muito dinheiro por tal informação.

Pensou em Dom Valentim de Canto, que era um desses obcecados por artefatos como o cálice. Ele daria qualquer coisa pela relíquia, conhecia sua ambição em sempre ter o mais raro, o mais antigo, o que tinha história. Lembrou-se da visita que o lorde fez à igreja de Santo Ovídio, quando perguntou sobre o Santo Graal. O cardeal, na ocasião, achou estranha a visita de Dom Valentim sem um telefonema prévio, não era do feitio de um homem da estirpe dele. Eram questões que a volta de Santiago poderia esclarecer, torcia por isso. Andou um pouco a pé pela capital potiguar, onde pôde observar uma arquitetura diversificada, incluindo igrejas do período barroco e a interessante Art Nouveau de um belo teatro. Caminhou na beira da praia e foi ao forte dos Reis Magos. Era magnífico.



Seridó Potiguar, Brasil

A poeira dos três cavalos trotando na estrada de terra era levantada e levada pelo vento. Dom Valentim de Canto e Dionísio observavam tudo, enquanto cavalgavam, atravessando um ambiente como se via nos cinemas, com uma paisagem cinzenta. Um senhor de uns quarenta anos da região chamado João da Silva os guiava montando um dos cavalos. Era uma terra de pó e serras lindas, ricas em minerais. Ao longo da estrada, objetos como carrinhos de mão, máquinas escavadeiras, pás e picaretas estavam abandonados,

entregues à ferrugem. Eram restos de instrumentos usados na mina de scheelita que tinha trazido riqueza para aquela região, mas tinha fechado há alguns anos, deixando o povo à mingua, sem trabalho. A recessão e o baixo preço do mineral eram as causas. Não estava interessado nisso, mas ouvia com atenção do seu guia num sotaque extremamente musical, bom de ouvir.

Tinham chegado à cidade do Natal no seu jatinho particular, ele e Dionísio, e imediatamente alugado um carro que os levou ao Seridó Potiguar, como ouviu na fita roubada da doutora Cora. Estavam lá, e João da Silva tinha lhes arranjado os cavalos. Estavam a caminho do povoado Ermo. Não esperariam a chegada da museóloga e do cardeal, com seu infiel traidor que manteve o lorde informado. Não pretendia se mostrar para eles. Esse embate era função de Dionísio, a missão era dele que não venerou o sangue do bom homem e foi gerado a partir de um sentimento de revide, típico dos egoístas. Era apenas o suporte poderoso.

Sem conhecer muito do lugar nesse primeiro momento, hospedaram-se numa casa-hotel confortável, uma casa que também era pensão. Dom Valentim sondou o paradeiro do marinheiro Dantas com a proprietária, alegando estar procurando sobreviventes da guerra para um documentário. Sabia que ele não estava mais vivo, pois Santiago tinha nascido cumprindo “a vida seguida de vida” ao novo guardião. Era assim que estava escrito em algum lugar, numa escrita que só se conheciam pedaços. Queria somente saber algo mais sobre ele.

Ouviu junto a Dionísio que a fazenda ficava há algumas léguas dali, ao norte, e que alguém morava lá. Não tinha curiosidade de como era o lugar, só queria o cálice. Partiria no outro dia, já que a noite chegava trazendo uma lua crescente num céu

tão limpo que parecia uma lousa a inspirar conhecimento, parecia deixar flutuar, quando se olhava aquela enorme bola laranja boiando no vazio. Era uma das mais agradáveis noites de sábado que apreciava em séculos.

Do meio da rua de terra, na frente da pensão onde estava com Dionísio, o lorde avistava ao longe uma montanha com um cruzeiro no topo iluminado pelo forte brilho da lua, mais distante um círculo de serras negras que rodeavam o lugar também tragava aquele brilho. Avistavam-se pequenos pontos luminosos que se movimentavam naquela penumbra distante, torneada com a diferença entre o negro das serras e o azul do céu noturno do sertão, e souberam que era o brilho dos lampiões de caçadores que se aventuravam com seus cães na busca de tatus e tamanduás. Não era muito diferente da caça as raposas na Inglaterra, a diferença, pelo que entenderam, era entre a diversão e a necessidade.

Era interessante saber daquela gente que não parecia se importar com o tique-taque do relógio, conformados, cheios de si, bem a imagem do bom homem. Conheceram muitos lugares distintos em séculos de vida, mas ali, naquele lugar, eram arrebatados por uma força maior, um clima que fazia bem às suas velhas e maléficas carcaças. Tinha gente de alma pura pronta a ser tentada.

O barulho do helicóptero sobrevoando o lugar e a aeronave riscando o céu do sertão deixara o povo em frenesi. Era uma coisa pouco vista naquele lugar. De cima, a doutora Cora, o cardeal Antônio, o frei Nelson e Odair observavam a correria das crianças tentando acompanhar a aeronave. Era um lugar pequeno, rodeado de serras e de uma grande mina abandonada e algumas fazendas onde, de cima, viam-se algumas cabeças de gado. Montes de areia cinza-escuro, como pirâmides, que — depois soube ser rejeito de

mineração — davam uma visão diferente de tudo que já tinha visto. Sobrevoaram e pousaram rodeados de longe de crianças correndo do pó levantado pela hélice.

Tinha um carro alugado de um morador por Odair que os esperava e os levou ao centro do povoado. Quando o carro rodeado de crianças se aproximou da praça, Cora percebeu que os habitantes do lugar se aglomeravam nas laterais da rua principal, parecia que acontecia um grande evento naquele domingo de manhã e o cardeal Antônio dos Anjos ressaltou ser Domingo de Ramos. Tomaram posição na lateral da rua e ficaram a observar a procissão de ramos que passava, renovando a fé daquele povo. Era muito bonito. Um asno trazendo Jesus Cristo abria a procissão, seguida por fiéis cobertos de mantas coloridas, numa representação triunfal da entrada de Jesus em Jerusalém, como citam os evangelhos canônicos. As pessoas nas laterais da rua olhavam e saudavam a passagem agitando ramos verdes. Era uma representação singela do que antecedia a Páscoa. Talvez mais uma coincidência, por estarem na época da Páscoa, procurando o cálice usado na Santa Ceia pelo Salvador há séculos.

A procissão terminou na igreja de São José, onde foi celebrada a missa de ramos. Aqueles ramos que brandiam no ar foram abençoados pelo padre e levados como benção pelos fiéis para suas casas. Os ramos de palha eram geralmente trançados em formato de cruz e pregados na parede onde secavam. Estavam fazendo essas descobertas enquanto caminhavam pela rua principal. Chamavam atenção dos moradores, tinham chegado em um helicóptero, e a doutora Cora tratou de deixar claro que estavam de visita aos sítios arqueológicos. Os residentes eram acostumados a receberem visitantes à procura das pinturas rupestres, e logo se aproximaram. O cardeal e frei Nelson não pareciam religiosos, estavam à paisana para não chamar atenção e logo gostaram do lugar.

Um pequeno mercado no centro exibia de tudo nas suas várias bancas, de panelas de barro a redes, bolos e doces, licores, raízes, de tudo tinha e o povo era muito simpático, com um sotaque único, musical. Aquele passeio fazia parte do plano, e Cora pensou que era hora de tentar saber do marinheiro Dantas. Entrou num vão onde um balcão exibia bolos e caldeirões de doces. Lembrou-se do tenente Henry Foster quando falou do marinheiro e também se lembrou do doce chamado filhós. Aproximaram-se, ela e os dois companheiros. Uma fileira de cadeiras de madeira estava exposta aos clientes rente ao balcão. Sentaram e perguntou à senhora que servia doce de coco a um homem de casaco e chapéu de couro cru, que exalava um cheiro forte, se ela tinha filhós. Ela prontamente lhe serviu em uma cumbuca de barro alguns bolinhos redondos parecidos com bolas de gude, cobertos com mel de rapadura. Era exatamente como imaginou quando o tenente relatou a receita do doce, parecendo sentir o gosto. Era realmente delicioso. A senhora puxou conversa, o que deu mais confiança, descobrindo que o doce era de origem portuguesa. Contou a estória do tenente quando elogiou o doce dado pelo marinheiro Dantas, e a senhora do doce lhe apontou o caminho da fazenda. Não conhecia o marinheiro, mas sabia que morava gente lá, talvez um parente. Estava chegada a hora de seguirem viagem para a fazenda.

Dom Valentim e seu enigmático mordomo já estavam a postos. Tinham ouvido a chegada do helicóptero, ainda no café da manhã, e se apressaram. Novamente a poeira das três montarias era levantada na estrada de barro e levada pelo vento. Àquela hora da manhã, o sol já era inclemente e não parecia perturbar os europeus que apreciavam no galope aquela paisagem única, onde se misturava mato ressequido e montanhas de rejeito de minério. Estavam a caminho da fazenda do marinheiro Dantas e do cálice

sagrado. Jam à procura de uma mulher que o conheceu e certamente sabia do cálice. Não poderia perder aquela oportunidade, que buscou durante séculos — pensava Dom Valentim, observando tudo. Era o ápice de uma existência de busca, de uma promessa e de seguidas derrotas impostas pelo mais poderoso opositor do universo. Era o lado escuro que não permitiria que “o banho do sangue derramado” pudesse pôr fim à sua existência, apesar do inesperado. Estavam com vantagem em relação à doutora Cora, que não tinha tanta pressa por não imaginar que estava sendo monitorada, por não imaginar que tinha sido traída pelo frei Nelson. O guardião Santiago tinha achado a mensagem sem saber que aquilo era destinado a ele. Era o seguimento do marinheiro Dantas, o último guardião a quem o pai “deu vida seguida de vida”, era o bem em matéria que não dimensionava seu poder e que poderia ser despertado. Enquanto o lado escuro, se de posse do Cálice Sagrado, eliminaria o poder de quem venerou o sangue e teria seu reinado.

CAPÍTULO VIII

O DESPERTAR DOS ANJOS

A primavera estava sendo generosa nos arredores montanhosos do Castelo de Canto. Era uma paisagem única, bela, com o desabrochar das alfazemas, gérberras e amendoeiras. Era lindo observar aquele campo lilás de alfazema sendo balançado suavemente pelo vento leve que soprava constantemente. O interior do castelo era a antítese dos campos floridos. Um silêncio assustador dava ênfase às paredes cheias de obras de arte, e os imensos salões e corredores silenciosos causavam certo temor. Algumas obras como quadros e estátuas estavam cobertas com lençóis, dando um ar ainda mais sombrio àqueles corredores longos e de pouca luz. Não se ouvia nada, era um silêncio sepulcral.

O rosto rosado do professor Santiago no seu profundo sono agora era iluminado por uma poderosa luz que emergia das asas douradas de um anjo. Era o mesmo anjo do sonho na areia da praia, o mesmo anjo que encorajou o professor. Era o anjo com as feições de Paula, aquela que o marinheiro Dantas acreditava ser nativa da ilha de Fernando de Noronha. Ele observou o guardião, sabendo da sua inocência em relação ao seu destino já traçado, interpelado pelo mal. Era sua tarefa segui-los ao longo dos séculos e protegê-los e

estava novamente no embate. Sabia o que viria, pois estava escrito. Teria que tirá-lo dali e levá-lo à presença do Cálice Sagrado. Só ele poderia evitar que caísse em mãos erradas que saberiam usar muito mau seu poder. As grandes asas do anjo se recolhem nas costas, o fazendo levitar e se alinhar ao adormecido professor no seu caixão de vidro. Sentia o poder adquirido do senhor, e, num toque rápido dos seus lábios com os lábios do professor guardião, o faz despertar lentamente.

Um beijo de anjos capaz de mover céus e terra, de alterar o tempo em função de um propósito maior. Era o tempo daquele que agora, já de pé, tendo o rosto iluminado pelo facho fraco que rompe o vitral, é rompido e despertado para não deixar que o impulso do paraíso cresça.

Eram forças poderosas oriundas de uma imensa fé, de um acerto entre justos, entre o nítido e o obscuro que subsistia no tempo. Tempo esse que fez alguns deles, os bons, terem uma passagem discreta, às vezes até inútil, imbuída na justiça do livre arbítrio reclamado sempre pelo ser humano, que se descolava do perseguidor. Esse travestido gozando a eternidade à procura de um tempo só seu. Ele o queria e procurava como prometeu na busca de um reinado único, emergido em trevas e em ranger de dentes, em discórdias que levariam a guerras, uma nova ordem, um novo tempo. Quando o Senhor deu “vida seguida de vida” e o inimigo se fez presente, o Senhor não permitiu que seu anjo favorito tivesse o descanso merecido e lhe deu a honra de pastorar quem “venerou o seu sangue”.

Aquele arcanjo que lhe beijava enchendo seu pulmão de ar quente era o arcanjo favorito. Vivia vidas também seguidas de vidas exatamente para pastorar cada um deles, e protegê-los

aos olhos do mal. Agora era o anjo de asas douradas ainda com rosto de Paula e a mesma essência de proteção. Era sua a virtude de levar o professor Santiago ao cálice e à compreensão do seu destino. Levaria o professor numa breve viagem no tempo. Ele era o escolhido e iria compreender sua sina. Já tinha feito aquilo outras vezes, em outros tempos e sabia a compreensão de cada escolhido. Eles nasciam de um homem e uma mulher, mas sua essência era de natureza sagrada, o Senhor Deus tinha apontado o dedo ao merecedor daquela dádiva. Tinha em outros tempos mais tranquilidade como anjo pastoreio dos escolhidos, fazia séculos que não sentia o cheiro de enxofre, mas tinha chegado a hora.



A casa do marinheiro era rodeada de um alpendre. Parecia planejada para se inserir naquela paisagem, era uma pintura impressionista, que remetia um vivente conhecedor de arte ao Sr. Monet ou ao Sr. Renoir. Era certo que quem a construiu e colocou aqueles tijolos crus, vermelhos, não imaginava a dimensão do que, a olhos treinados, aquilo era belo. Era um artista da alvenaria, inconsciente, em pleno gozo. A doutora Cora estava diante daquela casa ladeada pelo cardeal e pelo frei Nelson. Talvez ali dentro estivesse a resposta para dúvidas seculares que sabia que poderiam surpreender. O Cálice Sagrado poderia estar repousando sobre um móvel qualquer agasalhado pela bela casa de tijolos vermelhos, rústica, plantada naquela terra seca de paisagem cinzenta. Estava muito ansiosa. Era uma grande descoberta para o povo cristão. Era a renovação da fé e, olhando aquela casa, teve certeza da sua, teve vontade de botar as mãos no Santo Graal. Odair bateu palmas.

Uma mulher alta apareceu no batente mais alto, na beira do alpendre, com um sorriso convidativo. Odair os apresentou e pediu autorização para fotografar a casa. Ela autorizou e os convidou a entrar. A doutora Cora percebia que estava ali na casa do marinheiro Dantas, prestes a descobrir onde estava o Santo Graal. Percebia a respiração forte do cardeal ao subir os batentes naquele alpendre amplo e arejado, pois ele sabia o que poderia encontrar ali. Estava progredindo. Aquela gente simpática, como dona Branca, a dona da casa da fazenda que as convidava a sentar em bancos de madeira espalhados no alpendre, facilitava o progresso. Ela deveria saber do cálice, deveria ser parente do marinheiro Dantas e pretendia contar-lhe a conversa que teve com o tenente Henry Foster. Era assim que pretendia chegar ao cálice. A vista que tinham do alpendre era de um curral cercado de arame farpado, a alguns metros, onde algumas vacas magras ruminavam debaixo de uma grande árvore de vagens amarelas que caíam com o balançar dos galhos ao vento. Cabras e galinhas também formavam a paisagem pastando nos arredores. Mais adiante, um cata-vento rodava como se estivesse gemendo. Um caminho largo, de terra, que começava logo depois do curral, ladeado de duas imponentes cercas, altas, de pedras escuras, arrumadas cuidadosamente umas sobre as outras, levava a uma colina distante, terminando a estrada, numa graciosa igreja que se via do alpendre da casa bem pequena. Talvez o cálice estivesse lá — pensou.

Dona Branca era muito simpática e serviu água em copos de alumínio em que se via o rosto de tão polidos. Indicou com presteza o caminho que levava aos sítios arqueológicos, era acostumada com visitantes de universidades que visitavam o local. Dois rapazes chegaram ao alpendre pelo lado oposto, cumprimentaram a todos e entraram. Talvez fossem descendentes do marinheiro, mas não via

ninguém que pudesse ser o próprio. Trazia cópias da fotografia do marinheiro com o tenente Henry Foster e o cálice quando serviam na ilha. Começou a falar sobre um amigo americano que esteve na guerra e que conheceu alguém que era daquela fazenda. Dona Branca não mostrou surpresa. Sabia da história do marinheiro, sua família tinha comprado a fazenda há alguns anos. Ela não tinha conhecido o marinheiro Dantas, mas sabia que ele tinha morrido. Era uma cidade pequena e todos sabiam de quase tudo.

A doutora Cora ficou decepcionada com a notícia da morte do marinheiro, queria saber de detalhes sobre como encontrara o Santo Graal. Retirou a fotografia da mochila e mostrou a dona Branca dizendo quem era o marinheiro e o americano. Esperava que ela reconhecesse o cálice na fotografia como um objeto que ainda estivesse ali, que tivesse agregado a compra da fazenda, mas ao invés disso ela indicou uma mulher, que sabia ter morado na fazenda da família Dantas e conheceu todos. Ela morava ali perto e vinha todos os dias rezar na igreja de pedra. Talvez ela tivesse interesse em ver a fotografia do marinheiro. Perguntou sobre a igreja e soube que ela tinha sido construída há tempos por colonos que ocuparam aquelas terras para plantar roçados de milho, feijão e algodão. Era toda de pedra, inclusive o altar de São Francisco de Assis.

A igreja era uma das relíquias daquele lugar. Era construída de uma pedra da região, talhada a ferro em blocos perfeitos para a arquitetura da obra. Diante do altar de São Francisco, o cardeal Antônio dos Anjos e frei Nelson já estavam ajoelhados, eram religiosos. A igreja parecia abandonada, teias de aranhas e alguns morcegos decoravam o teto de telhas cinzentas do sol. Ficou ciente que era perigoso ir ali porque a construção ficava próxima de túneis das minas, que eram verdadeiros paióis de

explosivos. A falta de planejamento para a exploração das riquezas que poderiam mudar aquele lugar para melhor tinha transformado as entranhas do lugar em área perigosa. Era tudo oco por baixo da terra. Quilômetros de galerias abandonadas se interligavam debaixo do chão.

Dona Maria Azevedo se aproximou ladeando a cerca de pedra que dava para a igreja no alto da colina. A doutora Cora observava a chegada da senhora alta e galega, como era chamada. Ela tinha um rosto rosado, protegido por um chapéu de palha de abas fartas. Sentiu que ela sabia do cálice. Não sabia por que, nem como, mas pôde sentir isso. A galega sorriu, mostrando dentes miúdos, e deu bom dia ao grupo. Odair fez as honras e cuidou, depois de apresentar todos, de informar à galega que a doutora Cora Rodrigues quer lhe mostrar uma fotografia. Ela parecia não entender por que um grupo de forasteiros queria que ela olhasse uma fotografia, quando a doutora Cora entrou em cena falando do marinheiro Dantas.

A fotografia nos olhos da galega não parecia ser uma novidade. Cora sabia que o marinheiro Dantas tinha uma cópia das fotos tiradas na ilha com os americanos, o próprio tenente Henry Foster tinha comentado o assunto. A galega teve acesso à vida da família do marinheiro e com certeza conhecia a fotografia. Ela sorriu e segurou a fotografia da mão de Cora. O cardeal, frei Nelson Marques e Odair observam.

— O retrato do meu menino com o amigo americano. Pena que ele morreu tão novo. Vocês são amigos dos outros? — Perguntou a galega ainda segurando a foto, diante do grupo na frente da igreja de pedra.

— Como assim, senhora? Não entendemos. Que outros?
— Perguntou Odair olhando Cora, o cardeal e o frei. Só ele, frei Nelson, sabia quem eram os outros.

— Os outros portugueses que me encontraram mais cedo. Eles também tinham essa fotografia. — Completou a galega, enquanto puxa o grupo para dentro da igreja livrando-os do sol forte.

A doutora Cora começava a entender que alguém mais estava à procura do cálice. A primeira pessoa que veio à sua mente foi Santiago, só ele sabia da busca. A galega explicou que eram dois homens estrangeiros, e o seu amigo João da Silva, do lugar, que sabia que ela conheceu a família do marinheiro e levou os estrangeiros ao seu encontro. Eles procuravam soldados que serviram na guerra, o marinheiro Dantas era o procurado. Eles também procuravam objetos dos soldados para montar uma exposição, concluiu.

— Que tipos de objetos? — Perguntou a museóloga, antes mesmo de saber os nomes dos estrangeiros.

— Objetos como fardamento, cantil, faca e tudo que ligasse o marinheiro à ilha, à guerra. — Respondeu a galega — Eles também queriam esse cálice para a exposição. — Completa a galega apontando o cálice na fotografia.

— E a senhora deu o cálice pra eles? — Perguntou uma aflita doutora Cora, percebendo que poderia ter sido traída por quem nutria sentimento. Do lado, o cardeal prendia a respiração esperando a resposta.

— Ele não está comigo. Tá no fundo da mina. Ninguém pode pegar. — Respondeu a galega, pausadamente, fazendo o sinal da cruz na frente do altar de São Francisco.

Ela acendeu algumas velas enquanto explicava, a um grupo silencioso dentro daquela igreja de pedra, que o cálice está num oratório no fundo da galeria principal da mina de scheelita. Foi levado para lá junto com a imagem de São Francisco para os garimpeiros rezarem e pedirem proteção. Ninguém sabia quem tinha levado. Ele era usado como vaso para uma rosa que nunca murchava. Ninguém entendia aquilo, diziam os garimpeiros que era milagre de São Francisco. Agora a mina estava lacrada, ninguém podia entrar. A baixa no preço do minério levou ao fechamento da maioria delas na região. Aquela, cavada nas terras que foi do marinho Dantas, onde estava o cálice ao pé do oratório de São Francisco, estava cheia de explosivos. Virou um depósito de explosivos do governo brasileiro, muito bem vigiado. Os militares eram quem ditavam as regras no país e cuidavam do lugar.

Depois da explanação da galega, a doutora Cora Rodrigues parecia zozna. Uma descoberta importante do cristianismo estava presa no fundo de uma mina. Precisava saber quem estava atrás do cálice, quem a tinha procurado mais cedo, e sentia um grande aperto no coração ao imaginar que a galega poderia dizer o nome de Santiago.

— Quem sabe nós não conhecemos estes portugueses que lhe procuraram mais cedo. Qual o nome deles? — Perguntou uma tensa Cora esperando ouvir o nome de Santiago.

— Dom Valentim de Canto e Dionísio. Dois senhores muito educados, simpáticos. Já partiram. — Respondeu a galega já se despedindo. Tinha coisas a fazer e foi embora como veio, ladeando a imponente cerca de pedra.

Aqueles nomes, ao ouvido da doutora Cora Rodrigues e do cardeal Antônio dos Anjos, pareciam uma explosão. Agora voltavam no tempo, à visita inesperada de Dom Valentim de Canto à Igreja de Santo Ovídio. Ele já perseguia o Santo Graal. Com essa informação, passaram e ter certeza de uma coisa: havia um traidor entre eles, que Cora ainda pensava ser Santiago. Talvez ele tivesse se aliado a Dom Valentim de Canto. Isso explicava que o amigo Dionísio, que o tirou da exposição em Washington, devia ser o mesmo que estava com Dom Valentim a fazer perguntas sobre o cálice. Frei Nelson Marques, o traidor, ali do lado, sabia que Dom Valentim não tinha ido embora, como disse a galega, ele queria o cálice. Até agora, estava livre de desconfianças e torcendo para que o lorde conseguisse chegar ao fundo da mina e desse a ele o posto que almejava no Vaticano. O cardeal sentou numa pedra em frente à igreja. O sol estava inclemente. Deveria ter desconfiado de Dom Valentim. Ele não era de fazer aquele tipo de visita surpresa, era um homem polido. Não conhecia o professor Santiago, e, como Cora, também desconfiava que ele tinha levado a informação da descoberta do cálice a Dom Valentim. Era um possível traidor. Percebia certa tristeza, decepção, nos olhos de Cora. Ela confiava muito no professor Santiago e sabia que nutria um sentimento maior por ele. Aquela situação de desconfiança era perturbadora para eles. Ele simplesmente tinha desaparecido. Não se sabia dele. Por que ele tinha desaparecido? O comportamento do professor era contraditório.

Estavam bem próximos do Santo Graal, sabendo agora que existia um ambicioso colecionador atrás da relíquia e um governo militarizado que o guardava, sem saber disso. Esse assunto não poderia vazar. O Santo Graal poderia ser uma forte arma política. Pelo menos tinha convicção que Dom Valentim não

vazaria o assunto, não era do interesse dele, como também tinha convicção que a galega não conhecia o lorde para pensar que ele tinha ido embora. Dúvidas, perguntas que mereciam respostas. Se Santiago estava em conluio com Dom Valentim, como pensavam ela e o cardeal, por que enviou as fotografias? O cardeal também partilhava essas mesmas dúvidas. Sabiam os dois que Santiago poderia ser o traidor, poderia ter partilhado com Dom Valentim a descoberta, mas algo não encaixava. O professor estava sumido, mas antes fez chegar à caixa postal da doutora Cora uma valiosa pista. Seguravam-se nessa probabilidade para ter um pouco de esperança sobre a índole do professor Santiago.

O relato de Odair, depois de conversar com alguns cavaleiros que cruzaram uma estrada próxima à igreja, trouxe mais problemas. A mina onde estava o cálice era vigiada vinte e quatro horas. Tinha duas entradas e quilômetros de galerias que há anos não eram habitados por garimpeiros. A febre do minério durou décadas. Pôde apurar que o marinheiro Dantas morreu dois anos depois de voltar da guerra e que seus pais, desolados, abandonaram a pecuária e venderam parte das terras para exploração da scheelita. Depois, a mina fechou e foi abandonada pelas mineradoras estrangeiras, que já não tinham lucro, e o governo confiscou como espólio.

Não desistiriam. Teriam que pensar em alguma coisa, planejar algo que os levasse ao fundo da mina. Era tudo inesperado. Esperava encontrar o cálice enfeitando um móvel de sala, ou um altar de igreja, jamais pensaria que estivesse nas profundezas de uma mina abandonada cheia de explosivos, vigiada. Estavam atordoados com as duas surpresas, mas a doutora Cora sabia que tinha que ter foco no que viera buscar, não estava disposta a perder o cálice para Dom Valentim de Canto. Tinha o cardeal como forte aliado, e juntos pensariam numa maneira de chegar ao artefato.

Sabia que Dom Valentim era capaz de atitudes não saudáveis para chegar ao fundo da mina. Já tinha ouvido muita conversa sobre o Lorde e tinha convicção que muitas eram verdadeiras. O cardeal Antônio dos Anjos também o conhecia bem, e tinha certeza de que ele estava se movimentando para chegar à preciosa relíquia. Ele jamais desistiria de ter na sua coleção uma peça tão especial. Não era homem de perder e para ganhar era capaz de pisar em quem atravessasse seu caminho.

A inocência daquela gente que habitava aquela terra seca, sem saber o que ela guardava, sem saber que um dia um marinheiro daquele lugar foi servir à pátria numa ilha e trouxe com ele o Santo Graal, era visível. Aquele achado um dia tinha que chegar aos ouvidos do povo, principalmente dos católicos, mas não agora. Sabiam do poder de Dom Valentim de Canto, mas pretendiam enfrentá-lo, teriam que chegar à frente dele. Teriam que pensar uma estratégia para chegar ao cálice, para burlar as sentinelas. Sabiam que Dom Valentim de Canto estava fazendo aquilo juntamente com o tal Dionísio, estavam também a pensar como chegar ao fundo da mina. Voltariam ao povoado para procurar hospedagem e pensar no próximo passo.

A galeria principal da mina seguia reta por mais de um quilômetro debaixo da terra. A fraca iluminação vinha de pontos de luz elétrica distantes um do outro, presos no teto da mina por um fio fino. Um trilho de trem falhado estava quase desaparecido debaixo da camada de areia de rejeito, como caçambas que um dia andaram nesses trilhos estavam abandonadas à ferrugem. Uma curva mudava a geografia da mina. Depois dela, o túnel seguia, mas criava ramificações, se fazendo perceber que a fatura do mineral tinha estado ali. Tinha sustentado grande parte da região

gerando trabalho e desenvolvimento. Não era raro encontrar utensílios domésticos como caldeirões e caçarolas, como também ferramentas espalhadas pelas galerias, como se tivesse havido uma fuga. Tudo era triste ali naquelas galerias quentes que com certeza guardavam estórias de vida de quem habitou por décadas aquele lugar. Talvez esses garimpeiros que ali labutaram tenham orado por dias a fio diante de São Francisco, não sabendo que o cálice que guardava a rosa que não murchava, mesmo no mormaço da mina, era o Cálice Sagrado que serviu Jesus.

Todos no Seridó sabiam dessa estória da flor que nunca murchava, e todos atribuíam a um milagre de São Francisco de Assis, padroeiro do povoado onde ficava a fazenda do marinho Dantas. Ninguém sabia contar como o oratório foi levado para o fundo da mina juntamente com o cálice. Uns diziam que foi levado por um garimpeiro chamado Alcendino, que era muito religioso e gostava, nos intervalos do trabalho, de ler trechos do velho testamento diante do oratório. O cálice deveria ter ido junto com o santo, mas como, ninguém sabia precisar. Contavam que graças alcançadas pelos garimpeiros que se ajoelhavam diante do oratório eram contadas. Já fazia dez anos que a mina estava abandonada. O governo brasileiro era quem tinha o domínio do lugar, e o oratório de São Francisco continuava debaixo do chão.

A tarde já caía no sertão do Seridó. Dom Valentim e Dionísio não voltaram ao povoado. Ficaram numa casa de sítio de um parente de João da Silva para o pernoite. Não tinha chegado tão perto do Santo Graal para desistir, pensava o lorde. Argumentava quase em solilóquio, pois Dionísio parecia não ouvir seus planos. Parecia alheio, como se pressentisse alguma coisa perturbadora. Sabia o lorde que a doutora Cora já tinha conhecimento de que ele

estava no sertão à procura da relíquia. Ela não poderia chegar até o cálice, pelo menos por enquanto, assim como ele. Só que havia uma diferença: ele tinha poderes. Por precaução, não se aproximou da mina, já que não era interessante chamar atenção. Esperaria a noite para buscar o cálice.

A noite caiu linda no sertão, trazendo um céu estrelado e uma lua crescente que boiava no vazio azul com estrelas ao fundo, distantes. Bem independentes! Dando àquele lugar um crepúsculo único, mágico. Odair não descobriu a localização de Dom Valentim e Dionísio, como pediu a doutora Cora. Ninguém no povoado os tinha visto.

A ideia do cardeal era se aproximar da igreja, do padre da paróquia de São José. Ele morava no lugar e poderia ajudar, nem que para isso fosse preciso contar a verdade sobre o cálice. Eram impressionantes as coincidências: a igreja onde estava guardado o Santo Graal pelo padre Pierre Legam, no ano de 1700, também tinha como padroeiro São José, justamente onde o Santo Graal veio parar depois de séculos, num lugar chamado Seridó, onde São José também era o padroeiro, o santo da fé dos católicos daquele lugar. Era um assunto de interesse da igreja, o padre era a igreja, o representante de Deus naquele sertão. Iria ajudar.

O cardeal Antônio dos Anjos era ciente que o governo do Brasil vivia uma ditadura que se aproximava do final e que existiam movimentos clamando por democracia que ecoavam em todo país, como também era ciente que a igreja e o governo não se davam as mãos. Teria que ser sorrateiro e meticuloso ao se aproximar do pároco, apesar de não ter muito tempo, tendo em vista a presença de Dom Valentim na região. Enquanto esperavam o jantar, ficou a confabular com a museóloga a melhor maneira de se aproximar do padre. Ensaçou palavras bem medidas, que pretendia usar

para convencê-lo. Iria procurá-lo depois do jantar. Não tinham um plano, tinham a esperança de que o religioso da cidade desse uma luz, um jeito de fazê-los entrar na mina. Jantaram um prato convidado: paçoca de carne de sol com arroz cozido no leite e, como sobremesa, um creme chamado imbuzada, uma delícia! Um sabor único entre o doce e o azedo, um doce azedo calculado na medida certa. Experimentaram o imbu, o fruto que dava sabor àquele creme delicioso, e ficaram com os dentes dormentes pelo excesso. O fruto maduro espremia um suco delicioso quando mordido, que escorria no canto da boca.

Frei Nelson Marques observava de longe os dois, o cardeal e a doutora, e quase nada falava. Ficaria quieto. Talvez simulasse uma indisposição, ficando na pensão, para não ter que encontrar Dom Valentim e o mordomo. Tinha feito sua parte, não precisava se expor. Sabia que Cora e o cardeal suspeitavam do professor Santiago. Estava protegido por essa desconfiança, pensava, enquanto mirava o cardeal e a museóloga a observarem o céu estrelado, sentados em frente à pensão de dona Rita em cadeiras de fio, também chamadas no Seridó de cadeira de balanço. Percebia que poderia sair dessa sem que o cardeal soubesse da sua traição. Tinha pedido isso a Dom Valentim, mas sabia que escroques não têm honra. Ninguém tinha lhe dito de certo o que procuravam, mas sabia que era o Santo Graal, pela mensagem mandada pelo padre Juan do Monte no ato do naufrágio do navio Santa Inês, só não imaginava que o cálice tivesse ido parar tão distante. Iria deitar-se e ensaiar desculpas.

Um estrondo varou a noite do sertão do Seridó. Parecia que o fim do mundo se aproximava, contrapondo a calmaria do povoado naquele início de noite. O céu estrelado era bordado em brilho colorido por fogos de artifício de todas as cores. A museóloga

e o cardeal admiravam, das cadeiras de balanço na calçada da pensão, aquele notável espetáculo. Numa esquina próxima, Paula observava os dois e se aproximava. Ela era o anjo novamente em ação, aquele que protegeu o marinheiro, agora, protegeria Santiago, e que protegeu desde José de Arimatéia todos os seus descendentes, que por ele veneraram o sangue do Senhor. Os fogos cessaram quando Paula já estava em frente de Cora e do cardeal.

— Boa noite! — Disse o anjo guardião, chamando atenção dos dois que ainda olhavam as últimas fagulhas despencarem do céu.

— Boa noite! — Responderam, ao mesmo tempo, a doutora Cora e o cardeal.

— Tenho algo a dizer a vocês, doutora Cora e cardeal Antônio dos Anjos! — Replicou o anjo, exibindo uma áurea luminosa, transparente, que envolveu o cardeal e a museóloga.

— A moça nos conhece? Como sabe o nosso nome? — Perguntou Cora, surpresa.

— Sou amiga do professor Santiago. Meu nome é Paula. Ele está esperando vocês na igreja de pedra. — Falou, se apresentando.

O nome do professor falado por Paula fez a doutora Cora e o cardeal levantarem sobressaltados. Não sabiam dele há tempos, desde a viagem da América, e tinham quase certeza de que ele tinha vazado a informação do paradeiro do cálice a Dom Valentim de Canto. Não conheciam aquela mulher, mas ela tinha algo bom, transmitia serenidade, confiança. Tinham deixado recados para Santiago indicando onde estariam por isso não estranharam Paula interceptá-los. O Seridó era mesmo cheio de surpresas como essa. Não imaginavam, a partir dali, o que poderia acontecer, já

que o professor provavelmente estaria mancomunado com Dom Valentim. Estavam prontos para acompanhar Paula e desvendar os mistérios do professor Santiago.

Dois cavalos trotavam numa estreita estrada de terra à luz do luar do Seridó. Uma lua crescente, quase cheia, iluminava uma chuva fina, quase impermeável ao pó da estrada, caindo. A lua apagou-se por instantes e as estrelas também. Dom Valentim e Dionísio ocupavam as montarias que se aproximavam da entrada da mina onde duas sentinelas vigiavam de uma guarita, um portão de chapa de ferro enferrujado, trancado. Era comum alguém do povoado ir de montaria deixar merenda aos guardas do portão. Os dois se aproximaram da guarita sem serem incomodados e, disfarçado pela fraca luz do abrigo, Dionísio silenciou as sentinelas com um gesto, antes que pudessem esboçar qualquer reação. Dom Valentim, sorrindo, disse querer para si aquelas duas almas, enquanto erguia os braços e o portão enferrujado abria ao meio, mostrando a solidão da mina num filete de luzes fracas penduradas em fios que davam a dimensão do túnel. Ele se aproximou do mordomo quieto, sem expressão, parecendo saborear o fim dos dois. Ele rodeou o mordomo quase beijando sua nuca. Pôs-se a sua frente e segurou suas mãos, beijou-as, depois colou seus lábios suavemente nos do mordomo, sussurrando: “Somos um só num beijo de anjos”. E tornaram-se um só, Dionísio, diante da boca lúgubre da mina abandonada. Formavam agora um só corpo.

CAPÍTULO IX

AS MINAS DE SCHEELITA / A LUTA DOS ANJOS

A entrada da mina era bem grande aos olhos de quem chegava. O piso bem plano de terra batida formava o círculo que era o centro de uma galeria de túneis escuros, abandonados. Parecia um desenho de um sol feito na areia por uma criança. Um círculo com traços saindo do centro simulando os raios, ou um polvo gigante de tentáculos longos, ou uma aranha, era como se os túneis fossem tentáculos a partir daquele salão, que poderiam ganhar vida. O teto era côncavo e alto, exibindo pendurada num fio uma luz fraca enroscada num bocal marrom. A gruta cavada na pedra expunha no fundo o oratório de São Francisco de Assis e, do lado onde deveria estar o Santo Graal, havia uma flor de pétalas derreadas. Não era aquilo que Dionísio queria encontrar. Ele aproximou-se do oratório e observou o santo, que necessitava de uma restauração. A rosa estava deitada na sapata de pedra onde, segundo João da Silva, estaria o cálice. Ele não estava lá. Seu próximo reinado de escuridão estava ameaçado.

Na boca de um dos túneis, que parecia um tentáculo oco, triste, o qual levava, até onde a vista dava, aquela tira de luzes fracas, penduradas em fios, que se perdiam terra adentro, Santiago observava Dionísio, o Lúcifer, o anjo vaidoso.

Eram dois em um corpo, criador e criatura, Lúcifer e seu fiel modelo. Mas apenas um sugava o poder do outro. Ele queria ter um trono acima das estrelas, acima do Criador, e ser semelhante a ele. Era o mais formoso dos anjos, e também o mais forte, e poderia ter seu reinado. Arrebatou um pequeno exército de anjos e, investindo contra Deus, foi expulso junto com seu pequeno exército de caídos. Sua função na terra, desde a criação, era arrebatador de almas para o escuro. Queria o Santo Graal para si, ele poderia parar Dionísio, sua criação, o guardião não sabia como pará-lo, nem mesmo o arcanjo Miguel sabia, mas ele, Lúcifer, sabia, pois estava lá sem ser visto quando Deus ditou o pergaminho ao seu filho ressuscitado.

O professor Santiago nunca imaginou ser o guardião do Santo Graal, aquele que venerou o sangue e limpou as feridas, mesmo em outro tempo. Começava a entender tudo. Agora que sabia do seu destino, entendia a insistência de Dionísio, que cruzava sua vida e o deixava sem forças. Foi despertado por um anjo, e sua alma pôde reviver o começo de tudo. Era o mais puro descendente de José de Arimatéia e precisava proteger o Santo Graal e ser protegido do mal ali diante dos seus olhos. Paula se dizia um anjo e sabia que ela era, pois o fez reviver suas outras “vidas seguidas de vida” para perceber que Dionísio era de fato seu irmão, como às vezes dizia. Um irmão nascido do mesmo ventre, mas instigado pelo mal, que não nutria amor de irmão, já que não fora concebido para isso, mas apenas para perseguir e tentar roubar a força do sangue do filho de Deus, que podia trazer poder ao seu criador.

Aquele demônio traidor que estava ali de costas, de frente ao oratório, não se conformava, junto com seu exército de anjos caídos, de terem sido expulsos do paraíso. Ele era o escuro que vivia em surdina escutando os desígnios do criador, que ludibriava o homem convertendo sua alma em pó salgado, jogando crenças

falsas que os afastava de Deus, que corrompia e perseguia os fracos de fé, geração a geração. O cálice representava o sangue, a vida, o que guardou a água que lavou as feridas dos espinhos. Tinha poderes que seriam úteis se o conseguisse para si.

Paula surge do fundo do túnel, nas costas de Santiago, e também fica a observar Dionísio, quieto, diante do oratório. Ela se aproximou lentamente por trás e sussurrou no ouvido do professor: “Eu sou Miguel, um anjo mandado por Deus pra te proteger se preciso fosse. É chegada a hora em que o pior mostra uma das suas faces”. Depois, segura suas mãos e beija suavemente seus lábios. E, num beijo de anjos, resta apenas um, o Santiago. Eles também eram dois em um corpo, tornando-se um só. O anjo Miguel, travestido de Paula, e o corpo de Santiago, o guardião do Santo Graal. Ao unirem os corpos, o professor Santiago revisita sua criação. A visão do Senhor, num pôr de sol violáceo, dando vida seguida de vida ao seu primeiro descendente, aquele que limpou as feridas do seu filho. Aquilo lhe dava segurança, força e fazia perceber a responsabilidade que o Senhor do universo tinha imposto a ele. Assim, sua áurea voltou, exibindo um brilho que se assemelhava ao sol do sertão, clareando a galeria úmida.

— Decepcionado, Lúcifer? — Perguntou um professor Santiago em outro estágio da vida, de anjo guardião. Aquele a quem “o pai deu vida seguida de vida”.

— Há!... Você?... Parece que descobriu quem é, professor? — Perguntou Lúcifer, disfarçado em Dionísio depois da surpresa — e continuou — Só pode ter sido aquele anjo maldito! Ele se intromete sempre entre nós dois. Estou vendo ele dentro de você! Posso ver isso, você sabe! E pensar que um dia fomos amigos, Miguel! — Concluiu rispidamente.

— É! Descobri muita coisa desde que você me dominou em Washington. E nunca fui seu amigo, traidor. Sei por que me persegue! — Replicou Santiago, calmamente.

Lúcifer, no corpo de Dionísio, o olhava profundamente. Sabia ele que o anjo Miguel era um dos mais fortes criados por Deus. Caso entrassem em luta, não havia nenhuma garantia de vitória, pois o conhecia desde a criação e sabia o quão era astuto e poderoso. Não era inteligente travar uma luta espiritual, bruta, só queria pôr as mãos no Santo Graal e virar fumaça à procura do escuro, para o seu novo reino. O cálice não estava ali e certamente ele o tinha pegado, e estava ali esperando-o para mandá-lo de volta para o império das trevas junto com seus anjos caídos. Fugiria dele, mesmo diante de um confronto. Era ciente de que o abelhudo do Miguel tentaria acordar o professor da sua letargia, mas não achou que fosse tão rapidamente. — Ele estava imberbe em mim, bem escondido. Tinha que ganhar tempo, persuadi-lo, como o demônio faz pra angariar almas, pensava Dionísio, ainda desatinado pela surpresa.

— Não diga isso. Cada um deve ter seu tempo, não acha anjinho? Eu sou seu perseguidor e seu irmão malvado e chegou minha hora de ter o poder do cálice, meu reinado! Você não precisa dele. Até a pouco nem sabia que ele era real. Não seja injusto, Miguel! Dê-me uma chance, eu estou mudado. — Insistiu um Dionísio cínico, se aproximando de Santiago.

— A quem tenta convencer, demônio? Sou um anjo da confiança de Deus. O traidor que queria construir seu trono acima de Deus, que recusou louvar o homem, sua imagem e semelhança, é você! É cruel, Lúcifer! Enganador. Nada pra você

é injusto. — Rebateu Santiago, numa radiação de confiança que iluminou a penumbra da mina.

— Cruel? Eu, cruel? Ele tinha que ficar com tudo, ser o bonzinho. A mim, um belo querubim, cabia cumprir ordens, obedecer? Que crueldade a minha! Sou a perfeição, e ele não me fez seu semelhante. Isso não foi justo comigo... Onde está o cálice? Ele não deveria estar aqui? — Perguntou frente ao guardião, parecendo esgotar os argumentos.

— Não o tocarás! Não és digno de tocá-lo. Você me perseguiu durante séculos e nada conseguiu. Não será dessa vez que você terá sucesso. — Respondeu o guardião, encarando um Dionísio que mostrava as veias da fronte latejantes.

— Não defendas quem não merece! — Gritou Dionísio. E continuou tentando se acalmar. — Veja você! Um simples professorzinho universitário. Sem graça, sem bens, sem família, sem tudo! E ele? Ele reina, cria e castiga quem o convém, incluindo seus fiéis “vassalos”, como você, que não tem nada. Manda esse arcanjo pra fora do seu corpo. Manda esse arcanjo pra fora de você. Pode fazer isso! Você vai ter poder. Não vai ser mandado por ele, que pode tudo, e você nada! Vamos dividir um novo reinado. — Recitou um Lúcifer sombrio, tentando sair do confronto com sua persuasão, típica de demônios.

O corpo de Santiago se diluiu envolto numa espiral de névoa que se movimentava rápido, como um olho de furacão, envolvendo o mordomo, que também se diluiu em névoa escura, acompanhando o rodopiar violento. A partir daí, surgiu uma briga de massas cintiladas com suas formas disformes nas galerias úmidas e quentes da mina. Miguel e Lúcifer, nos corpos do guardião e do seu perseguidor. Uma briga de anjos, do bem contra o mal. O anjo de Deus e o anjo rebelado. Aquela massa

uniforme mergulhava com a velocidade supersônica nos vácuos dos túneis, fazendo soar um rosnado assustador. Era uma briga de gigantes nas entranhas da terra seca. Não era uma briga de espadas, de dragões, de labaredas, era um funil de névoa engolindo outro. Nessa assustadora contenda, Lúcifer tentou separar o anjo Miguel do corpo de Santiago, pois só assim poderia enfraquecer o professor. Tinha como deter Miguel por um curto tempo, afinal também era poderoso, ou não teria enfrentado Deus.

Na superfície, em cima da colina, na porta da igreja de pedra, Cora segurava um farol, olhando o caminho ladeado com a cerca de pedra, à espera de Santiago. O cardeal do seu lado não dizia nada. Vieram com Paula para a igreja a pedido de Santiago e com a esperança de esclarecer dúvidas. Queriam o Cálice Sagrado! A fina chuva que mais cedo caía cessou, mas deixou uma série de raios que rasgavam o céu escuro do Seridó, deixando ser vista em flashes, ao longe no pé da colina, a casa de tijolos vermelhos da fazenda que um dia foi do marinheiro Dantas, aquela que um dia abrigou o Santo Graal. As serras ao redor pareciam mover-se no espaço entre um raio e outro, desnudando uma caatinga fúlgida.

O estrondo foi assustador. A doutora Cora e o cardeal jamais imaginaram que fossem chegar ao sertão brasileiro para que seus olhos presenciassem tamanho espetáculo de medo. Assistiam da porta da igreja de pedra, aos túneis da mina desabarem em efeito dominó, com a terra em movimento soterrando as galerias, com fogo e com explosões que se seguiram depois do estrondo ocupar as valas abertas, transformando as galerias da mina abandonada cheia de explosivos num verdadeiro inferno de fogo que arde e barulho que corrói.

Uma briga de anjos provocava o desmoronamento. A energia gerada diluía tudo. Eram como raízes de fogo que desabavam naquela galeria enterrada, fazendo a noite parecer um inferno. A

lua e as estrelas não mereciam aquilo. No alto, a igreja de pedra tornava-se um refúgio seguro de onde se tinha uma visão privilegiada, pois era um lugar que não sofreu escavação no seu subsolo porque, apesar de ser rico em scheelita, foi respeitado pelos garimpeiros católicos. Uma calma veio para os ouvidos, mas não para os olhos, que viam, talvez, uma prévia do apocalipse ao testemunharem a catástrofe colina abaixo.

Um forte barulho dentro da igreja fez o cardeal e a doutora Cora sentirem medo. Estavam em terras desconhecidas e coisas aconteciam. Uivos e gemidos também podiam ser ouvidos. Era assustador. Não sabiam mais por que estavam ali. Não sabiam de Santiago, que não foi ao encontro. Era como um pesadelo. Não podiam acreditar que o Santo Graal estava soterrado em areia quente, e olharam tudo aquilo ainda com esperança. Os dois juntos caminharam os poucos metros que os separavam da porta da igreja de pedra. A luz do farol, um braço à frente, iluminava pouco. Os raios tinham parado de cair, mas o céu continuava escuro, carrancudo. A doutora Cora empurrou devagar a porta da igreja e adentrou, segurando, em uma das mãos, a mão do cardeal, e, na outra, um lampião. Não se ouvia mais uivos nem gemidos. O altar de São Francisco estava ali, inteiro, iluminado agora pela luz do lampião erguido a sua frente. Ali também estava Santiago, aparecido como num passe de mágica.

Foi um grande susto ver seu Santiago de pé do lado do altar, apesar de o estar esperando. A luz do lampião era fraca, mas dava para perceber que ele estava do mesmo jeito de quando o viu da última vez. Ela olhou aquele que povoava seus sonhos desde a adolescência, desde que se conheceram e se tornaram companheiros, e lembrou-se de momentos que delinearam juntos, na universidade, os dois saindo da adolescência e entrando na vida adulta, tendo

que fazer escolhas, optar, dentre um turbilhão de hormônios que os instigavam, por um caminho a seguir. Eram, na época, conscientes do que queriam, mas o mundo estava fervendo. Os *Beatles* eram a sensação do momento e o surgimento do feminismo dava ênfase a uma mudança de comportamento. Drogas, sexo e *rock n' roll* era o lema. A Guerra Fria e a Guerra do Vietnã eram assuntos constantes e davam medo, levando à contracultura liderada pelo movimento *hippie*, que ganhava força mundo afora. A igreja católica abria, na figura do papa João XXIII, o concílio Vaticano II. Era uma chuva de novidades que impactavam e davam movimento ao homem e ao seu meio. Foi uma época produtiva em todos os sentidos, passando em revista comportamentos e visão moral. Mas tinham resistido.

Santiago veio, devagar, se aproximando dela e do cardeal, e eles perceberam, mesmo na penumbra do interior da igreja de pedra, uma lágrima no rosto do professor. Ele se aproximou e pegou a mão de uma Cora calada, esperando uma explicação.

— Estou de volta! — Disse Santiago diante deles. Sua voz soou diferente aos ouvidos dos dois. Mais grave!

— Onde estava? Você está bem? — Perguntou Cora, se aproximando mais.

— Estou sim. Estava em Londres, mas estou aqui. Como vai cardeal? — Disse Santiago, sem encarar o religioso.

— Você não é o professor Santiago! Eu conheço essa voz.

— Gritou o cardeal, segurando o crucifixo pendurado ao pescoço. — Nem essa lágrima que escorre na sua face me engana!

A transformação diante dos olhos dos dois, na penumbra do interior daquela igrejinha cheia de janelas encravada no sertão do Brasil, os deixava estupefatos. Aquele não era mesmo Santiago. O cardeal já escutara antes a voz do anjo das trevas, e estava vendo ele

na sua frente, transformado agora na figura do belo Dionísio. Era o demônio tentando enganar. Nas galés que desabavam, livrou-se de Miguel, pois tinha artimanhas como tem o mal. Foi à igreja de pedra à procura do Santo Graal, seu instinto dizia que ele estava ali, mas não pensou em encontrar Cora e o cardeal. Seu disfarce não deu certo, pois aquele velho religioso já trabalhara contra as forças do mal e o reconheceu.

Do lado de fora da igreja de pedra, o anjo guardião pousava. Era magnífico, pois as nuvens escuras tinham dado espaço à lua crescente, e as estrelas brilhantes no céu adornavam aquela cena. Ele pousava devagar, recolhendo suas asas enormes. Tudo era visto de dentro da igreja, através da porta larga, aberta. A doutora Cora e o cardeal já estavam se acostumando com tais surpresas. Contavam com elas. Era Santiago que pousava batendo um enorme par de asas, era lindo aquele anjo que irradiava luz e adentrava a igreja de pedra. Aos olhos de muitos humanos, aquela cena era algo sobrenatural, incomum, mas aos olhos da museóloga e do cardeal, que sabiam da força do cálice, era esperada. Estavam ali, entre dois extremos, percebeu de pronto o cardeal, ao lembrar-se do pergaminho achado na capa do livro, que Cora e Santiago, “pediram emprestado” na igreja de São Jose. Estavam entre o guardião e o perseguidor. Aquele era o Dionísio. A doutora Cora começava a entender a contenda entre os anjos. O cardeal lhe lembrou dos dizeres do pergaminho.

O lindo céu estrelado do sertão era acostumado a ser iluminado com fogos de artifício. Aquela região tinha um povo alegre e comemorava tudo, uma gente feliz, festeira. Agora, uma diferente luz riscava, como uma grande tocha dourada, o ar vazio, de estrelas e lua bem perto. Eram dois anjos travados numa luta imortal. Mais abaixo, no expandir-se da colina, a visão assustadora da mina destruída, em labaredas, era pequena para a briga dos anjos. Era o bem

contra o mal. Tudo era observado pela doutora Cora e pelo cardeal, ainda embebidos na surpresa de descobrirem quem era Santiago. Dom Valentim de Canto estava por trás de tudo aquilo, sabiam, e começavam a encaixar as peças, a conseguir dar respostas a tantas perguntas. Tinham tido muita sorte desde que Santiago encontrou a mensagem do padre Juan do Monte e sabiam estar próximos ao Santo Graal. Como dizia o pergaminho, “o inimigo se fez presente e deu vida de um mesmo pai e mãe o seu irmão”. Estavam os dois ali, riscando o céu, como velozes espadachins voadores.

Não era simplesmente uma briga de anjos de grandes asas no céu estrelado do sertão, era, para uma estudiosa de assunto pertinente e para um religioso velho, que já se deparara com o mal em outras ocasiões e que quase tinha sido vencido por ele, um presente divino. Tinham fé e não imaginavam que a busca que queriam pelo cálice fosse se tornar tão real e tão angustiante. Agora percebiam que o professor Santiago não havia encontrado aquela mensagem à toa, era chegada a hora de um teste de força entre a luz e as trevas, uma renovação da fé numa batalha programada pelo que chamam de destino, e o cálice era a peça cobiçada. Era a sabedoria do criador colocando em teste asua criação.

A tocha dourada subiu como se fosse realmente para o céu, uma zelação em sentido contrário, desaparecendo aos olhos esbugalhados dos dois, e, mesmo antes de respirarem fundo, as sombras das grandes asas de Santiago escureceram o chão clareado pela lua em frente à igreja de pedra. Ele pousou lentamente, numa visão única para Cora e o cardeal Antônio dos Anjos, e, ao posar e recolher as asas, separou-se de seu anjo protetor, que se tornou Paula.

Os quatro ficaram frente a frente diante da igreja de pedra. Depois de algum tempo, o reencontro entre ele e Cora era inesperado por ela daquela forma. Não sabia o que dizer ou mesmo o

que pensar. Tinha sentimentos por ele que nutria desde a adolescência, e uma confusão de pensamentos se fazia presente agora diante dele, um lindo guardião. Aquilo tudo era confuso. Jamais poderia imaginar que seu amigo Santiago, que conhecia desde a adolescência, que trouxe para ela a mensagem enviada do navio Santa Inês, fazia parte daquela estória daquela maneira. Era tudo muito novo, muito repentino, estarrecedor. Ele se aproximou devagar, e ela percebeu no semblante dele, apesar da penumbra da noite sertaneja, um brilho incomum aos mortais. Era muito confuso. Ele realmente era um anjo de Deus.

— Como estão vocês? Tenho muito que explicar, mas não agora. Ele vai voltar! Desculpe Cora, não sabia de nada disso. Desculpe-me, Eminência. Vocês têm que sair daqui! — Disse Santiago, olhando nos olhos de Cora.

— Compreendo. — Disse Cora quase que mecanicamente, sem conseguir tirar os olhos dele. — E quem é ele? — Perguntou sem se mover.

— Ele é Lúcifer. Está aqui na pessoa de Dom Valentim de Canto. Frei Nelson Marques o despertou quando lhe falou do naufrágio do navio Santa Inês — Disse Paula, que estava um pouco recuada. E continuou. — O guardião tem razão, vocês não podem ficar aqui!

— O Nelson? Então ele nos traiu? — Perguntou o cardeal para uma Cora boquiaberta com a afirmação de Paula.

— Tinha que acontecer. Ele foi enviado por Deus para essa função. A pena dele já foi dada justamente. Sua matéria já não existe mais, e sua alma já está entre os caídos. Agora vocês tem que sair daqui. É perigoso. — Insistiu Paula, benevolente.

— Li o pergaminho. — Disse o cardeal, fazendo saber que estava a par do que ocorria. — Cora também leu. Sabemos o que está acontecendo.

Quando o cardeal falou do pergaminho, Paula deu uns passos em sua direção, chegando a ele como o arcanjo Miguel. Aquela transformação às vistas dos dois coroava aquela jornada. Santiago já não estava mais em Lisboa quando o cardeal encontrou o pergaminho, por isso não sabia dele, mas seu arcanjo protetor sabia. O arcanjo não precisou apresentar-se, a espada em punho e as belas asas douradas já lhe davam nome aos olhos treinados dos católicos. Era lindo! Não comparado com qualquer tela ou escultura já vista por ela nos museus do mundo. Era sublime. O cardeal tentou toca-lhe a mão, mas foi repellido. Explicou rapidamente que tinha encontrado o pergaminho na capa do livro trazido da Igreja de São José, e percebeu que o arcanjo Miguel sabia do pergaminho, mas não o que estava escrito nele por completo.

Prontamente, como se guiado pelos cativantes olhos do arcanjo, o cardeal recitou o que leu no pergaminho: “O pai deu vida, seguida de vida, e poder àquele que venerou meu sangue, porém, o inimigo se fez presente e deu vida de um mesmo pai e mãe ao seu irmão, seu perseguidor...”.

Um estrondo seguido de um raio atingiu o arcanjo Miguel. Lúcifer estava de volta. Miguel estava enfraquecido e precisava do corpo de Santiago para fortalecer-se. Ele, Santiago, era o guardião, era o poder sobre aquele tema. E o mal era ardiloso, sempre competente, quando queria. O cardeal e a doutora Cora foram jogados para o lado pela explosão. Santiago não foi atingido, mas também tombou como se fosse um irmão gêmeo que sente o mesmo que o outro. Lúcifer pousou e recolheu suas enormes asas negras.

Caminhou a passos largos olhando Miguel e o guardião estendidos, desacordados, ignorando Cora e o cardeal, e entrou na igreja de pedra. Era novamente, aos olhos dos dois, uma irônica visão dos céus. Era um Dionísio que recolhia suas enormes asas negras, lindo, o que fazia jus à sua desgraça diante do criador, que por ser belo demais, deixou-se imbuir-se na vaidade. Estavam novamente entre dois gigantes com um só objetivo, o poder do cálice.

As labaredas de fogo saíam pelas janelas e portas da igreja de pedra enquanto o anjo de asas negras penetrava a passos largos no seu vão principal, à procura do Cálice. Aquela obra de pedra feita pelo homem, mesmo sendo a casa do Senhor, não era capaz de resistir à energia do anjo Lúcifer, explodindo com tamanho poder. Viam ali, a museóloga e o cardeal, que o demônio se apresentava de várias formas, dependendo do seu tempo, do contexto. Ele existia expondo tridentes, chifres, labaredas, caninos enormes, elegância e outras formas de assustar ou seduzir, mas ali, num embate digno dos céus, não se via o material, e sim o espírito imortal de servidores de um Deus, que foi justo ao dar espaço a cada um deles, estando hoje em lados opostos. Era o equilíbrio que movia as certezas e incertezas dos mortais e dava movimento à fé, ou à falta dela.

CAPÍTULO X

O CÁLICE

Sempre se ouviu falar do bem e do mal desde a criação, do Éden, da serpente que tentou Adão e Eva, e, ali, diante dos olhos dos dois, estava o equilíbrio entre essas forças, que não se intimidavam, diante uma da outra. Parecia que estava tudo agendado para aquela noite, para aquela hora, naquele lugar ressequido, onde os mortais que ali viviam eram imersos nesse equilíbrio, como todo mortal, mas não imaginavam que no seu chão se mediavam essas duas potências trazendo aos olhos dos dois uma afirmação da existência, do oculto e do visto no dia a dia do ser humano, sem que sua sensibilidade percebesse. Era o esplêndido, uma epifania que não entendiam por que tinham tido a graça de presenciar, de participar. Os olhos do cardeal Antônio dos Anjos marejavam de lágrimas. Durante toda sua vida religiosa, pregando desde o início do sacerdócio, tinha ouvido todo tipo de relato em confissão. Coisas que até Deus duvidava, como se diz, e o que concluiu vendo o embate que jamais pensou ver foi que aquele embate era diário na vida dos seus rebanhos por onde passou. Não existiam só os totalmente bons, como também era peculiar do mal procurar o arrependimento. Eram as duas forças invadindo o espaço uma da outra, que agora via na imagem do arcanjo Miguel, com suas

belas asas douradas, e do Anjo de asas negras, querendo cada um cumprir uma missão. Era como se visse o confessorário: aquele que fez a maldade se arrependendo, e o bom que triunfava, e assim seguia o equilíbrio dado pelo criador, quebrado ou não pela falta de fé, pela invasão dessas forças nos corações dos mortais.

A doutora Cora estava com a cabeça a mil, confusa. Era o seu amigo Santiago que estava ali, um guardião a mando do Senhor. Era tudo que não esperava. Lembrava-se dele quando chegou à universidade, não parecia um anjo. Era tudo muito estranho, incomum. Tinha um sentimento especial por ele desde aquele tempo. Não sabia agora, ou talvez soubesse e não quisesse aceitar, que tinha perdido seu amor de adolescência. Tinha feito planos para depois que encontrassem o Santo Graal, pensava em planejarem, juntos, uma expedição à procura do restante do tesouro que naufragou com o padre Pierre Legam, a bordo do navio Santa Inês. Eram peças raras que estavam no fundo do mar turquesa do nordeste do Brasil, que mereciam ser recuperadas, e contava com Santiago como companheiro de expedição. Agora via aquele arcanjo de asas douradas que a olhava, mesmo no meio da contenda, com um olhar que não era o de antes. Era seu lindo homem que se renovava na pele de um arcanjo, ainda mais lindo, numa batalha de iguais que jamais pensou fazer parte. Era cruel o sentimento de desgosto, de perda, sentia um nó na garganta. Sentia que não teria mais seu Santiago e sofria por estar sendo egoísta, por estar com ciúmes do Divino, do criador a quem ele pertencia.

As grandes asas de Santiago tiraram-na do devaneio. À sua frente, via a igreja desintegrando diante do poder de um anjo mau. O cardeal via tudo encostado numa pedra, era velho para uma

aventura tão densa e tão compensadora. O arcanjo Miguel tinha acordado do choque causado pelo perseguidor e protegia novamente o corpo do guardião. À medida que aquele belo anjo batia as asas douradas acima das labaredas, a igreja ia se recompondo como efeito dominó, até desnudar um Dionísio lívido saindo da igreja, já refeita pelo soprar das asas do arcanjo do bem. O Santo Graal também não estava na igreja, como pensou o anjo de asas negras, e ele dissolveu no ar como uma névoa escura serpenteando à luz da lua brilhante.

— Ele vai voltar. Está enfraquecido, mas vai voltar. — Disse Santiago, ajudando o cardeal a levantar-se. Recolheu as asas, separando-se do arcanjo Miguel, que voou se posicionando em cima da imponente cerca de pedras escuras.

— Onde está o cálice? — Perguntou Cora, se aproximando de Santiago.

O arcanjo observou como uma sentinela. Estava cumprindo um dos seus desígnios.

— Vem, antes que ele volte! — Exclamou Santiago, segurando a mão de Cora.

O belo guardião a levou pela mão na direção da cerca de pedra. Não era capaz de exprimir em palavras o que sentia com aquele toque de mão. Outras vezes tocou aquelas mãos, mas eram comuns. Hoje era algo jamais sentido, um renovar intenso que de repente aliviava seus maus pensamentos, seu egoísmo. O poder de Deus estava naquele toque. O cardeal os seguia calado, ainda processando os fatos. Pousado em cima da cerca de Pedra, o arcanjo Miguel os esperava imponente com suas asas douradas e a espada na

cinta. Guardava aquele momento que entendia ter que existir, e que, desde a escrita do pergaminho, nenhum mortal tinha presenciado. Os que um dia viram o cálice, e foram poucos, não sabiam o que ele representava. Era para eles uma visão celestial perceber aquele arcanjo, belo, aureado por luz. Uma odisseia da fé naquele sertão sofrido e de boa gente. No meio da imponente cerca de pedra, tinha uma gruta enfeitada de pedras azuis, verdes e cristais brancos e rosa. Essas pedras coloridas formavam, no fundo da pequena gruta, a imagem de Nossa Senhora de Lourdes. Era uma gruta linda no meio das pedras negras e bem arrumadas da cerca. Lá estava depositado o cálice. O guardião o tirou do fundo da mina e o depositou ali, por saber que o mal se aproximava. Graças ao arcanjo Miguel, tinha chegado a tempo. Cora se aproximou levada por Santiago, seguida pelo cardeal. Era o fim da busca.

O arcanjo, na sua imponência, observava o contentamento de Cora e do cardeal, ainda posado em cima da imponente cerca de pedras negras. O cálice existia sim! Não era lenda, e estava ali dentro daquela gruta aberta nas pedras da cerca num sertão que, nessa noite, era o centro do universo. O cálice brilhava com a aproximação de Santiago, seu guardião, que ganhou do pai “vida seguida de vida”, para protegê-lo quando ameaçado. A doutora Cora tinha agora o Santo Graal ao alcance das mãos, que sentia tremerem. Perguntava-se se era merecedora dessa passagem, de participar desse fato, de algo tão sagrado, tão criativo e esperado. Via Santiago transformado em alguém que fazia parte daquela estória, agora diferente. Percebia que ele tinha entendido sua missão, parecia que uma memória perdida de um guardião perdido no tempo tinha sido recuperada. Teve sentimentos por ele e já não sabia como terminaria suas estórias, estava lívida.

O arcanjo Miguel abriu suas enormes asas douradas, pulou do cimo da cerca e se pôs a frente de Cora quando ela aproximou-se da gruta e tentou tocar o Santo Graal. Ela não poderia tocá-lo, nem levá-lo, como era seu desejo. Não foram necessárias palavras para que entendesse que ali era o fim da jornada. Aquele cálice não era uma obra de museu, e sim uma peça de esperança, de reafirmação do bem, da fé daqueles que acreditavam. Uma fina chuva borrava a lua que iluminava aquele pedaço de sertão tão carente dela. Era uma região de poucas chuvas, sempre esperadas dia após dia, mês após mês, ano seguido de ano, que parecia agora coroar aquele momento único. O cálice, que antes brilhava, apagou-se, parecia que todos sabiam que era chegada a hora de ir. A doutora Cora não se contentava com aquilo, mas sentia necessidade de aceitar não levar o Santo Graal para o Vaticano, nem de tocá-lo. Era como se o poder daqueles que o guardavam a fizesse entender que nem tudo se podia ter.

Sabia que seria a maior descoberta de todos os tempos. Encontrar o cálice com as digitais de Cristo, o mesmo em que foi servido vinho para ele, era tudo que qualquer um que trabalhasse com arte queria. As glórias que teve na sua vida de garimpeira de relíquias se tornavam coadjuvantes diante da maior delas, encontrar o Santo Graal. Mas percebia diante da cena que era impossível tê-lo e estava conformada. Tinha certeza de que não se conformaria diante de outra obra, iria querê-la como sempre quis, porém pensava que o cálice estava além do seu alcance e se conformava, aceitava uma aceitação de alguém confortável, que se via num mundo paralelo, onde é possível perder. Nunca mais esqueceria aquela noite, nunca mais correria da chuva fina e sempre observaria a lua depois daquela noite. Era como se ela fosse testemunha daquele embate entre a luz e as trevas, tinha certeza

de que, mesmo longe dali, daquele sertão em terras desconhecidas, observaria a lua como se estivesse ali, indo e voltando, dando àquela madrugada ares e cores do dia da criação.

Um barulho ensurdecador quebrou o silêncio. O que se via era a volta do anjo negro bem mais poderoso investindo contra o guardião. Era um Dionísio mais forte, mais belo e com certeza mais confiante. O arcanjo Miguel bloqueava com sua espada as investidas contra Santiago, que tentava proteger o cálice de suas vistas. A chuva ficava mais forte e novamente uma batalha de gigantes se travava entre o arcanjo Miguel e Lúcifer. Dessa vez, Santiago, o guardião, também observava a briga entre o bem e o mal. Cora e o cardeal estavam se acostumando com tais contendas. Jamais imaginaram que viveriam momentos como aqueles em suas existências. Seriam testemunhas de uma prova, que entendiam programada pelo criador num exercício de fé.

O arcanjo Miguel cresceu e envolveu o anjo negro com suas enormes e douradas asas, agora mais brilhantes, devido aos pingos da chuva. Ele olhou o cardeal amedrontado, encolhido no pé da cerca de pedra segurando a mão de Cora, e o velho religioso pareceu entender, no olhar do arcanjo, que precisaria terminar de recitar o pergaminho e gritou com força o que faltava ser dito: “Transferindo-lhe seu maléfico poder e lhe dando por nome Dionísio”. “Só o banho do sangue derramado destruirá seu algoz”. O anjo negro explodiu entre as asas do arcanjo, ganhando o espaço. Suas asas negras reluziam debaixo da chuva fina. Ele pousou e caminhou sobre a cerca de pedra em direção a Santiago. Começou a explodir a cerca de pedra a cada gesto que praticava, fazendo voar, pelo espaço chuvoso de água, uma chuva das pedras negras que compunham as cercas. O arcanjo Miguel abriu suas asas, protegendo o cardeal e a doutora Cora atrás delas. Ao mesmo

tempo, desferiu um golpe com sua espada e, com precisão de um anjo guerreiro, cortou levemente o peito de Santiago.

As gotas do sangue do guardião escorriam na água da chuva, tingindo de vermelho os pingos, como se fossem serpentinhas de sangue caindo do céu, e, com elas, uma claridade cintilada pelos anjos tornava mais visível e inebriante aquela cena. Quando a chuva vermelha do sangue do guardião caiu sobre as asas de Lúcifer, cumpriu-se o que o pergaminho dizia: “Só o banho do sangue derramado destruirá seu algoz”. Tudo silenciou... A chuva cessou, e o sangue era novamente água e apenas Cora e o cardeal continuavam agachados rodeados dos escombros da cerca. Os outros tinham sumido. O sol despontou tímido, tornando brilhante a chuva fina que atravessava os raios fracos. Era o dia amanhecendo.

Lisboa (um mês depois)

A doutora Cora atravessava o salão da igreja de Santo Ovídio apressadamente. O coral ensaiava um canto alegre. Encontrou o cardeal Antônio dos Anjos no seu gabinete, debruçado sobre papéis e livros. Tinham voltado do Brasil no dia seguinte aos acontecimentos angelicais. Saíram do sertão como chegaram, de helicóptero. Todos na região do Seridó potiguar pensavam que as explosões e os danos causados tinham sido por causa dos explosivos guardados na mina pelos militares. Estavam agora à procura de algumas respostas sobre o que tinha acontecido com Santiago, Miguel, Dionísio, seu tutor Dom Valentim e frei Nelson Marques. Onde estavam? Tentavam desvendar tal mistério desde que chegaram da América do Sul. Estiveram no Castelo de Canto à procura de vestígios, de algo que pudesse levar a alguma resposta, mas nada foi encontrado a não ser um castelo mal assombrado, coberto de poeira e teias de aranha, como se já não fosse habitado há

décadas. Era tudo muito estranho, pois sabiam que Dom Valentim de Canto habitara aquele castelo até pouco tempo. Sabiam, agora, que ele era Lúcifer, o anjo que se rebelou contra Deus. O que se sabia a seu respeito era verdade, uma verdade escondida por um propósito milenar, o propósito de disseminar o oposto às virtudes do criador, desde a maçã no paraíso. Era ele que angariava almas pesadas, sem arrependimento, para as profundezas. Lúcifer tinha em Dionísio o perseguidor do descendente de José de Arimatéia, seu trunfo, o fazendo irmão gêmeo de quem poderia um dia encontrar o Santo Graal, por saber que Deus tinha lhe aferido poder e por querer provocá-lo. Era do seu feitio provocar o Criador.

A decepção que o cardeal Antônio dos Anjos tivera com o seu acompanhante frei Nelson Marques não era maior que sua curiosidade em saber o que acontecera com o religioso, que ficara na pensão na noite da briga dos anjos, e não estava mais lá quando voltaram. Tinham ouvido do arcanjo Miguel que sua traição tinha um propósito e que o seu castigo já tinha sido dado. Foi quando reforçou a conclusão de que o que aconteceu no sertão do Brasil tinha dia e hora marcada. Estava escrito. Pensava que ele estava naquele lugar exatamente para aquilo, para trair a confiança do seu superior. O criador, em sua sabedoria, colocou um homem ambicioso como elo do que ele sabia ia acontecer. O Senhor já tinha escolhido seu elenco, e frei Nelson, flechado pelo lado escuro, não se furtou em vender sua alma aos anjos caídos.

A doutora Cora estava de volta, encontrando o cardeal no seu gabinete. Estava exausta. Tinha ido mais uma vez à universidade onde Santiago era professor, e descobriu que a reitoria o tinha demitido por abandono de docência. Não podia dizer quem era ele, e, mesmo que pudesse, iam lhe chamar de insana. Estava em tempo de enlouquecer, sem saber como fechar qualquer raciocínio a respeito do assunto, tudo era vago, inconsistente. O cardeal também não

tinha novidades sobre qualquer um, mas tinha notícias do sertão, do Seridó e de sua gente simpática. Tinha recebido uma missiva de Odair, dizendo que o sertão estava verde como as asas do periquito, todos os rios e riachos estavam a transbordar. Estavam todos em regozijo, pois a chuva era sempre o bem natural mais esperado. Cora sorriu com a notícia. Ficou feliz. Iria dormir, pois pretendia retomar sua vida no dia seguinte. Voltaria ao Vaticano sem a esperança de rever Santiago, e esperaria, quem sabe, algum dia ter respostas para tantas perguntas. Pensava todos os dias onde estaria agora o Santo Graal e também não tinha respostas. Estava com a mente cansada, atropelada por pensamentos variados, perguntas, observações e uma lembrança constante da noite do sertão. Lembranças boas. Deitou e logo dormiu.

Santiago entrou no quarto de Cora e sorriu, como costumava fazer. Ele havia voltado. Estava muito sorridente e segurou sua mão ao sentar-se na beira da cama. Beijou-lhe a testa como um pai que beija uma filha antes do boa-noite, e a olhou como fazia quando queria falar. Estava muito bonito sentado ali, na beirada da sua cama. Não entendia por que estava o procurando na calada da noite e só depois de tantos dias. Talvez por ser uma criatura especial para Deus, um anjo guardião. Ele levantou-se da beirada da cama e caminhou pelo quarto, como fazia quando o assunto era importante. Cora se virou para ouvi-lo. Ele disse que Lúcifer foi vencido pelo seu sangue e estava junto aos anjos caídos, mas ele continuaria com seu reino obscuro, usurpando os de pouca ou nenhuma fé. Ele sempre existiria, fazia parte do eixo de sustentação do livre arbítrio. Também com os anjos caídos estava frei Nelson Marques, um espectro dotado de mil faces usado por Deus e Diabo para suas intenções. Era, como dizem, o chamado Coringa, cabia em todo lugar. Tudo estava escrito e planejado pelo Senhor para

acontecer como tinha acontecido. A vida dele na terra tinha sido regida pelo Senhor, um arcanjo que o protegia e um irmão gêmeo, o Dionísio, que o perseguia, como dizia o pergaminho: “O pai deu vida, seguida de vida, e poder, àquele que venerou meu sangue e se tornou guardião, porém o inimigo se fez presente e deu vida de um mesmo pai e mãe ao seu irmão, seu perseguidor, transferindo seu maléfico poder e lhe dando por nome Dionísio”. Esses irmãos nascidos do mesmo ventre estavam separados, como devem estar separados o bem e o mal. Dom Valentim era o inimigo, o Lúcifer que deu vida ao perseguidor e esperou por séculos aquele momento com o intuito de usurpar o poder.

Santiago agora caminhava de um lado a outro do quarto, observado por ela, quieta, calada, enquanto ouvia as respostas. Ele continuou: “O cálice representa o sangue de Cristo, tem muito poder. O anjo Lúcifer ouviu da escuridão o dia que Deus deu vida ao guardião. O bem e o mal. Há séculos que um guardião não tinha que defender o Cálice Sagrado, porque há séculos o Todo-poderoso não usava os serviços do frei Nelson Marques, que foi quem revelou a descoberta ao anjo negro travestido em Dom Valentin de Canto”.

Ela sentou na cama sem tirar os olhos dele e ficou a observá-lo caminhando de um lado a outro do quarto. Já não lembrava mais daquela mania dele de se movimentar quando falava. Eram outros tempos. Ele continuou a dar as respostas que precisavam ser dadas.

— Os três últimos guardiões que tocaram o Cálice Sagrado foram o padre Pierre Legam, o marinheiro Dantas e eu, mas o padre e o marinheiro não tiveram um frei Nelson Marques mandado por Deus para trair em nome de uma causa sem dimensão, de equilíbrio, que rege o ir e o vir dos mortais.

— Eu sou um descendente secular de José de Arimatéia, pois se fechar os olhos vejo o sofrimento do Messias. Àquela hora era chegada, o equilíbrio seria testado. O arcanjo Miguel continuava sua missão como o mais poderoso arcanjo criado pelo Senhor, capaz de se multiplicar para propagar bondades e castigos. Poderia ter qualquer forma, como a de Paula ou a de um pássaro. Não sabia onde o cálice estava como também não sabia onde ele mesmo estava desde a chuva de sangue. Parecia uma quinta onde tinha cavalos brancos.

Ele novamente sentou-se à beira da cama, agora do seu lado, tocou suas mãos, beijou sua testa, dessa vez como um pai que se despede de uma filha, e saiu.

Cora acordou sobressaltada ainda vendo a porta do quarto fechar-se na saída de Santiago. Era tudo muito real e correu à porta, abrindo-a, mas só viu o corredor vazio à sua frente. Ele tinha lhe dado às respostas num sonho quase real, do qual só se lembrava de pedaços depois de acordada. Estava aliviada. Sentiu seu toque. O que tinha ficado incompleto se completava. Acreditava que tinha sido escolhida para viver aquilo, e Santiago havia sido colocado em seu destino. Voltaria ao trabalho com a intenção de, com o passar do tempo, tentar compreender por completo essa passagem da vida.



Seridó Potiguar (dois meses depois)

A terra seca tinha ganhado chuva, como disse Odair na carta ao cardeal, e, molhada, dava bons frutos. Era tudo lindo no Seridó! A passarada aparecia num passe de magia. Não se sabia onde estavam

na ausência do verde e da água. Era uma sinfonia de cantos de todos os timbres e ritmos, além das cores vibrantes. O povo fazia a festa com a fartura certa e enchia suas calçadas com volumes de feijão e milho a secar ao fraco sol da manhã. Os carros de boi carregados de batata-doce, jerimum, melancia e melão trafegavam fazendo seus eixos engrachados gemerem enquanto os pneus marcavam as estradinhas de terra agora sem levantar pó. Tudo mudava para melhor quando os primeiros meses do ano traziam as esperadas chuvas. Aquela gente alegre, agora mais eufórica, desconhecia que um dia estiveram tão perto das digitais do filho de Deus. O incidente na mina não tinha mais relevância nas rodas de conversa. Tudo ali parecia regido de outra forma, com outra matemática, em que os dias são leves e as noites mais leves ainda, parecendo urgir-se num compasso de valsa.

Novamente o dia traz o sol fraco, que levanta o homem do campo em busca do seu roçado. Era assim nas terras molhadas do Seridó. Os partidos de milho bonecando, exibindo na sua floração cabelos delicados e transparentes como cabelos de boneca, reluziam e balançavam ao vento calmo. Nos partidos de feijão, os canivetes, como chamavam a pequena vagem exibindo ainda uma pétala seca da flor na sua ponta, balançavam delicados, prontos para crescerem e alimentarem aquelas pessoas. As já ruínas da majestosa cerca de pedra estavam agora cobertas de trepadeiras como melão-caetano, lava-pratos e maxixes. Os sabiás se deliciavam com os melões e suas apetitosas sementes vermelhas desabrochadas ao calor do sol. Os meninos colhiam os pepinos de lava-pratos para colocarem pernas de graveto e transformarem em baios, touros e vacas germinarem expectativas futuras. Era tudo passageiro. O boi a puxar o cultivador torna-se cúmplice do jovem pai de família que o guia a cortar a terra por ora próspera. Um cálice caído à margem do flanco de

terra levantado pela palheta do arado reluz e é apanhado pela mão do jovem pai. Daria de presente a sua esposa. Pensou que ela era merecedora daquela joia brotada da terra, estava de resguardo, e triste, pois, dos dois filhos que esperava, apenas José chorou.

Sobre o autor

Gabriel Lee

Nasceu em Carnaúba dos Dantas – RN, residindo hoje em Natal. Escritor dramaturgo, roteirista, graduado em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com especialização em Literatura Dramática. Possui alguns trabalhos literários já premiados e publicados dentre eles contos e peças de teatro.



Sobre a capa

As capas que compõem a coleção dos livros da terceira edição do Concurso Literário Américo de Oliveira Costa, realizado em 2021, são fruto de um processo artístico de colaboração entre a EDUFRN, a Editora IFRN e o artista independente Marcelo Augusto (@masagusto). O ilustrador carioca assina as obras a partir das quais foram construídas as capas dos três títulos: O cálice, De rastros e vidas e outros contos e Esquecimento e outros poemas.

A respeito de sua relação com o universo criativo e de sua participação neste projeto, Marcelo nos conta:

“Acredito que uma das primeiras formas que toda criança encontra para se expressar é a arte. Nesse caso, eu apenas continuei com essa paixão quando adulto. Às vezes próxima, às vezes um pouco distante, mas sempre meu refúgio. O desenho e a ilustração deram formas ao mundo que quero criar, nas cores que me trazem alegria e conforto.”

Os momentos em que ficamos em isolamento trouxeram de volta essa proximidade com a arte, em novos formatos, como as pinturas digitais, me fazendo descobrir e testar novas linguagens e novos mundos que podem e devem ser criados.

Para este projeto, deixo aqui a minha colaboração. Junto com a visão de toda a equipe criativa, tentei trazer um pouco desse prazer que se transforma em imagens, na intenção de provocar o mesmo que minhas referências me provocam desde que me entendo por gente. Agradeço aos envolvidos pela oportunidade.”

No processo de criação do projeto gráfico-editorial das capas, sob responsabilidade do designer Marcos Paulo, as ilustrações produzidas por Marcelo passaram por um processo de desconstrução e reordenamento dos seus elementos, preservando-se as cores e as formas originais. Desse olhar reflexivo, em diálogo com o artista, emergiram novas possibilidades de composição, agregando-se outras nuances, materializadas nas capas dos volumes ora publicados.



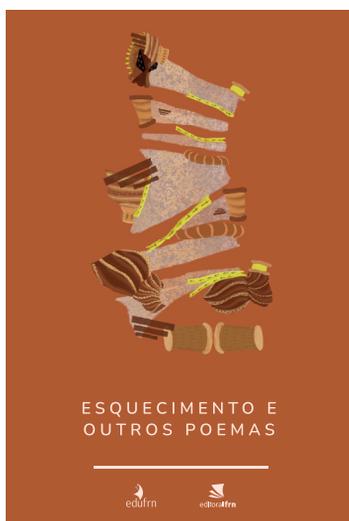
Américo de Oliveira Costa

Macau/RN, 22 de agosto de 1910

Natal/RN, 1º de julho de 1996

Filho de Pedro Vicente da Costa, baiano, e Victória Alves de Oliveira, potiguar. Aos quatro anos, perdeu a mãe. Dois anos depois, o pai. Ficou aos cuidados de Amélia, uma tia materna, casada com Damasceno de Oliveira, juiz na cidade de Mossoró, capital do oeste norte-rio-grandense. Aos 15 anos, já escrevia crônicas nos jornais *O Mossoroense*, *O Festeiro* e *O Riso*. Estudou o ginásio no Colégio Padre Félix, em Recife/PE, e no Colégio Atheneu Norte-rio-grandense, em Natal/RN. Em 1931, regressou à capital pernambucana para estudar na Faculdade de Direito do Recife, vivenciando períodos políticos de grande agitação. Aos 24 anos, tornou-se prefeito da cidade de Bebedouro-PE (atual

Agrestina). Foi ainda Promotor de Justiça em Currais Novos e Mossoró, Chefe de Gabinete do governador Rafael Fernandes (1938-1941) e Secretário-Geral de Estado do RN (1951-1956). Como membro da Academia de Letras do Rio Grande do Norte, Américo saudou diversas personalidades, entre elas o folclorista Luís da Câmara Cascudo e o maestro Heitor Villa-Lobos. Em 1981, foi condecorado como Professor Emérito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Na Faculdade de Direito de Natal, foi professor de Direito Internacional Privado e Direito Internacional Público. Na Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza, ministrou as disciplinas Cultura Brasileira e Redação de Jornalismo. Publicou os livros *Aurélio Pinheiro: tentativa de estudo crítico e biográfico* (1ª ed., 1950; 2ª ed., 2008), *Viagem ao universo de Câmara Cascudo* (1ª ed., 1969; 2ª ed., 2008), *Seleção de Luís da Câmara Cascudo* (1ª ed., 1972; 2ª ed., 1976), *O comércio das palavras: volume 1* (1989), *O comércio das palavras: volume 2* (1991), *O comércio das palavras: volume 3* (1993), *O comércio das palavras: volume 4* (1994), *A biblioteca e seus habitantes* (1ª ed., 1970; 2ª ed., 1982; 3ª ed., 2011). Ao final desta última, uma das suas obras mais celebradas, Américo registra um precioso e atual conselho do escritor francês Paul Guth (1910-1997) acerca da prática da leitura: “Antigamente era preciso ler para enriquecer a personalidade. Hoje não se trata mais desse refinamento. Trata-se de saber se pretendemos ou não, tornar-nos robôs, acionados por computadores ou permanecer homens. Leiamos, se quisermos continuar homens e mulheres”.



**Confira os outros dois títulos da terceira edição do
Concurso Literário Américo de Oliveira Costa**

